

MARCOS NESTOR STEIN

A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DA GERMANIDADE
EM MARECHAL CÂNDIDO RONDON (1946-1996)

Dissertação apresentada como requisito parcial
para a obtenção do título de Mestre em História.
Programa de Pós-Graduação em História.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Orientador: Prof. Dr. João Klug.


FLORIANÓPOLIS
2000

**A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE GERMANIDADE EM
MARECHAL CÂNDIDO RONDON (1946/1996)**

MARCOS NESTOR STEIN

Esta Dissertação foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do
título de MESTRE EM HISTÓRIA CULTURAL


BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. João Klug (Orientador/UFSC)

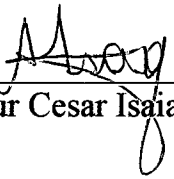


Prof.^a. Dr.^a. Maria Amélia Dickie (PPGAS/UFSC)



Prof.^a. Dr.^a. Eunice Sueli Nodari (UFSC)

Prof. Dr. Valberto Dirksen - suplente - (UFSC)



Prof. Dr. Artur Cesar Isaia - Coordenador do PPGH/UFSC

Florianópolis, 17 de março de 2000.

“A arte e a história são os mais poderosos instrumentos de indagação sobre a natureza humana. (...) A poesia não é uma simples imitação da natureza; a história não é uma narração de fatos e acontecimentos mortos. A história, assim como a poesia, é um sistema de auto conhecimento, um instrumento indispensável para construir nosso universo humano.”

CASSIRER, Ernst. **Ensaio Sobre o Homem**. São Paulo: Martins Fontes, 1994. p. 334.

Aos meus pais;
Roque e Suzana

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina - coordenação, professores e funcionários - pela oportunidade de formação profissional e humana.

CNPq pela Bolsa.

Ao amigo e orientador Prof. Dr. João Klug que, entre uma cuia e outra, me acompanhou no decorrer do curso.

Prof. Dr. Valberto Dirksen e Elza Daufenbach Alves, pela leitura atenta e sugestões que enriqueceram este trabalho.

Prof.^a Dr.^a Maria Amélia Dickie e Prof.^a Dr.^a Eunice Sueli Nodari pelas contribuições na banca final.

Instituições e pessoas que disponibilizaram seus arquivos e concederam as entrevistas.

Professores Nilceu, José Carlos e José Adilçom, pelas sugestões feitas quando da elaboração do projeto.

Neiva, Robi, Erondy, Ilse, Ivan e Paulo Konzen, pelas leituras e dicas.

Lori, Paulo Kolling e Lampião, pelo apoio.

Ivone, Marcelo, Mauro e Chuvisco, pelo auxílio na digitação.

Míngo, pela revisão final.

Colegas de Curso: Eveli, Viviane, Valdete, Alexandre, Leninha, Leonora, Marlon, Juçara, Frank, Gilson, José, Luciene, Lourival, Maurício, André.

André Fabiano e Tânia, parceiros de "Migrações".

Componentes do "COM": Emílio, Maurício, Sidnei e Jacques. Demais amigos; Zuleica, Luiz, Edelu, Paulo, Cláudio, Moisés e a rondonense Cristiane Fogaça.

Lú, pelo companherismo, apesar da distância.

Bia, pessoa rara, com quem tenho o privilégio de desfrutar a amizade.

SUMÁRIO

Lista de Ilustrações.....	vi
Locais Pesquisados.....	vii
Resumo.....	viii
Abstract.....	ix
Zusammenfassung.....	x
INTRODUÇÃO.....	01
CAPÍTULO I	
COLONIZAÇÃO E IDENTIDADE.....	11
1.1 A COLONIZAÇÃO: Breve Contexto.....	11
1.2 WILLY BARTH.....	18
1.3 O PLANO DE COLONIZAÇÃO.....	21
CAPÍTULO II	
O IV REICH.....	33
2.1 “COLÔNIAS DE NAZISTAS”. Outras Representações sobre Marechal Cândido Rondon.....	33
2.2 DISCURSOS SOBRE A POSITIVIDADE DO TRABALHO ALEMÃO: Outros sentidos.....	43
2.3 O AGENTE ERICH ERDSTEIN.....	51
2.4 LADISLAS FARAGO.....	65
CAPÍTULO III	
A CONSTRUÇÃO DA GERMANIDADE.....	75
3.1 ONDE O BRASIL ESTÁ EM ORDEM.....	75
3.2 O PROJETO DE CARACTERIZAÇÃO GERMÂNICA.....	85
3.3 A OKTOBERFEST.....	91
3.4 A ARQUITETURA.....	98
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	109
ANEXOS.....	113
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	123

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa n.º 01.....	04
Mapa n.º 02.....	13
Capa do livro de Ladislav Farago.....	66
Fotografia da página 228 do livro de Ladislav Farago.....	67
Fotografia de Willy Barth e do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon.....	77
Fotografia da cidade no jornal O ALENTO, de 1981.....	78
Folder: <i>Que Corajosa Aquela Gente</i>	93
Folder: <i>A Cidade mais Germânica do Paraná</i>	94
Fotografia do Portal de Entrada de Mal. Cândido Rondon.....	103
Fotografias da inauguração da PR 239 e do tronco de árvore.....	105
Fotografias da residência de Heribert Hans-Joachim Gasa.....	108

LOCAIS PESQUISADOS

Acervo Particular de Heiz Schmidt – Cascavel/ Pr

Acervo Particular de Heribert Hans-Joachim Gasa – Marechal Cândido Rondon/Pr.

Acervo Particular de Hugo Balko – Marechal Cândido Rondon/Pr.

Arquivo Histórico Willy Barth – Toledo/Pr.

Arquivo da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon/Pr.

Arquivo Público do Estado do Paraná – Curitiba/Pr.

Arquivo da Revista Oeste – Cascavel/Pr.

Biblioteca Municipal de Marechal Cândido Rondon/Pr.

Biblioteca Pública do Estado do Paraná – Curitiba/Pr.

Centro de Pesquisa e Documentação da América Latina – Unioeste – Marechal Cândido Rondon/Pr.

RESUMO

O trabalho investe na análise dos discursos sob os quais se construiu a germanidade como referência identificatória do município de Marechal Cândido Rondon - Paraná. O estudo divide-se em três capítulos. No primeiro, é apresentado o processo de ocupação do Oeste do Estado do Paraná, principalmente com relação à área onde hoje está localizado o referido município. No segundo capítulo são abordados os discursos que, nas décadas de 1960 e 1970, apresentam o município como uma “célula nazista”, onde supostamente estariam escondidos criminosos de guerra nazistas. No terceiro capítulo são analisados os discursos que, a partir de 1986, objetivam legitimar a configuração e consolidação do Projeto de Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon.

ABSTRACT

The work invests in the analysis of the speeches under which the germanidade was built as reference of identification of the municipal district of Marechal Cândido Rondon - Paraná. The study divides in three chapters. In the first, the process of occupation of the West of the State of Paraná is presented, mainly with relationship to the area where today is located the municipal district referred. In the second chapter are approached the speeches that, in the decades of 1960 and 1970, present the municipal district as a "Nazi cell", where supposedly would be hidden Nazi war criminals. In the third chapter are analyzed the speeches that, starting from 1986, objectify to legitimate the configuration and consolidation of the Project of Germanic Characterization of Marechal Cândido Rondon.

ZUSAMMENFASSUNG

Analyse der Reden unter welchen das Deutschum als Identifizierungsreferenz der Staatsgemeinde Marechal Cândido Rondon – Paraná sich bildete. Sie teilt sich in drei Kapitel. Das Erste diskutiert den Besetzungsprozess de West-Region von Paraná. Das Zweite kapitel erörtert die Reden, welche die Staatsgemeinde als eine *célula nazista* (Nazizille) darstellt, wo angeblich nazikriegsverbrecher versteckt wurden. Das Dritte Kapitel analysiert das benutzte Mechanismus für das Projekt der Deutschumskennzeichnung der Staatsgemeinde.

INTRODUÇÃO

*Os grupos étnicos, se não representam realidades substanciais existentes desde sempre, não se formam e não se mantêm a não ser atribuindo-se a história sedimentada. (...)A história comum pode ser puramente ficcional e invocada de acordo com as circunstâncias*¹.

Tendo como indicativo temporal o período compreendido entre 1946 e 1996, esta dissertação tem como objetivo analisar os discursos sob os quais se construiu a germanidade como referência identificatória do município de Marechal Cândido Rondon, localizado no Extremo Oeste do Paraná².

A concepção de identidade cultural conforme Stuart Hall³, nos serve como instrumento de auxílio nesta abordagem, pois este autor a percebe como uma construção realizada sempre por intermédio de memória, fantasia, narrativa e mito. E desta forma constituem-se como pontos de identificação, (...) *que podem ser instáveis ou de sutura, (...) feitos no interior dos discursos da cultura e da história*⁴. Portanto, a identidade cultural não é uma essência, mas um posicionamento. Assim:

¹ POUTIGNAT, Philippe e FENART, Jocelyne Streiff. **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: editora da UNESP, 1998, p. 164/ 5.

² *O município de Marechal Cândido Rondon compreendendo uma área de 1.047 Km², situa-se entre 24° 33' 40'' latitude sul e 54° 04' longitude oeste a 420 metros acima do nível do mar, distante 631 km de Curitiba, capital do Estado do Paraná, na região sul do Brasil. Com a formação do lago artificial de Itaipu foram desapropriados 159Km² do total do município.* SAATKAMP, Venilda. **Desafios Lutas e Conquistas. História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: ASSOESTE, 1985. p.65. Em 1993 foram desmembrados os atuais municípios de Quatro Pontes, Entre Rios do Oeste, Pato Bragado e Mercedes.

³ HALL, Stuart. **Identidade Cultural e Diáspora**. In: Revista do Patrimônio Histórico. Volume temático: Cidadania, n.º 24, 1996. p. 70.

⁴ Idem. *Ibidem*.

Ao invés de pensarmos a identidade por um fato que, uma vez consumado, passa, em seguida, a ser representado pelas novas práticas culturais, deveríamos pensá-la, talvez como produção que nunca se completa, que está sempre em processo e é sempre constituída interna e não externa à representação. (...) todo regime de representação é um regime de poder formado, como lembrou Foucault, pelo binômio fatal 'conhecer/poder'.⁵

A germanidade, portanto, é aqui entendida não como algo dado, pronto ou imutável, mas como uma construção, ato de irmanar, reunir o grupo de descendentes de alemães através de um conjunto de práticas articuladas: sociais, políticas e discursivas, baseadas sobretudo numa história sedimentada.

Neste sentido, além de ter esse caráter de auto-atribuição, de aglutinação – o que será exposto no decorrer deste trabalho – *a identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros com os quais está em contato (...)*⁶. Ou seja, a identidade também está ligada à uma diferenciação, à alteridade, em que ao apontar o “outro”, o diferente, busca-se também o auto reconhecimento como diferente e fazer-se reconhecer como tal pelos “outros”. Portanto, como afirma Denys Cuche, ao comentar o pensamento de Fredrik Barth:

Deve-se tentar entender o fenômeno da identidade através da ordem das relações entre os grupos sociais. Para ele a identidade é um modo de categorização utilizado pelos grupos para organizar suas trocas. Também, para definir a identidade de um grupo, o importante não é inventariar seus traços culturais distintos, mas localizar aqueles que são utilizados pelos membros do grupo para afirmar e manter uma distinção cultural.⁷

⁵ Idem p. 68.

⁶ CUCHE, Denys. *A Noção de Cultura nas Ciências Sociais*. Florianópolis: EDUSC, 1999. p. 183.

⁷ Idem. *Ibidem*. Para mais informações ver: BARTH, Fredrik. *Grupos Étnicos e suas Fronteiras*. In: POUTIGNAT, Philippe e FENART, Jocelyne Streiff. Op. Cit., p. 185-229.

Contudo, cabe salientar que (...) *uma identidade étnica seja sempre de um certo modo criada ou inventada, não implica por isso que seja inautêntica ou que os atores que a reivindicam possam ser taxados de má-fé*⁸.



Fonte: SAATKAMP, Venilda. **Desafios Lutas e Conquistas. História de Marechal Cândido Rondon.** Cascavel: ASSOESTE, 1985, p. 65.

O surgimento da cidade de Marechal Cândido Rondon se deu na forma de uma colonização dirigida quando, em 1946, a Industrial Madeireira Rio Paraná S.A. – MARIPÁ – adquiriu a área denominada “Fazenda Britânia” e iniciou o processo de colonização. Suas ações não se restringiram em apenas lotear e vender as terras, mas em planejar, dirigir, fornecer uma infraestrutura e, principalmente, selecionar os indivíduos para quem seriam vendidos os lotes. Para tanto, elaborou-se um Plano de Colonização, documento que descrevia os objetivos da empresa, onde se dá preferência aos descendentes de imigrantes italianos e alemães, considerados mais aptos para colonizarem essa área.

⁸ POUTIGNAT, Philippe. Op. Cit. p.195.

Algumas comunidades foram formadas majoritariamente por descendentes de imigrantes italianos e outras por descendentes de imigrantes alemães. No espaço onde hoje se situa a referida cidade, temos uma população predominantemente formada por descendentes de imigrantes alemães, oriundos dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

Em 1986 verifica-se a elaboração do Projeto de Caracterização Germânica da cidade, que engloba a criação de festas típicas, no caso a Oktoberfest, e a estilização arquitetônica da cidade – Enxaimel e Casa dos Alpes. Sendo que os discursos presentes em panfletos, jornais e revistas, produzidos principalmente quando da realização da Oktoberfest⁹, apresentam Marechal Cândido Rondon como “A cidade mais germânica do Paraná”, pois seu povo “preserva sua cultura de origem”. O que se apresenta também como uma tentativa discursiva de se criar uma “memória coletiva” que, como mostra Michel Pollak¹⁰, é algo construído e passível de alterações.

Destarte, pretende-se analisar a emergência destes discursos, suas continuidades e rupturas, onde falas do passado são rerepresentadas e entrelaçadas com falas do presente visando legitimar uma determinada realidade social, ou como afirma Roger Chartier: (...) *identificar como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler (...)*¹¹

Assim, ao analisarmos os discursos que visam construir a germanidade como referência identificatória em Marechal Cândido Rondon, não pretendemos (...) *fazer a*

⁹ Para fins de delimitação do tema optou-se em focar a documentação do período compreendido entre 1986-1996.

¹⁰ Conforme Pollak: (...) *Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.* E a construção da memória, segundo o autor, também é realizada a partir de pontos de referência: (...) *na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis.* (...). POLLAK, Michel. Memória e Identidade Social. Rio de Janeiro: Estudos Históricos, vol. 5, n.º 10, 1992. p. 10.

¹¹ CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990, p.17.

*partilha entre o que o discurso releva de cientificidade e da verdade e o que se revelaria de outra coisa; mas de ver historicamente como se produzem efeitos de cientificidade e da verdade no interior de discursos que não são em si nem verdadeiros nem falsos(...)*¹².

A idéia inicial era fazer uma análise dos discursos que constroem a germanidade em Marechal Cândido Rondon enfocando principalmente aqueles vinculados pelo poder público e imprensa local, quando da realização das Oktoberfest, pois percebe-se que estes buscam nos discursos da empresa MARIPÁ, quando da colonização, grande parte de suas condições de produção, ou seja, o fato de a cidade ter sua origem na chegada de descendentes de imigrantes alemães. É neste contexto que temos a relação do discurso com a memória¹³, ou conforme Eni Orlandi: *(...)memória discursiva: o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído(...) que afetam o modo como o sujeito significa em um situação discursiva dada(...)*¹⁴

Contudo, ao se analisar fontes como o Projeto de Caracterização Germânica¹⁵ do município, verificou-se que, além dos discursos que justificam a realização do projeto, há um discurso que busca desclassificar um outro discurso, o qual apresenta o fato da população do município ser composta em grande parte por descendentes de imigrantes

¹² FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 2.^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981. p. 07. Com relação ao discurso, cabe lembrar que este autor aponta o discurso como dispersão: “(...) Deve-se conceber o discurso como uma série de segmentos descontínuos, cuja função tática não é uniforme nem estável. Não se deve imaginar um mundo do discurso dividido entre o discurso admitido e o discurso excluído, ou entre o discursos dominante e o dominado; mas, ao contrário, como uma multiplicidade de elementos discursivos que podem entrar em estratégias diferentes. In: FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A Vontade de Saber**. 11.^a ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 95.

¹³ Segundo Pollak, (...) a memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que quer se salvar, se integra (...) em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes (...). In: POLLAK, Michel. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Rio de Janeiro: **Estudos Históricos**, vol. 3, 1989. p. 09.

¹⁴ ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas : Pontes, 1999. p.31.

¹⁵ SCHURT, Wiland. **Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon**. Marechal Cândido Rondon: Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, 22 de setembro de 1986.

alemães como algo negativo, um indicio de nazismo. A descoberta de novas fontes sobre essa questão forneceu subsídios para redirecionar a análise bem como a estrutura do trabalho inserindo um novo capítulo, onde se apresentará o discurso sobre a suposta presença de nazistas no município e suas relações com os discursos presentes no projeto de germanização.

A informação acerca da existência de fontes sobre essa questão se deu em função da vinculação de algumas matérias na revista **Oeste**¹⁶, que noticiaram a abertura dos arquivos da antiga Delegacia de Ordem Política e Social - DOPS¹⁷. Este acervo continha documentos relativos aos mais diversos temas e entre eles as “atividades nazistas no país”¹⁸. Nesta documentação encontra-se o relatório do agente Erich Erdstein, que apresenta Marechal Cândido Rondon como uma “colônia de nazistas”¹⁹ onde supostamente estariam refugiados Martin Bormann, assessor de Hitler, e o médico Joseph Mengele.

Desta forma, optou-se em dividir a dissertação em três capítulos. No primeiro tratar-se-á de discutir o processo de ocupação da região Oeste do Paraná, principalmente com relação à área adquirida pela MARIPÁ, procurando perceber os mecanismos discursivos utilizados na construção do “colono ideal” para ocupar a referida área. Para isso serão analisados os discursos presentes no Plano de Colonização da empresa, com enfoque especial nos discursos que procuram justificar, legitimar a escolha do colono percebido como ideal para quem seriam vendidas as terras.

¹⁶ Revista **OESTE**. Cascavel: agosto de 1991. p. 25/6.

¹⁷ O decreto que extinguiu a Subdivisão de Informações da Polícia Civil e a transferência de todo o acervo da antiga Delegacia de Ordem Política e Social para o Arquivo Público do Estado do Paraná foi criado em 11 de julho de 1991, no governo de Roberto Requião. Idem. p.25.

¹⁸ Idem. Ibidem.

¹⁹ ERDSTEIN, Erich. **Criminosos de Guerra no Brasil: Sua Localização e Atividades no Estado do Paraná – Relatório Parcial**. Curitiba: Secretaria de Segurança Pública, Dossiê nº 00551, caixa nº 062 – DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná, 1968, p. 02.

No segundo capítulo pretende-se analisar os discursos que apresentam o município como algo perigoso, um reduto de nazistas. Neste momento, o objetivo principal não é a verificação da veracidade ou não das denúncias, mas de perceber as relações destas com os discursos apresentados no projeto de germanização, ou seja, suas implicações na constituição de uma identidade germânica no município. Para isso, primeiramente analisamos a reportagem do vespertino paulista **Jornal da Tarde**, órgão de imprensa associado ao jornal **O Estado de São Paulo**, que baseou sua reportagem no relatório elaborado por Erich Erdstein. Em seguida far-se-á uma análise de dois livros que também constituem-se discursos que representam a cidade como um núcleo nazista, um quisto étnico cuja formação encontra-se vinculada às ações da MARIPÁ: o livro do próprio Erdstein²⁰ e o de Ladislav Farago²¹ escritor que publicou vários *best sellers*²². Além disso, apresentaremos as entrevistas concedidas por Heribert Hans Joachim Gasa, que gentilmente cedeu a maior parte das fontes utilizadas neste capítulo, bem como de Ingrun Seyboth e seu marido Friedrich Rupprecht Seyboth.²³

O terceiro e último capítulo visa historicizar os mecanismos de construção da germanidade como referência identificatória do município, tomando como foco de análise o Projeto de Caracterização Germânica, elaborado em 1986 por Wiland Schurt, Secretário de Indústria e Comércio do município. É neste documento que se mostra o jogo discursivo em que se desclassifica os discursos que representam o município

²⁰ ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. **Renascimento da Suástica no Brasil. A verdadeira história de Os Meninos do Brasil**. Nórdica, s/d.

²¹ FARAGO, Ladislav. **Martin Bormann and the Fourth Reich**. New York: Simon and Schuster, 1974.

²² Entre eles estão alguns que serviram como material para produção de filmes. É o caso do livro: *Patton: Ordeal and Triumph* (Patton: Sacrifício e Triunfo).

²³ As entrevistas encontram-se em jornais, pois somente Gasa vive. Este, ao ser solicitado para ceder uma entrevista, preferiu ceder os jornais e revistas que contém suas entrevistas concedidas em 1978, 1993 e 1997.

como um quisto étnico, cujas características da população são representadas como algo negativo, perigoso, e se tem uma revalorização, uma positivação destas características.

Neste capítulo também abordar-se-á os discursos que compõem o cenário da Oktoberfest, objetivando apresentá-la como uma forma de manifestação da cultura germânica. Neste sentido procurar-se-á também analisar o projeto que trata da regulamentação da isenção de IPTU para os imóveis edificados ou com sua fachada modificada para os estilos denominados “Enxaimel” e “Casa dos Alpes” percebendo as formas de legitimação, os lugares e falas autorizadas de produção deste discurso, no caso, principalmente profissionais ligados à Engenharia e Arquitetura.

Cabe salientar que este estudo não visa uma abordagem somente da festa²⁴ ou sobre o período da colonização²⁵, mas analisar os jogos discursivos que se encontram presentes nestes acontecimentos e períodos e que constituem os efeitos de sentido dos discursos que constroem a germanidade no município, pois como afirmou Bernadete Ramos Flores:

Trabalhar com o discurso não trai a idéia de que a história se explica pelo que foi o seu fazer, pois se o historiador ocupa-se

²⁴ Especificamente sobre a Oktoberfest temos: FLORES, Bernadete Ramos Flores. **Oktoberfest. Turismo, Festa e Cultura na estação do Chopp**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997. E em Marechal Cândido Rondon: IURKIV, José E. **Criação e implicâncias na Construção de uma Identidade Cultural Rondonense. Marechal Cândido Rondon**. (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE, 1993. LIMBERGER, Lucinéia. **A Construção de uma Identidade Germânica em Marechal Cândido Rondon- 1950-95** (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE, 1995. SMANIOTO, Jeferson. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon (1987 – 1996)** (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE 1997. QUEIRÓS, Hise Lorena von Borstel Galvão de. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Pr: um estudo sobre o significado do lazer entre os descendentes de alemães**. Campinas: (Dissertação de Mestrado Curso de Pós-Graduação em Educação Física) Campinas: UNESP, 1999.

²⁵ Sobre esse tema encontra-se, entre outros.: WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros Mensus e Colonos. História do Oeste Paranaense**. 2ª edição. Curitiba: Vicentina, 1987. NIEDERAUER, Ondy H. **Toledo no Paraná. A História de um Latifúndio Improdutivo, sua Reforma Agrária, sua Colonização, seu Progresso**. Toledo: Manz Etiquetas Adesivas, 1992, SAATKAMP, Venilda. **Desafios Lutas e Conquistas. História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: ASSOESTE, 1985, SILVA, Oscar. (et alii) **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988. Recentemente GREGORY, **Os Euro-brasileiros e o Espaço Colonial: A dinâmica da colonização no Oeste do Paraná**. Niterói: (Tese de Doutorado em História Social) Universidade Federal Fluminense, 1997.

não do que fazem as pessoas, mas do que dizem, o método a ser seguido será o mesmo. O discurso designa tanto o que dizem as pessoas quanto o que é praticado, e ilusório seria pensar que se possam separar representações e enunciados de um lado e prática de outro. Os enunciados e as representações são parte da prática e eles tanto podem operar por meio dos signos lingüísticos, das figuras mitológicas e da religião, ou dos conceitos científicos ²⁶.

Nesta perspectiva, busca-se com este trabalho realizar uma leitura dos discursos que delineiam formas de representação do presente através de leituras de discursos sobre o passado do município e que desta forma forjam, visam construir Marechal Cândido Rondon como “a mais germânica do Paraná”.

²⁶ FLORES, Maria Bernadete Ramos. **A Farra do Boi. Palavras, sentidos e ficções.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1997. p. 26.

CAPÍTULO I

COLONIZAÇÃO E IDENTIDADE

*Num relato lemos o seguinte: 'Em 1951 foi fundada a Colônia General Rondon, de cujo estabelecimento e desenvolvimento participaram exclusivamente alemães. Quem hoje visitar General Rondon, mal pode compreender que há três anos apenas imperava nesta região, impenetrável, a mata virgem. Com perseverança tenaz e a custa de muito trabalho, o colono germânico lá mostrou a sua capacidade. O primeiro habitante e fundador de General Rondon é o Sr. Benno Weirich; derrubou a primeira árvore a fim de iniciar a construção da localidade. Durante cinco meses viveu com a mulher e os filhos em meio da selva, completamente isolado de qualquer comunicação. (...) Os colonos que ali se estabeleceram já não são principiantes no uso indispensável do machado, facão e enxada. Afigura-se-lhes natural o ponto de partida colonizador. De resto é com verdadeiro zelo que cuida deles o diretor da colônia, Willy Barth, (...)'*²⁷.

1.1 A COLONIZAÇÃO²⁸: Breve Contexto

O livro de Aulich, publicado em função dos atos comemorativos do 1º centenário de emancipação política do Estado do Paraná, objetiva apresentar as contribuições dos alemães na formação e desenvolvimento do Estado. No caso do fragmento acima, nos apresenta o discurso sobre o surgimento de General Rondon²⁹. O que se constitui como um dos primeiros a apresentar os aspectos relativos aos discursos

²⁷ AULICH, Werner. **O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos.** Curitiba: Editado pela Comissão de festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953. p. 43-4.

²⁸ O termo colonização é aqui empregado para designar o processo de ocupação da área pelos agricultores descendentes de imigrantes italianos e alemães após 1946.

²⁹ A localidade recebeu esta denominação em homenagem ao militar e sertanista general Cândido Mariano da Silva Rondon. Em 1956 este foi promovido ao posto de Marechal, mudança que também foi adotada quando da instalação do município em 1960. In: SAATKAMP, Venilda. Op. Cit., p. 74 e 226.

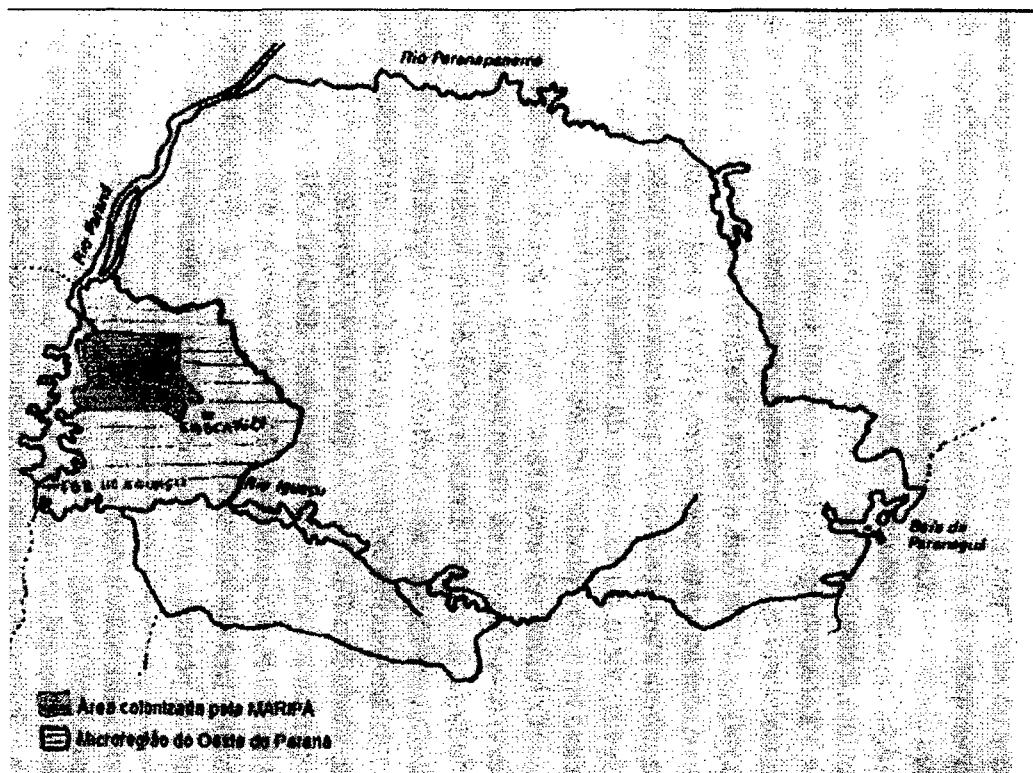
que serão abordados neste trabalho, pois é no fato de o seu primeiro morador, a exemplo da maioria dos que vieram depois, ser um “colono germânico”, que se fundamentou, em grande medida, os discursos vinculados nos anos 70, 80 e 90 que forjam a germanidade como referência identificatória de Marechal Cândido Rondon. Mas, para uma melhor compreensão do tema proposto, cabe tecer alguns apontamentos a respeito do contexto em que se desenrolou a colonização do Extremo Oeste do Paraná.

Até meados deste século, as terras situadas na região Extremo Oeste do Paraná eram ocupadas por empresas de capital estrangeiro, inglês e argentino, que utilizavam como mão-de-obra índios e mestiços denominados “mensus”. Através de concessões por parte do Estado do Paraná, estas empresas mais conhecidas como “Obrages” dedicavam-se sobretudo à extração de erva-mate e de madeira.³⁰ A *Compañia Maderas del alto Paraná*, uma empresa de capital inglês com sede em Buenos Aires, Argentina, era a maior “Obrage” que operava na área, denominada Fazenda Britânia³¹, onde hoje se encontra o município de Marechal Cândido Rondon.³²

³⁰ Por extensão da terminologia adotada em território argentino, as mesmas propriedades ou concessões em território brasileiro foram também denominadas Obrages, que significa originalmente local onde se trabalha manualmente. Mensus eram índios e mestiços que trabalhavam nas empresas extrativistas da referida região e recebiam seus ordenados por mês, geralmente em alimentos. Ver: WACHOWICZ, Ruy C. *Obrageros Mensus ...* Op. Cit. 2ª edição. Curitiba: Vicentina, 1987. p. 194.

³¹ A Fazenda Britânia tem a forma de um retângulo quase perfeito, margeando o rio Paraná entre a foz do rio São Francisco e a do rio Guaçu e penetrando para leste numa linha de aproximadamente 78.5 Km, com uma área total de aproximadamente 27.474Km². In: SILVA Oscar (et alii). Op. Cit., p. 33.

³² A outra Obrage que operava na área era denominada de Porto Artaza, cujo proprietário era Júlio Thomas Allica. Para mais informações consultar SAATKAMP, Venilda. *Desafios Lutas ...* Op. Cit., p. 14.



Fonte: SCHREINER, Davi Félix. *Colonização Trabalho e Poder. A formação da cultura do trabalho no extremo oeste do Paraná*. 2.^a ed. Toledo: Editora Toledo, 1997. p. 19.

De acordo com o registro de Imóveis, Títulos e Documentos a aquisição desta área pela *Companhia de Maderas del Alto Paraná* se deu da seguinte forma:

A Companhia de Maderas del Alto Paraná, com sede em Buenos Aires, República Argentina, adquiriu o imóvel Fazenda Britânia, do governo do Estado do Paraná, por dois títulos de domínio direto, expedido pelos Governos dos Doutores Joaquim Monteiro de Carvalho e Francisco Xavier da Silva, em virtude da lei n. 68 de 20 de dezembro de 1892 e o Artigo n. 147 do respectivo regulamento; sendo o primeiro de número 0206 de 27 de agosto de 1907, e o segundo de número 0298 de 23 de março de 1911. Os dois títulos se acham devidamente arquivados na Diretoria de obras Públicas de Colonização do Estado do Paraná, o primeiro a folha n.º. 298 do livro 4. Estes dois títulos se acham devidamente transcritos no Cartório de Registro geral de Imóveis, Títulos e Documentos da Comarca de Foz do Iguaçu, em uma só transcrição pois são imóveis confiantes sem solução de continuidade, tendo a referida transcrição tomado o número 461 e se acha à folha número 93, do livro número 3, em data de 29 de setembro de 1933.³³

³³ Cf. Escritura Pública, Registro de Imóveis e Documentos. Comarca de Toledo, PR. Apud: SAATKAMP, Venilda. Op. Cit., p. 20.

Contudo, a partir da década de trinta vários fatores contribuíram para o declínio das atividades dessas empresas, entre os quais podemos citar a intenção do governo federal de “nacionalizar as fronteiras”, bem como de preencher “vazios demográficos”. Tal intenção apresenta-se já no ano de 1937, quando o presidente Getúlio Vargas inseriu na Constituição o artigo nº165³⁴, obrigando as Empresas situadas nas regiões de fronteiras a empregarem indivíduos de origem nacional. Neste sentido, temos também a lei n.º 1.164 de 18 de março de 1939, que em seu artigo 13º decreta que *a administração da empresa que esteja confiada a brasileiros natos, ou naturalizados a mais de dez anos*³⁵, o que prejudicou ainda mais os negócios das referidas empresas, que também começavam sofrer a concorrência da erva mate produzida na Argentina.³⁶

Somando às dificuldades financeiras, temos a passagem da Coluna Prestes pela região que na segunda metade da década de 1920, (...) *desertou completamente o porto, incendiou armazéns, matou 900 reses (...) e onde permaneceu 8 meses.*³⁷

Ruy Wachowicz afirma que: (...) *Pretendia-se criar na região da fronteira guarani um território federal. Era o pensamento do grupo liderado por Getúlio Vargas aglutinar as terras do Oeste de Santa Catarina, Sudoeste e Oeste do Paraná e formar uma nova unidade da federação.*³⁸ De fato, esse projeto foi levado a cabo desembocando, em 1943, na criação do território do Iguaçu, sendo posteriormente,

³⁴ WACHOWICZ, Ruy C. Op. Cit., p. 151.

³⁵ DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba: n.º 2.041, ano 09. 30 de março de 1939. p. 01.

³⁶ WACHOWICZ, Ruy C. Op. Cit., p. 157.

³⁷ PAWELKE, J. *Ficando Rico no Oeste do Paraná. Uma pequena história do oeste do Paraná especialmente do município de Marechal Cândido Rondon.* s.d. mimeo. p. 21. Sobre a passagem da Coluna Prestes pela região. Ver: WACHOWICZ, Ruy C. Op. Cit., p. 79-122.

³⁸ WACHOWICZ, Ruy C. *História do Paraná.* 6ª edição. Curitiba: Vicentina, 1988. p. 237.

anulado no ano de 1947. Neste projeto,³⁹ pode-se perceber um certo interesse do próprio Getúlio Vargas em ampliar sua base eleitoral através da migração de indivíduos vindos do Rio Grande do Sul e Santa Catarina.

Neste contexto, a colonização do Oeste paranaense faz parte de um projeto nacional, a “Marcha para o Oeste” que segundo Alcir Lenharo (...) *trabalhava numa dimensão positiva para o país- a fraternidade solidariedade- perfeitamente contraposta à imagem negativa da marcha ocorrida na década anterior- a da Coluna Prestes(...)*.⁴⁰

O interesse em preencher os “vazios demográficos” do Estado do Paraná, também encontra-se presente nos discursos dos governadores Moysés Lupion, que exerceu o cargo de 1947 a 1951 e de 1956 a 1961 e Bento Munhoz da Rocha Neto, governador de 1951 a 1955. Para Lupion, ao Estado cabia a tarefa de coordenar uma política de colonização, ou seja:

*Atrair imigrantes, localizá-los de acordo com suas melhores possibilidades de adaptação, dar-lhes oportunidades de trabalhar terras férteis e promissoras - esse é certamente um programa de trabalho que consulta e respeita os mais altos interesses públicos . E foi o que se fez, no exercício passado, através de uma ação administrativa crescente e cuidadosa.*⁴¹

Com tal intento, foi criada, em 1947, a Fundação Paranaense de Imigração, e em 1948, o Departamento Administrativo do Oeste. Estes órgãos tinham a função de planejar, organizar e executar a ocupação das terras “ociosas” do Estado, além de

³⁹ O decreto lei n.º 5839 de 21 de setembro de 1943 dispõe sobre a administração dos territórios federais do Amapá, Rio Branco, Guaporé, Ponta Porã e Iguassú. Ver: **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: N.º 3291, ano 13. 09 de outubro de 1943. p. 01.

⁴⁰ LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papirus, 1986. p. 73.

⁴¹ IPARDES- Fundação Edison Vieira. **O Paraná Reiventado: política e governo**. Curitiba: 1989. p. 31.

fortalecer a presença do poder público estadual junto às áreas de ocupação “sulistas e nortistas.”⁴²

Junto a isso, havia o interesse de grupos de empresários do Rio Grande do Sul que, com apoio do governo federal, queriam a área para realizar negócios imobiliários e (...) *paralelamente escoar para a região o excesso de mão-de-obra já detectada no Rio Grande do Sul (...)*.⁴³

Segundo Ondy Niederauer, ex-contador da MARIPÁ, quando um desses empresários, Alberto Dalcanalle, amigo de Willy Barth, ficou sabendo que a fazenda Britânia estava a venda, requereu à Secretaria de Viação e Obras Públicas a certidão de título das referidas terras. De posse deste documento, se dirigiu para Buenos Aires e firmou compromisso de compra da área. Com o objetivo de conseguir capital para a compra, procurou Alfredo Pascoal Ruaro e juntamente com um grupo de comerciantes do Rio Grande do Sul, fundou a Industrial Madeireira Rio Paraná S. A –MARIPÁ⁴⁴.

Assim, a MARIPÁ, criada na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, em 1946, tendo como maiores acionistas Alfredo Paschoal Ruaro, Curt Bercht, Alberto Dalcanalle, Otto Reginaldo Renaux⁴⁵ e Willy Barth, adquiriu a área denominada de Fazenda Britânia, por compra da *Compañia Maderas del Alto Paraná*, e iniciou o processo de colonização instalando um escritório em Toledo, Paraná.

De acordo com os documentos do Cartório de Registro de Imóveis, Títulos e Documentos da comarca de Toledo:

⁴² Idem. *Ibidem*.

⁴³ WACHOWICZ, Op. Cit., p. 237.

⁴⁴ NIEDERAUER, Ondy Hélio. Op. Cit., p. 33.

⁴⁵ Este é oriundo de Brusque, Santa Catarina. Para mais informações sobre os acionistas da MARIPÁ, ver: GREGORY, Valdir. Op. Cit., p.162.

A Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A, adquiriu o imóvel Fazenda Britânia, onde se acham encravadas as chácaras nºR-59 e R-60, do loteamento da zona suburbana da cidade de Marechal Cândido Rondon, conforme escritura pública de compra e venda, lavrada nas notas do Tabelião Mário Maciel da Costa, em Porto Alegre, Capital do Estado do Rio Grande do sul, em data de 10 de setembro de 1946 e se acha às folhas nº13 e 13V do livro nº99, cuja escritura está devidamente transcrita às folhas 14 e 15 do Livro nº3, sob nº1.460, em data de 14 de setembro de 1946, no Cartório de registros e Imóveis, Títulos e Documentos da Comarca de Foz do Iguaçu, e as folhas 12 e 13 do livro nº3, sob nº17, no Cartório de Registro geral de Imóveis, Títulos e Documentos da Comarca de Toledo em data de 8 de setembro de 1954, data da criação da Comarca de Toledo.⁴⁶

Conforme seu estatuto, a MARIPÁ tinha como principais finalidades a compra e venda de terras, extração, beneficiamento e exportação de madeira.⁴⁷ Sendo que até 1949, a direção da empresa permaneceu com Alfredo Paschoal Ruaro que, segundo Wachowicz⁴⁸, representava o “grupo italiano”, pois os acionistas da empresa ficaram divididos em dois grupos. Com 33% das ações, havia o grupo formado por acionistas “italianos” e o grupo “alemão” com 66% das ações⁴⁹. Em 1949, o cargo de diretor passou a ser ocupado por Willy Barth.

Experiente colonizador gaúcho, de origem germânica. Com essa mudança de diretoria, iniciava a Maripá, a segunda fase de sua história. A Maripá madeireira, agora passaria a ser predominantemente colonizadora⁵⁰.

⁴⁶ SAATKAMP, Venilda Op. Cit., p. 37.

⁴⁷ SILVA, Oscar (et alii) Op Cit., p. 57-8.

⁴⁸ WACHOWICZ, Ruy C. Obrageros...Op. Cit., p. 168.

⁴⁹ Idem Ibidem.

⁵⁰ Idem. p. 173.

A partir da ascensão de Willy Barth à direção da empresa, percebe-se, portanto, um redirecionamento na política da empresa através da intensificação da colonização e que foi desenvolvida com base no Plano de Colonização. É nesse contexto que se inicia a formação da vila de General Rondon. Diante da importância das ações realizadas por Willy Barth, cabe, portanto, tecer algumas considerações a seu respeito.

1.2 WILLY BARTH

Em 1949, ao ser eleito diretor desta empresa, mudou-se para Toledo no Paraná, de onde passou a comandar as atividades da colonizadora. O que segundo Wilson Carlos Khun:

*(...) mudou a feição da incipiente colonizadora e da nascente cidade de Toledo. Organizou a exportação de madeiras, implantou novas indústrias (cerâmicas, fundição, serrarias, marcenarias, oficinas mecânicas, etc.). (...) Na obra colonizadora, desempenhou um papel nitidamente paternalista: recebia os novos colonos de braços abertos, mostrava-lhes as terras, acompanhava-os durante o dia e, à noite, cantava com eles para afugentar o cansaço e a tristeza da saudade. Na obra empresarial, era o administrador de pulso firme, (...)*⁵¹.

Essas considerações demonstram que as ações de Willy Barth à frente da administração da MARIPÁ não se restringiu somente à venda das terras, mas no apoio material e moral aos colonos, o que lhe proporcionou uma ascensão na vida pública da região chegando a exercer o cargo de prefeito de Toledo, em 1960, e a pleitear uma cadeira no Senado, quando veio a falecer em 02 de abril de 1962. Conforme análise feita por Róbi Jair Schmidt: *(...) Seus empreendimentos tiveram efeitos tão marcantes*

⁵¹ Idem, p. 02.

na região a tal ponto que as pessoas identificavam a MARIPÁ à figura de Willy Barth, ou seja, muitas das atividades desenvolvidas pela MARIPÁ eram atribuídas às ações de Barth⁵². Entre elas encontra-se a fundação de várias localidades, como a vila General Rondon.

Segundo algumas publicações que abordam a questão da colonização, uma das principais características que possibilitaram que a colonização fosse bem sucedida foi a implantação do “esquema alemão”⁵³, denominação dada ao Plano de Colonização. Este documento fixava os rumos da colonização adotados sob a direção de Willy Barth, ou seja, a definição do tipo de propriedade e as características do grupo humano para quem seriam vendidas as terras.

1.3 O PLANO DE COLONIZAÇÃO

Se no principio a iniciativa pertencia ao ‘grupo italiano’ de Dalcanale, ao cabo das obras de infraestrutura e com o aumento do comércio madeireiro, cujas partidas escoava-se através dos portos do Rio Paraná, entrava em funcionamento o ‘esquema Alemão’. Willy Barth arrancava a empresa de sua função imediatista de exportadora de madeira e a tornava uma companhia colonizadora por excelência. (...) O ‘esquema alemão’, elaborado segundo um planejamento que favorecia a todos - empresa e colonos – foi tão completo que apresentava definições diferentes e adaptáveis aos três tipos de propriedades que comercializava: o lote urbano, a chácara nas cercanias do núcleo urbano e as colônias.⁵⁴

Segundo ficha catalográfica do museu histórico “Willy Barth” de Toledo, o Plano de Colonização foi elaborado em 1955 pelo contador da MARIPÁ Ondy Hélio Niederauer, em função de um concurso realizado em Londrina –PR para escolher os

⁵² SCHMIDT, Róbi Jair. **Cenas da Constituição de Um Mito Político**. Curitiba: Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, 2000. p. 12.

⁵³ Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 53. outubro de 1990. p. 51.

⁵⁴ Idem.

municípios que mais “progrediram” naquele ano. Com 45 páginas, o texto⁵⁵, que define os objetivos e procedimentos adotados pela empresa após a ascensão de Willy Barth, divide-se em duas partes, uma que o autor denominou “teórica” e outra “prática”, sendo que:

(...) Na primeira, temos um estudo do plano de colonização, levando em conta a localização da área, propriedade do solo, clima, agricultores, povoamento, produtos e outros aspectos deste grande empreendimento. Na segunda parte temos o desenvolvimento prático da aplicação do plano de colonização, medições, venda de terras, contabilidade, construção de sedes, estradas, amparo ao agricultor, assistência médica, hospitalar e escolar, industrial, e outras providências indispensáveis ao desenvolvimento que culminou com o progresso do ano findo de 1954⁵⁶.

Na primeira parte está apresentada a situação geográfica da Fazenda Britânia, seguido pela análise da viabilidade econômica do empreendimento, onde o autor salienta que, pela inexistência de estradas e pela área estar situada longe de fontes de abastecimento e dos centros consumidores,

(...) a aquisição dessas terras, naquela época, era muito desaconselhável. (...) Estas ponderações fizeram com que o capital da companhia mal conseguisse ultrapassar o custo da gleba ‘fazenda Britânia’, impondo aos diretores da MARIPÁ, desde o início, estudos profundos à procura de meios que lhes permitissem dar partida ao empreendimento que um dia seria considerado modelar (...). O progresso inicial, além de ser muito lento, exigia constantemente maiores imobilizações: mais serrarias, mais caminhões (...) tratores com lâminas, ruas, medições... mas como atender a todas as solicitações sem, contudo aumentar o capital social?⁵⁷.

⁵⁵ NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Plano de Colonização da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A- MARIPÁ**. Toledo: 1955, mimeo.

⁵⁶ Idem p. 01.

⁵⁷ Idem. p. 03.

Para responder estas questões se elaborou o Plano de Ação, que consistia numa (...) *série de regras, estudos e combinações entre os dirigentes da MARIPÁ.*⁵⁸ Nessa parte estão descritos os objetivos da empresa para a região, ou seja, a divisão das terras em lotes de 25 hectares, voltado para a produção agrícola baseada na policultura, com uso de mão-de-obra familiar. O projeto propunha também mecanismos para o escoamento da produção, industrialização e, principalmente, a escolha do grupo humano para quem seriam vendidos os lotes.

O procedimento adotado para a divisão das terras, segundo o Plano de Ação, traria maior quantidade de pessoas para a região. Essa opção é justificada pelo fato que o sistema baseado em grandes lotes seria (...) *pernicioso à sociedade que ali se desenvolverá futuramente e também contrário aos interesses da Nação (...)*⁵⁹.

Ainda com relação aos procedimentos na divisão dos lotes, denominados de colônias, cada um media aproximadamente 10 alqueires, ou, 242.000 m². *Sendo o terreno muito fértil em águas correntes*⁶⁰, procurou-se nesta divisão que cada uma destas pequenas colônias fosse beneficiada por um riacho e as linhas que delimitam as colônias foram abertas por ocasião das medições. Para realizar as medições, fazia-se um levantamento topográfico dos rios e riachos, os arroios, de uma determinada área. Em seguida era desenhada a planta denominada perímetro. Entre eles, geralmente nas partes mais altas do terreno, se assinalava com uma linha reta onde eram abertas as estradas.

Na intercessão das mesmas existem, cravados no solo, marcos de madeira de lei, indicando o número relativo a cada linha, a cada

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Idem. p. 06.

⁶⁰ Idem. Ibidem.

colônia. A Fazenda Britânia, assim dividida , é formada por cerca de 10.000 colônias, que povoadas, representariam mais ou menos 10.000 famílias, cultivando, produzindo e exportando produtos agrícolas e pastoris⁶¹.

Foram reservados espaços para a formação de núcleos residênciais que tivessem uma certa infraestrutura. A localização destes seria determinada conforme a densidade da população. *Esses núcleos têm um traçado de pequena cidade com áreas reservadas para praças, passeios públicos, igrejas, etc.* Os lotes situados ao redor dos núcleos seriam (...) *divididos em chácaras com 2,5 hectares, isto é, 25.000m².*⁶²

A policultura é apresentada como uma garantia de *perfeito equilíbrio econômico à região*, pois caso ocorresse qualquer (...) *calamidade um ou dois produtos não seriam atingidos*⁶³. Apesar dessa opção, o texto também faz referência a cultura do café, sendo realizadas experiências com o referido vegetal, principalmente na área norte da fazenda. Contudo é desaprovada a sua implantação e reafirmada a preferência pela policultura:

Verdade é que alguns produtos, a exemplo do café, podem, quando um determinado número de fatores se reunir, produzir uma riqueza rápida ao proprietário ou proprietários de cafezais. A policultura, porém está sujeita a um processo mais lento nesta marcha de acumular riquezas mas, por sua segurança, merece nossa inteira preferência, visto que beneficia, desde o pequeno agricultor, toda a região ou zona, até o próprio Estado⁶⁴.

A realização dos quatro primeiros objetivos, segundo a Empresa, só teriam sucesso com a escolha do "elemento humano" apropriado. Assim, a exemplo da forma como se dividiu os lotes e a escolha do tipo de agricultura que seria implantada,

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem.

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Entre as causas que desestimularam a plantação do café estão as geadas ocorridas em 1953. Ibidem. p. 07.

produziu-se um discurso que procurava legitimar, dar um caráter científico e racional para a escolha.

*Todo o capital a fim de produzir um rendimento precisa fazer-se acompanhar de mão-de-obra (...) no presente caso, o capital está representado pelo vasto e ondulante tapete de mata. O trabalho, pelo homem que realizará a transformação destas matas em núcleos de civilização e centros produtores. Sabe-se, porém que, a fim de conseguir um produto bom, (...) é indispensável que a mão-de-obra seja esmerada(...)*⁶⁵

O discurso nos mostra um modelo pensado sobre observações empíricas realizadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, lugares de origem dos diretores da MARIPÁ e onde alguns deles já haviam realizado semelhante empreendimento.⁶⁶ Willy Barth, os irmãos Anoni e Alberto Dalcanale, por exemplo, já haviam realizado semelhante empreendimento na região onde hoje se localiza o município de São Miguel do Oeste, Santa Catarina, à frente da Empresa Anoni e Barth.

Podemos associar o modelo pensado ao que Max Weber denomina "quadro ideal de eventos," onde o cientista ou pesquisador elabora uma construção teórica que obedece uma sequência lógica e racional pois (...) *pelo seu conteúdo, essa construção reveste-se de uma utopia, obtida mediante a acentuação mental de determinados elementos da realidade(...)*.⁶⁷ É Ondy Niederauer, no caso, que ao elaborar o Plano de Ação constrói imagens e sujeitos, os "tipos ideais," que deverão ocupar esse espaço geográfico, selecionando certas características da cultura do grupo escolhido e as reunindo num quadro ideal hegemônico.

⁶⁵ Idem p. 04.

⁶⁶ SILVA, Oscar (et alii). Op. Cit., p. 82.

⁶⁷ COHN, Gabriel. (org.) *Weber Sociologia*. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1989. p. 105.

O conceito "produto bom," referido por Niederauer, não se destina apenas à materialidade, ao lucro, mas também ao projeto de civilização pretendido, que só poderia ser alcançado utilizando-se de um instrumento adequado, no caso mão-de-obra qualificada. Esta seria constituída pelos descendentes de imigrantes italianos e alemães pois:

(...) Esse agricultor, descendente de imigrantes italianos e alemães, com mais de cem anos de aclimatação no país, conhecedor das nossas matas, dos nossos produtos agrícolas e pastoris, primando pela sua operosidade e pelo seu amor à terra em que trabalha, seria, portanto, o elemento humano predestinado a realizar grande parte desta tarefa(...)⁶⁸

Este modelo de colonização a ser empreendido, além de associar o tipo de agricultura com o "elemento humano" considerado mais apto para desenvolvê-la, também esforça-se para construir esse sujeito utilizando elementos discursivos e práticas presentes nos lugares de origem desses colonos, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.⁶⁹ Esses elementos discursivos sob os quais se constrói esse colono são seu caráter "afeito ao trabalho," e seu "apego à terra." Portanto, uma certa "predestinação" é inerente aos descendentes de italianos e alemães, que já demonstraram isso em seus lugares de origem. Daí o Plano de Ação também apresentar os colonos descendentes de alemães e italianos como sujeitos "iluminados" que, através de seu caráter "laborioso e ordeiro," com uma ascensão garantida, revelariam, em certa medida, uma "predestinação" ao sucesso.

⁶⁸ NIEDERAUER, Ondy. H. *Plano de...* Op. Cit., p. 04.

⁶⁹ Para uma melhor compreensão de como o trabalho é utilizado pelos descendentes de alemães como referência identificatória, consultar SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981, FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e Trabalho Alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UFSC. 1998. SCHREINER, Davi Félix. Op. Cit.

A divisão das terras em lotes de 25 hectares se adequava, portanto, ao sistema familiar existente nas regiões de origem dos migrantes. Assim, ao invés de indivíduos isolados, vieram famílias inteiras, o que, pode-se dizer, contribuiu para a constituição dos discursos relacionados às formas de identificação desta população.

Os discursos que demonstram a construção da identidade cultural podem ser percebidos também em produções historiográficas que, além de apresentarem Alfredo Paschoal Ruaro e Willy Barth como bandeirante e timoneiro, respectivamente, desqualificam os luso-brasileiros ou "pêlo duro"⁷⁰ e elegem os sulistas descendentes de alemães e italianos como sujeitos destinados a realizar essa tarefa, (...) *aos quais o destino reservava a capacidade, o direito e a incumbência de colonizar cientificamente o Oeste do Paraná.*⁷¹

Percebe-se que tais discursos encontram legitimidade e respaldo junto à historiografia que, ao classificar e descrever enquanto fala autorizada⁷², produz efeitos sociais, pois:

(...) as lutas em torno da identidade étnica ou regional (...) constituem um caso particular das lutas entre classificações, lutas pelo monopólio de fazer ver e de fazer crer, de fazer conhecer e de fazer reconhecer, de impor a definição legítima das divisões do mundo

⁷⁰ Trata-se do grupo humano que oriundo principalmente da região nordeste do país, São Paulo e Minas Gerais, em função da expansão cafeeira que se deslocava pelo norte do Paraná em direção ao Rio Paraná e Piquiri. (...) *Mas as falácias do elemento sulista atribuíram na região ao nortista, mais uma denominação: pelo duro. O que no Rio Grande do Sul significa gado sem raça, decadente.* In: WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageros**....Op. Cit., p. 175.

⁷¹ SILVA, Oscar (et alii). Op. Cit., p. 12.

⁷² (...) *O uso da linguagem, ou melhor, tanto da maneira como a matéria do discurso depende da posição social do locutor que, por sua vez, comanda o acesso que se lhe abre à língua da instituição à palavra oficial, ortodoxa, legítima. (...) O porta-voz autorizado consegue agir sobre as próprias coisas, na medida em que sua fala concentra capital simbólico acumulado pelo grupo que lhe conferiu o mandato e do qual ele é, por assim dizer, o procurador. (...) A especificidade reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (...) é preciso que ele seja reconhecido como tal para que possa exercer seu efeito próprio.*(...). BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996. p.87/91.

*social e, por essa via, de fazer e desfazer os grupos.
(...)*⁷³.

Aliás, a própria Empresa apoiou um estudo realizado no ano de 1956, pelo antropólogo Kalervo Oberg e pelo estatístico Thomas Jabine. Estes, produziram o relatório intitulado **Toledo, um Município do Oeste do Paraná**⁷⁴, no qual, baseados principalmente em entrevistas realizadas com moradores da região e relatórios fornecidos pela empresa colonizadora, os referidos pesquisadores procuraram, lançando mão de tabelas e gráficos, descrever o "padrão de colonização" empregado na área. Trabalho que se constitui num valioso manancial para pesquisadores da história regional devido a quantidade de dados coletados junto aos primeiros colonos.

Contudo, este estudo também se esforça para apresentar o grupo escolhido como o mais adequado pois (...) *conservaram as tradições de trabalho árduo, frugalidade e agricultura como meio de vida*, em oposição aos "outros" descritos como "aventureiros e parasitas."⁷⁵

Estas descrições que, novamente lembrando Pierre Bourdieu, atuam também como prescrições, dotadas de um caráter que se pretende científico, são permeadas por representações acerca do grupo humano a ser escolhido e, também, sobre os excluídos, os "outros," aqueles que não deveriam participar do processo. Ou seja, junto aos discursos que constroem sujeitos com características positivas do grupo escolhido, temos discursos que constroem sujeitos com características negativas, justificando a sua não-inclusão no processo de colonização e reafirmando a preferência dada aos primeiros.

⁷³ Idem. p. 108.

⁷⁴ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. **Toledo, um Município da Fronteira Oeste do Paraná.** Estudos n.º 03. Rio de Janeiro: Edições SSR, 1960.

⁷⁵ Idem p. 28.

Decidida esta parte, o da procedência do elemento humano a ser escolhido como o mais indicado, fazia-se, ainda, necessário tentar realizar uma seleção escolhendo se possível, os homens de maior valor produtivo. (...) Como se sabe uma ruidosa propaganda em torno de um local novo, a exemplo do que ocorreu em outros lugares, atrairia elevado número de indivíduos aventureiros que nela entreveriam um meio de vida fácil à suas atividades desonestas. (...)⁷⁶.

Portanto, as construções discursivas são elaboradas também com relação ao "outro," o indesejável. Esses "elementos" não aptos, seriam os colonos, também descendentes de europeus, ucranianos e poloneses, que habitavam a região Sul do Paraná, os indivíduos da frente "nortista" que avançavam no Norte do Paraná com a expansão cafeeira e os denominados caboclos que habitavam o interior do Estado.⁷⁷

Neste sentido, verifica-se também a consonância entre as falas da empresa e do poder público, com relação ao tipo de agricultura a ser desenvolvida e com relação ao grupo humano mais adequado para ocupar o Paraná. Vejamos a mensagem do governador Bento Munhoz da Rocha Neto:

(...)Sinto no governo o reverso de nossa evolução trepidante e, mais ainda, os efeitos da rápida transformação de nosso estilo de atividade econômica. Testemunho o surgimento do desnível econômico, inédito até então no Paraná, terra clássica da pequena lavoura de subsistência, com a avalanche da onda cafeeira que traz riqueza mas é acompanhada também por multidões de desajustados e doentes.(...)⁷⁸.

⁷⁶ NIEDERAUER, Ondy Hélio. *Plano de...* Op. Cit., p. 12.

⁷⁷ WACHOWICZ, Ruy C. *Obrageros...* Op. Cit., p. 175.

⁷⁸ IPARDES, Op. Cit., p. 35-36.

A postura do governador, além de buscar sair da influência de São Paulo⁷⁹, tinha o objetivo de transformar o Paraná na “*Mancha Loura do Brasil*”.⁸⁰ Willy Barth dizia-se contrário ao plantio do café pelo fato da cultura trazer os mesmos problemas descritos pelo governador.

A propaganda foi, portanto, direcionada somente àqueles "elementos" cujas etnias eram as pretendidas pela empresa. Para isso, os diretores da MARIPÁ procuraram contactar comerciantes e agricultores "de projeção" para que estes escolhessem os agricultores para quem seriam vendidos os lotes.⁸¹ Além destes, importante papel foi desenvolvido por religiosos católicos, como o padre Antônio Patuí que prestava assistência aos primeiros colonos de Toledo, e também por evangélicos, que apoiavam e incentivavam a migração com publicações que descrevem Toledo como “uma nova pátria.”⁸²

Neste sentido, cabe salientar algumas reportagens em jornais como o **Correio Serrano** de Ijuí, sendo que na propaganda escrita também se fez uso de folhetos impressos, distribuídos nas localidades dos dois Estados do Sul onde viviam os colonos que a empresa almejava. As formas de propaganda apresentavam a região a ser colonizada como uma terra livre de (...) *morros, pedras e formigas, rica em águas, fértil e farta de caça e pesca*⁸³.

⁷⁹ Sobre a questão da definição territorial do Estado do Paraná, ver: MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995. p. 439-445.

⁸⁰ AMARAL, Manoel Luiz do. **Assim é o Paraná**. Curitiba: Scientia et Labor, 1990. p. 70.

⁸¹ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Op. Cit., p. 28.

⁸² Em 1954 o pastor Karl Mehler assim se pronunciou: *A vinda de novas famílias é grande, assim, Toledo dará nova pátria a elas*. In MEHLER, Karl. **Toledo Uma Nova Patria**. Jubileu dos cinquenta anos de existência do Sínodo Luterano. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil- IECLB-. 1955 mimeo. Tradução: Leonda Wiczorek.

⁸³ Ver anexo n.º 01.

Além de garantias quanto à situação legal das terras⁸⁴, outro aspecto interessante é que tanto o plano de colonização quanto os folhetos de propaganda e reportagens em jornais sequer mencionam a presença de grupos indígenas na região, passando, portanto, a idéia de um espaço sem a presença de populações indígenas. Segundo algumas pesquisas arqueológicas e relatos de antigos moradores, grupos indígenas ocupavam grande parte da área que hoje abrange o município de Marechal Cândido Rondon. Estes foram utilizados como trabalhadores na Obrages e posteriormente pela Maripá, para abertura de estradas e desmatamento das terras a serem cultivadas⁸⁵.

Alguns remanescentes desse grupo humano foram transferidos, em 1956, pelo Serviço de Proteção ao Índio para a reserva existente em Laranjeiras do Sul, PR⁸⁶. Tal ação é apresentada pela historiografia local como um “acontecimento natural”, pela conjuntura fadado a acontecer: (...) *Com a chegada dos colonizadores o quadro natural sofre profundas modificações, e os indígenas ainda existentes cedem lugar ao desenvolvimento sócio-econômico da Vila General Rondon, (...)*⁸⁷.

Todavia, o aspecto que mais chama atenção - e que posteriormente foi utilizado como principal argumento na elaboração do projeto de germanização - é o fato da então General Rondon ser constituída por uma população predominantemente de descendentes de alemães cuja religião mais praticada era a Evangélica Luterana, com a

⁸⁴ A garantia quanto a situação das terras foi um fator importante na decisão do colono na escolha da área e da Empresa com quem faria o negócio, contudo vários conflitos ocorreram no Sudoeste e Oeste paranaense, principalmente nas terras pertencentes à família Matte, próximo onde hoje se localiza a cidade de Foz do Iguaçu. Ver WACHOWICZ, Ruy C. *Obrageros...* Op. Cit., p. 162.

⁸⁵ SAATKAMP, Venilda. Op. Cit., p. 74.

⁸⁶ Idem. Ibidem.

⁸⁷ Ibidem. A forma como ocorreu essa “transferência” é uma questão que requer um estudo a parte, devido a sua complexidade e abrangência.

presença da religião Batista e Católica⁸⁸. A população, segundo dados do IBGE de 1970, era oriunda principalmente dos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul:

Do Rio Grande do Sul há pessoas oriundas das cidades de Arroio do Meio, Três Passos, Santo Cristo, São Luiz Gonzaga, Casca, Humaitá, Cerro Largo, Santa Cruz do Sul, Ijuí, Santa Rosa, Santo Ângelo, São Leopoldo, Palmeira das Missões, Horizontina e outros. (...). Os catarinenses, são das cidades de Tubarão, Volta Grande, Joaçaba, Palhoça, São Bonifácio, Imaruí, Concórdia, Rio do Sul, Armazém, Rio Fortuna, Braço do Norte, Blumenau, Taió, Trombudo, Itapiranga, Videira, Capinzal e outras⁸⁹.

Kalervo Oberg e Thomas Jabine, ao descreverem algumas características da população citam como exemplo uma reunião de colonos em General Rondon, quando algumas pessoas solicitaram que os discursos fossem feitos em língua alemã, apesar de serem brasileiros de terceira geração⁹⁰. Além disso, observaram que o nível de vida do “caboclo” era “inferior” e por isso rejeitavam o casamento com eles⁹¹. Aspecto que, segundo os autores, também encontra suporte no meio religioso: (...) *os pastores e padres germânicos procuram conservar os jovens nas colônias e observar de perto o seu comportamento moral⁹².*

A percepção dessas singularidades levou o historiador Ruy Wachowicz a afirmar que se tratava de uma política etno-cultural-religiosa aplicada pela MARIPÁ, após a ascensão à chefia de Willy Barth:

⁸⁸ Idem. p. 63.

⁸⁹ IBGE. Cascavel: 1970. Apud: SAATKAMP, Venilda. OP. Cit., p. 88.

⁹⁰ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Op. Cit., p. 52.

⁹¹ Idem p. 53.

⁹² Idem. Ibidem.

(...) A nova política não misturava no mesmo local, descendentes de italianos e alemães, católicos e protestantes. As comunidades deveriam aglutinar pessoas da mesma origem étnica e religiosa. Elas deveriam conviver pacificamente, com respeito mútuo, porém viver isoladamente.(...). Willy Barth elegera o núcleo de Marechal Cândido Rondon para rivalizar e concorrer com Toledo. Rondon deveria tornar-se grande centro urbano, de origem alemã, com características da religião evangélica luterana⁹³.

Para ele, isso se deu pelo fato de nos primeiros anos, quando a empresa era dirigida pelo “grupo italiano”, a propaganda ser feita nos municípios de colonização italiana. Com a administração do “grupo alemão”, esta foi direcionada para áreas cuja população era formada majoritariamente por descendentes de imigrantes alemães⁹⁴.

Contudo, essa análise é contestada por outros pesquisadores, entre eles o próprio Niederauer⁹⁵, que afirmam que a formação de comunidades homogêneas deve-se ao fato de que cada colono, ao escolher a área a ser comprada, procurou fazê-lo perto da área de outros do mesmo grupo étnico, ou de seus vizinhos do lugar de origem. Oberg e Jabine⁹⁶, por exemplo, afirmam que isso se deu pelo fato da empresa ter recrutado como agentes de vendas, colonos e comerciantes que tinham vindo primeiro para Toledo. Estes buscavam em seus lugares de origem os potenciais novos compradores de terras.

Dessa forma, parentes e amigos que viviam em povoações alemãs e italianas, no sul, foram se mudando para Toledo e estabelecendo novas povoações com predominância de descendentes germânicos ou italianos. General Rondon é 95% germânico, enquanto que Novo Sarandi e Nova Concórdia são predominantemente italianas. Muitas outras cidades, como a de Toledo, são mistas⁹⁷.

⁹³ WACHOWICZ. Obrageros... Op. Cit., p. 179.

⁹⁴ Idem. p. 178.

⁹⁵ NIEDERAUER, Ondy H. Toledo no Paraná... Op. Cit., p. 64.

⁹⁶ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Op. Cit., 31.

⁹⁷ Idem. Ibidem.

Essa opinião é também partilhada pelo norte americano Keith Derald Muller. Para ele, o fato de a Maripá ter limitado sua seleção a colonizadores de um grupo culturalmente homogêneo demonstra o conhecimento dos diretores em relação aos projetos de colonização, pois além de possíveis problemas que poderiam surgir (...) *o progresso é muito mais rápido em zonas pioneiras onde as pessoas são culturalmente homogêneas do que em locais de grupos mistos. Isto é compreensível pois as pessoas de mesma origem tem confiança entre si e trabalham juntas mais facilmente*⁹⁸.

Contudo, se essas abordagens divergem apenas em um aspecto, a forma de ocupação, visto que todas apresentam uma positividade da colonização realizada pela MARIPÁ, em fins de 1960 surgiu outro discurso, que apresenta essas características, ou seja, a predominância de descendentes de imigrantes alemães na cidade como um “quisto étnico”, vinculado ao nazismo. É o que será apresentado no capítulo seguinte.

⁹⁸ MULLER, Keith D. *A Ocupação do Sul do Brasil. O caso de Toledo-Pr.* Toledo: Arquivo Histórico Willy Barth, 1973. s.p. mimeo.

CAPÍTULO II

O IV REICH

(...) A colonização foi predominantemente teuto-gaúcha, de pessoas que cultivaram suas tradições, dando estabilidade social e cultural ao lugar que escolheram para viver. Em certa época, correu à boca pequena, que o alemão Josef Mengele, diretor do Campo de Concentração de Auschwitz durante a 2ª Guerra Mundial, esteve refugiado no município⁹⁹

2.1- “COLÔNIA DE NAZISTAS”¹⁰⁰: Outras representações sobre Marechal Cândido Rondon

O fragmento acima, transcrito de um livro que descreve resumidamente alguns aspectos dos municípios do Estado do Paraná, foi o único texto encontrado que, além de apresentar o discurso analisado no capítulo anterior, também menciona a suposta relação entre o município de Marechal Cândido Rondon e o paradeiro de criminosos de guerra nazistas.

Contudo, ao nos debruçarmos sobre fontes como o **Jornal da Tarde**, órgão de imprensa associado ao jornal **O Estado de São Paulo**, de maio de 1968, percebe-se que esse episódio não “correu” somente à “boca pequena”, mas foi motivo de celeuma no

⁹⁹ FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus Municípios**. Maringá: Ed. Memória Brasileira, 1996. p. 421.

¹⁰⁰ ERDSTEIN, Erich. Op. Cit., p. 02.

Brasil e em boa parte do mundo, pois vários órgãos de imprensa internacional¹⁰¹ publicaram reportagens associando a população de Marechal Cândido Rondon ao nazismo. Vejamos uma parte do discurso:

No município de Marechal Cândido Rondon, próximo e na faixa de fronteira com o Paraguai, há uma extensa área de terras ocupadas por um núcleo de colonização alemã. A região inclui também Porto Mendes, com aeroporto próprio; Guaira, no Norte. Em minha opinião, a cidade de Rondon é o núcleo principal, o mais importante. Seus ocupantes, colonos e comerciantes, estão revoltados com a existência de certos grupos de alemães como eles, que proibem a seus filhos de aprender o português, de assimilar a nossa cultura, de cantar o nosso hino nacional. Exigem, enfim, uma segregação severa, esforçando-se por manter intactas as tradições, filosofia e cultura da terra de origem, reivindicando auxílio financeiro para a continuidade da cultura germânica.¹⁰²

A matéria do **Jornal da Tarde**¹⁰³, fruto de um relatório elaborado, em 1968, pelo austríaco Erich Erdstein, agente da Delegacia de Ordem Política e Social – DOPS -, tem início apresentando algumas fotografias da cidade, do diretor da Polícia Civil do Paraná, Valfrido Piloto e do agente encarregado da investigação, Erich Erdstein. Em seguida temos a manchete que apresenta claramente Marechal Cândido Rondon como um “reduto de nazistas”:

Onde está nascendo o IV Reich

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: “É uma

¹⁰¹ Entre os órgãos de imprensa que publicaram tais reportagens estão as revistas alemãs: **NEUE REVUE** nº05, de 02 de fevereiro de 1969, **DER SPIEGEL**, nº 07 de 10 de fevereiro de 1969, **QUICK** de 24/30 de abril de 1975, a francesa **PARIS MATCH** nº1.379, s.d. e a inglesa **THE PEOPLE**, s.d.

¹⁰² **JORNAL DA TARDE**. São Paulo: 18 de maio de 1968. p. 10

¹⁰³ Ver anexo n.º 02.

*Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengelle". A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil.*¹⁰⁴

Segundo o jornal, o fato de em Marechal Cândido Rondon haver grupos de alemães que “proíbiam seus filhos de aprender o português e de cantar o Hino Nacional”, além de “cultuar suas tradições” demonstra, portanto, uma “resistência à integração” e o “antipatriotismo” característico de um “quisto étnico”. Situação agravada por servir de esconderijo para criminosos de guerra alemães. Essas afirmações adquirem uma conotação legítima ao mencionar o “relatório oficial”, uma fonte segura que avalia, garante a veracidade do discurso narrado pelo jornal.

Convém salientar o período vivido pelo país - o da ditadura militar - quando os órgãos repressores como o DOPS detinham um grande poder e, como afirmou Alexander Lenard,¹⁰⁵ qualquer um que se apresentasse como policial não era perguntado pelos documentos.

Além do aspecto referente à língua¹⁰⁶, “forte indício” que demonstra a intenção de “não assimilação” da população de Marechal Cândido Rondon, a reportagem dá ênfase na questão relativa a aversão aos brasileiros, no caráter “segregacionista” da cidade.

¹⁰⁴ JORNAL DA TARDE. Op. Cit.

¹⁰⁵ Cf. LENARD, Alexander. Como cheguei a ser Bormann e Mengele. Um relatório da Floresta Virgem. In: STUTTGARTER ZEITUNG. Nº 84 de 09 de abril de 1968. p. 03. Tradução de Edith Sophia Eimer. Mais adiante tratar-se-á do episódio em que Lenard foi erroneamente identificado como Martin Bormann e/ou Josef Mengele.

¹⁰⁶ Este aspecto é reforçado por uma fotografia de uma lápide com inscrições em alemão seguida do seguinte parágrafo: *Os anúncios são em alemão. As crianças aprendem alemão nas escolas. Na rua, ouvem-se cumprimentos em alemão. Até as lápides dos cemitérios estão escritas em alemão nessa cidade.* JORNAL Da TARDE. Op Cit.

A cidade não gosta de brasileiros

Onde o Brasil é Brazilien; Marechal, Marchall; onde brasileiro é prêto, uma raça inferior; bom dia é guten tag; como vai? Wie gets?; onde um anúncio na rádio é em alemão; onde só a minoria da população vota (que a maioria não foi naturalizada); onde muita gente nem fala o português. E onde está, para a polícia, a nossa herança nazista:

-Marschall Cândido Rondon, Brazilien.

Ou Marechal Rondon, um povoado perdido no Noroeste do Paraná, perto da fronteira com o Paraguai e as ruínas inglesas do Porto Britânia, a 590 quilômetros de Curitiba, a 998 de São Paulo, 2149 de Brasília, 3981 de Fortaleza, 4101 de Natal. É uma região que começou a ser colonizada há menos de dez anos, por uma empresa que só vendia terras a alemães, ou a seus descendentes. É uma área de interesse para a Segurança Nacional: será federalizada.

O príncipe herdeiro de Adolf Hitler, Martin Bormann, caçado no mundo inteiro, já esteve em Rondon. E sempre volta. O agente especial da Polícia do Paraná, o vienense Erich Erdstein está lá agora. E ele afirma, com certeza, com raiva, com tristeza, como um profeta:

- Aqui está nascendo o IV Reich.¹⁰⁷

Como se pode perceber, a idéia da distância é várias vezes recorrente, sugerindo que uma das causas da “não integração” seria o seu “isolamento” geográfico, ou seja, o fato da cidade estar situada numa região distante dos centros urbanos do país era mais um fator que contribuía para a ocorrência do fato narrado. A adoção de mecanismos para a “integração” dessa população, segundo o jornal, já estaria sendo feita através de projetos de federalização. Algo semelhante ao que Getúlio Vargas havia realizado no período de vigência do Estado Novo.

¹⁰⁷ Idem. Convencionou-se a denominar I Reich, o Sacro Império Romano Germânico, após a coroação de Carlos Magno, em 800. O surgimento do II Reich atribuiu-se ao chanceler prussiano Otto von Bismarck quando, após a vitória na guerra Franco Prussiana 1870-1871, o rei prussiano Guilherme I foi aclamado *Deuscher Kaiser de um novo Império Alemão. O II Reich. O III Reich*, que segundo Hitler duraria mil anos, durou de 1933 à 1945. In. ARNTZ, Helmut. *Fatos sobre a Alemanha*. Wiesbandener Graphische Betriebe GmbH, Wiesbaden. 1968. p.10/ 16. *Nações do Mundo. Alemanha*. Abril Livros Ltda. 1991. p. 80/81. SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*. Vol. I, 4ª edição. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A, 1984. p. 22. Com relação ao “espectro do Quarto Reich”, este discurso já circulava na Argentina entre 1944 e 1947. Sobre essa questão ver: NEWTON, Ronald C. *Los Estados Unidos, Los Germanos-Argentinos y el Mito del Cuarto Reich 1943 – 47*. *Revista de História de*

Nas últimas linhas o discurso assume um tom de profecia, transmitindo a idéia de revelação de um mistério, invocando imagens que lembram o apocalipse e o mito do retorno de Fênix, onde o *Reich*, o nazismo renasce na forma de uma “Nova Alemanha”¹⁰⁸ com direito a príncipes herdeiros. Para Eni P. Orlandi, a utilização desse discurso, como recurso argumentativo, se dá (...) *exatamente pela necessidade que este discurso tem de deixar em aberto sua relação com a história como possibilidade mesma de constituir-se.*(...)¹⁰⁹. Argumentos, aliás, que no texto são abundantes, e que não se encontram de maneira explícita, mas residem justamente nas ausências, principais elementos de constituição dos sentidos do discurso.

Além disso, a menção ao fato de Erdstein ser judeu austríaco vem a ser um dos aspectos a somar na denúncia, pois demonstra a experiência, o temor de alguém que já “sofrera na pele” os males do nazismo, o que, de certa forma busca dar maior credibilidade ao discurso.

A matéria jornalística segue em outra página apontando o médico, também vereador e dono de um hospital, Friedrich Rupprecht Seyboth, como sendo o “líder nazista”. Este *foi o homem que naturalizou Adolf Hitler, austríaco, como cidadão alemão.*¹¹⁰ Mais adiante faz referencia a Willy Barth, “alemão”, apontado como um dos

América. México: Instituto Panamericano de Geografia e História. n.º 105. Enero – Junio. 1988. p. 111 à 147.

¹⁰⁸ O mito do Fênix, no Egito antigo, é um pássaro místico associado ao deus sol e na Grécia Antiga ao deus Apolo. O Fênix simboliza a imortalidade, ressurreição, a vida depois da morte. GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. p.365-6.

¹⁰⁹ ORLANDI, Eni Pulcinelli. (org). *Palavra Fé Poder*. Campinas: Pontes, 1987. p. 32.

¹¹⁰ Em outro momento, temos uma breve biografia de Seyboth. *Ele nasceu no Rio Grande do Sul, mas foi pequeno para a Alemanha, onde se formou em medicina. Participou na guerra como médico SS, setor sanitário. É gordo, grandão, usa óculos, quase sem cabelos, uns 50 e poucos anos. Refugiou-se em Filadélfia, no Paraguai, depois de ser condenado a 12 anos de prisão, como criminoso de guerra. Está agora na Alemanha em viagem de passeio, com sua esposa Ingrun Klagges, filha de Dietrich Klagges, ex-ministro presidente de Braunschweig, um Estado alemão, no tempo de Hitler. JORNAL DA TARDE. Op. Cit., p. 11.*

fundadores da cidade, sugerindo que a criação do “IV Reich” estava em andamento desde o início de processo de colonização empreendido pela MARIPÁ, pois (...) só vendia terras para alemães¹¹¹.

Os outros “herdeiros do III Reich” seriam a mulher do Dr. Seyboth, Ingrun Klagges Seyboth,

(...)Que organizou uma passeata de estudantes, há pouco tempo, para protestar contra a instalação de um batalhão da Polícia Militar na região, perto das barrancas do rio Paraná. À frente, seguros por meninos loiros de olhos azuis, iam os cartazes nazistas(...). Amiga pessoal de Hitler, Goebels e Himmler. Declara-se francamente Nacional Socialista, menospreza o Brasil. Os seus filhos, nascidos aqui, são registrados no Consulado Alemão. Ela se naturalizou, foi diretora de uma escola em Marechal Cândido Rondon; Ernest August Von Bluchner, dono de terras, vive afastado e isolado do mundo. Ele é parente do Marechal - de - Campo Von Bluchner, do antigo exército alemão do III Reich; Heriberto Von Gasa, estabelecido em Rondon com uma ótica. Chegou ao Brasil regularmente, usando um contrato frio feito por Seyboth, para trabalhar como técnico em seu hospital. (...) Com um irmão de Ingrun Klagges, logo depois da guerra, fundou um partido político ultranazista, na Alemanha. Foi amigo particular do general Brehner, que capturou e executou os oficiais que tentaram matar Hitler, em 25 de julho de 1944; Joseph Wenzeler, que trabalha como torneiro mecânico. Num de seus braços está tatuado ainda o número de identificação da SS. É ultranazista e foi um dos fuehrer austriacos; Reschke (o primeiro nome não consta no relatório) atualmente vive como carpinteiro. Foi membro da SS austriaca e continua nazista.(...) Todos eles sabem, pelo menos demonstram saber, onde estão Martin Bormann e Joseph Mengelle.¹¹²

Tais pessoas, portanto, estariam arquitetando a criação do “IV Reich” - ou “Nova Alemanha” - sendo que Marechal Cândido Rondon reunia as condições ideais para isso. Os membros do “núcleo neonazista”, segundo o relatório entregue por

¹¹¹ Idem. Ibidem.

¹¹² Ibidem.

Erdstein à Secretaria de Segurança Pública, (...) *se reuniam em locais sempre variados, embora sejam sempre na casa de residência de um deles.*¹¹³

Além dos “índícios” apresentados, como o fato de a maioria das pessoas terem sobrenome alemão – com o acréscimo do “Von” - e algumas delas serem imigrantes alemães que de um modo ou de outro participaram na Segunda Guerra Mundial, o que comprova a condição de “suspeitos” de atividades nazistas, temos também a descrição dos aspectos físicos - “louro de olhos azuis, grandão e gordo”- que, através da representação baseada em estereótipos, procura demonstrar a homogeneidade da população.¹¹⁴

Conforme o jornal, Werner Wanderer, prefeito da cidade, estaria sendo pressionado pelo “grupo neonazista”, que (...) *quer a cidade dirigida pelo método da grande Alemanha. Se ele protesta é chamado de prêto e burro*”.¹¹⁵ Situação semelhante é relatada pelo médico Aylson Confuncio Lima, pelo capitão Eduardo Machado Lima, pelo advogado Josué do Amaral Campos, e pelo vereador Antonio Ceretta.

O capitão Eduardo tem 61 anos, mora em Rondon há três. Está revoltado: - Aqui, não existe integração racial. Nas colônias alemãs do Sul, em Santa Catarina ou Rio Grande do Sul, a vida ainda é tolerável, nenhuma raça se impõe a outra, não há nem mesmo uma divisão. Nesta cidade, não: é diferente. Uma noite,

¹¹³ ERDSTEIN. Op Cit.

¹¹⁴ Essa questão lembra as teorias eugenistas que segundo Maria Luiza Tucci Carneiro (...) *surgiu no século XIX como uma nova “ciência” destinada a aperfeiçoar a raça humana, estando diretamente relacionada à ideologia racista e ao espírito científico, apoiados nas teorias evolucionistas. Caberia à Eugenia eliminar os elementos de decadência, incentivar o aprimoramento das estruturas mentais e físicas e selecionar gerações futuras. A fundamentação da Ciência Eugênica é atribuída a Francis Galton (1822 – 1911). Na Alemanha, o movimento foi liderado por Pletz (1860 – 1940) que se preocupava em defender o aprimoramento da raça branca. Na década de 20 foi fundada, no Brasil, a Sociedade Brasileira de Cultura Eugênica. CARNEIRO, M. L. T. **O anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração (1930 – 1945)**. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 106. Portanto, a descrição dos aspectos físicos da população vem a ser mais um indício que comprova as afirmações presentes na reportagem, pois trazem uma “memória” das experiências realizadas em judeus nos campos de concentração que objetivavam produzir o que ficou conhecido como raça ariana.*

¹¹⁵ JORNAL DA TARDE Op. Cit.

a minha filha foi ao Lions- proibi o alemão lá, quando era o seu presidente- e ouviu da senhora Wensk uma frase estranha, dita sem prá que ou por quê:

- Sabe eu sou pura.

- Mas como pura? – ela perguntou.

- Eu sou alemã e só existe uma raça pura.(...)

A frase que o advogado Josué do Amaral Campos ouviu, logo que chegou a Rondon , ele nunca mais vai esquecer . Até hoje, está com muita raiva apesar de agora não achá-la mais estranha, mas muito comum:

- Você é o negro Campos.(..)Pois bem, sou o negro Campos. E, hoje, com muito orgulho - garante o advogado, (...) Venci nesta cidade, onde tudo era alemão, onde nem jogar bocha se podia. (...).

E eu luto hoje, companheiro – entra na conversa o presidente da Câmara, o Ceretta, afastando o chimarrão.- Apresentei um projeto para mudar o nome da avenida Maripá para Luther King. Houve logo reação, pois é claro: um homem que combatia o racismo não pode entrar – nem que apenas o seu nome – nesta cidade racista. (...) O racismo em Rondon começou a ser sentido há 5 ou 6 anos, com a chegada dos primeiros brasileiros. Houve o choque, a explosão, a reação. Agora, queremos limpar essa peste do município, (...) ¹¹⁶.

Chama a atenção o fato da conversa se dar numa roda de chimarrão, um “hábito gaúcho”. A menção ao ato de consumir o chimarrão visa associar o papel das “pessoas revoltadas”¹¹⁷ – todas com nomes “não alemães” - com a figura do gaúcho que, segundo Oliveira Viana¹¹⁸, traz em si “o espírito da democracia”, além de ser representado como defensor das fronteiras do Sul do país.

Portanto, a reportagem não se restringe apenas às pessoas arroladas no relatório do investigador como nazistas, mas apresenta o perfil do município. O que pode ser percebido na seguinte narrativa:

¹¹⁶ Idem. Ibidem.

¹¹⁷ No relatório entregue a Secretaria de Segurança Pública, Erdstein não apresenta as declarações destas pessoas, apenas as cita como *bons elementos revoltados* decididos a auxiliar as autoridades. ERDSTEIN, Erich. Op. Cit.

¹¹⁸ VIANA, Oliveira. *Populações Meridionais do Brasil. O Campeador Rio-Grandense*. Volume 2. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1974.

*Um ônibus encosta em frente ao bar, restaurante e hotel Da Amizade, em Marechal Cândido Rondon, no Noroeste do Paraná, levantando uma nuvem de poeira. Parece uma diligência chegando a uma cidade, como nos filmes de faroeste. Um soldado gordo e forte, o revólver à mostra, a camisa desabotoada, fica parado como se fosse disparar, vigiando quem desce na cidade. São seis horas da tarde. Alcídio Schwarzbald, locutor da Rádio Rondon, que atua numa faixa de cem quilômetros, repete o anúncio de cerveja: “Gib mir eine flashe bier. A cerveja tem que ser Golden Bier”. Logo depois, passa o microfone para a loira Lizelotte, que dá a hora do Angelus. É quando a cidade escuta o **Prelude and fugue in G major**, de Bach. Ou a **Fugue in C minor**, de Wagner. São discos velhos, gravação alemã, pesados. Marechal Cândido Rondon vai escurecendo.*¹¹⁹

A descrição desse cenário, que caracteriza as primeiras impressões do investigador Erich Erdstein ao chegar em Marechal Cândido Rondon, ao fazer referência aos filmes do gênero *western*, traz a idéia da ausência de controle oficial, uma “cidade sem lei”, dominada pelo crime, onde a própria figura do soldado “não disciplinado” – alterado na gíria militar - visa transparecer a situação da localidade como sendo um local onde “não impera a ordem, mas a subversão”.

Novamente temos na imagem da mulher loura – deve-se atentar que se trata de uma locutora da rádio, a menos que ela dissesse, seria difícil para o ouvinte recém chegado saber a cor de seus cabelos - o estereótipo baseado no aspecto físico que norteia as conclusões do investigador : é alemão logo é louro, logo é nazista. Junto a isso, temos também a descrição do sobrenome do locutor e a propaganda em língua alemã da cerveja, bebida “típica dos alemães”.

Tais relações, segundo Eni Pucinelli Orlandi, pressupõem que todos esses sentidos já ditos por alguém em algum lugar, em outros momentos, tem um efeito de verdade sobre o que as reportagens dizem. Portanto todo dizer se encontra na

¹¹⁹ **JORNAL DA TARDE**. Op. Cit. Cabe salientar que a cidade localiza-se no Extremo Oeste do Paraná, e não no Noroeste como afirma o jornal.

confluência de dois eixos: o da memória e o da atualidade, e é desse jogo que tiram seus sentidos. (...) *E isto é o efeito do interdiscurso: é preciso que o que foi dito por um sujeito específico, em um momento particular se apaga na memória para que, passando para o 'anonimato', possa fazer sentido em 'minhas' palavras.*¹²⁰

Neste sentido também se insere a menção ao tipo de músicas tocadas na rádio que, além de serem de autoria e gravação de alemães,¹²¹ são representadas como velhas e pesadas, imagem pejorativa que pressupõe serem de qualidade inferior, além de lembrarem o velho, o passado, mas que em Marechal Cândido Rondon estaria presente. E as ausências, o não dito presente no discurso visa justamente apresentar isso. Um bom exemplo está na referência à composição de Wagner, que o leitor não familiarizado poderia entender como uma alusão a fuga dos nazistas. Além disso, cabe salientar que não encontramos nenhum registro que confirmasse que Wagner tivesse composto a “Fugue em C Minor”.¹²²

A metáfora relacionada a chegada da noite, da escuridão, visa produzir efeitos que não dizem somente ao fenômeno natural, mas ilustra a condição local, pois a noite também é o lugar do medo, é quando ocorrem os atos ilícitos dos “alemães infiltrados”, sendo que, de certa forma, a cidade também vive nas trevas simbolizadas pelo nazismo.

¹²⁰ ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas: Pontes, 1999. p. 31 e 33.

¹²¹ Essa associação também encontra-se presente na época da Campanha de Nacionalização empreendida por Getúlio Vargas, quando verificou-se na língua falada e no tipo de música, no caso compositores alemães, referenciais do “perigo alemão”. Sobre essa questão ver GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991. GERTZ, René. *Os Quistos Étnicos Alemães*. São Leopoldo: **Estudos Leopoldenses – Série História**. Volume 2, n.º 1, 1998. p. 07 à 25.

¹²² Fuga ou “Fugue” é uma forma de composição musical que tem como característica um tema principal e o desenvolvimento desse tema, “fugindo” do tema principal. Sobre a obra de Wagner ver: MILLINGTOM, Barry (org). **Wagner. Um Compêndio. Guia completo da música e da vida de Richard Wagner**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

As palavras que concluem a matéria jornalística deixam transparecer as “ferramentas” utilizadas na investigação e que nortearam as conclusões de Erdstein. Pois, para ele, em Marechal Cândido Rondon, os indícios do nazismo não se apresentam a olho nu. É preciso um olhar mais atento, próprio de um investigador. *Quem vai a Rondon não vê nazismo assim pelas ruas, declaradamente. É preciso procurá-lo com cuidado, falar alemão e viver a cidade. E, depois, desaparecer: há quem mate para assegurar e defender a organização”.*(...) *Até agora tenho trabalhado sozinho.*(...) *Sou eu contra um IV Reich em nascimento, um IV Reich que o Brasil todo ouvirá falar.* Daí a necessidade de uma instalação de um ponto fixo de policiamento. *Só a instalação de um DOPS na região pode resolver o problema.*(...).¹²³ Finaliza o investigador.

2.2 DISCURSOS SOBRE A POSITIVIDADE DO TRABALHO ALEMÃO: Outros sentidos

Tais reportagens foram alvo de protestos tanto de moradores, como de políticos da região. Em pronunciamento realizado na Câmara dos Deputados, em 12 de junho de 1968, o deputado federal paranaense Lyrio Bertolli, do partido Aliança Renovadora Nacional (ARENA), contestou as denúncias do Jornal da Tarde com o discurso intitulado *Em Defesa de Nossa Terra, Nossa Gente e Nossa História*¹²⁴.

O deputado iniciou seu pronunciamento lendo a reportagem do jornal. Ao terminá-la afirmou, tranquilizando os presentes, (...) *que tudo é mentira*¹²⁵. Em seguida,

¹²³ JORNAL DA TARDE. Op. Cit.

¹²⁴ BERTOLLI, Lyrio. *Em Defesa De Nossa Terra, Nossa Gente E Nossa História*. Discurso proferido na Câmara dos Deputados. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional. 12 de junho de 1968. Arquivo do Museu Histórico Willy Barth.

¹²⁵ Idem. p. 10.

abordou o item intitulado *A Imigração*, passando a tecer considerações sobre a história da imigração para o Brasil, não se limitando apenas aos alemães, mas também aos japoneses, italianos etc. Em sua fala, não se fixou somente no caso rondonense, mas operou num âmbito mais geral, numa retórica calcada, em grande parte, na História e Sociologia, justificando que (...) *para entender um grupo humano, é preciso alcançá-lo na sua dimensão histórica, nas raízes do seu passado. A História humana é tecida de migrações.*¹²⁶ E essa referência aos discursos autorizados, visa justamente sustentar o que está sendo dito.¹²⁷

Outro deputado, Orlando Bertoli, pedindo um aparte, lembrou o caso da *progressista região do Vale do Itajaí*, em Santa Catarina, que também foi acusada de ser um “foco de influencia e formação nazista”.¹²⁸

Buscando refutar a acusação, o referido deputado argumentou que esta região de Santa Catarina se destacava no esforço para (...) *mudar o panorama da Nação*. Para tanto, apresentou dados como o número de eleitores, a ausência de analfabetos. Além disso, utilizou-se da comparação para destacar a importância deste Estado na arrecadação de recursos para o país. *Somos um dos primeiros na contribuição para os cofres públicos da União, pois contribuimos mais do que o grande Estado de Pernambuco (...).*¹²⁹

¹²⁶ Idem. p. 11.

¹²⁷ ORLANDI. Op. Cit. p. 39. Um exemplo desse discurso autorizado pode ser encontrado no livro de Carlos Fouquet. A introdução do texto inicia-se com a seguinte frase: *A história da humanidade é a história das migrações e de suas conseqüências*. FOUQUET, Carlos. **O Imigrante alemão e seus Descendentes no Brasil. 1808 – 1824 – 1974**. Ed. Instituto Hans Staden, 1974. p. 11.

¹²⁸ BERTOLLI, Lyrio. Op. Cit. Outro deputado que se pronunciou sobre a vinculação de reportagens que davam conta da existência de grupos nazistas em Santa Catarina, mais precisamente em Rio do Sul, foi Raul Schwinden. In: **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. Ano LXXVIII, n.º 65, 05 de abril de 1968. p. 40. Arquivo Público do Estado do Paraná.

¹²⁹ Idem p. 11.

Ao retomar a palavra, Lyrio Bertolli deu prosseguimento ao discurso falando sobre o episódio relativo à invasão de Roma pelos “Bárbaros” que

*Sob o nome de ‘Vikings’(...) nos seus cabelos louros, nos seus olhos azuis, se refletem os caracteres, de toda uma raça que ia chegando para assimilar ou ser assimilada. Eu disse pacificamente, quando antes me referi ao Brasil porque gente alguma veio para ser um povo entre nós, mas um povo conosco, por isso a memória dos Bárbaros é mal lembrada nesta contextura histórica. Aqui não se conservaram intrusos, não se entrou por alguma janela fechada, mas pela porta que a hospitalidade brasileira lhes abriu(...)*¹³⁰.

Salientou também que a imigração para o Brasil foi consequência do aumento demográfico ocorrido na Europa, além de destacar que a imigração alemã foi de grande importância para o povoamento do país, cujo (...) *campo histórico brotou, entre muitos no Paraná, o município de Marechal Cândido Rondon*¹³¹.

Noutro aparte, o deputado Agostinho Rodrigues complementa que (...) *pode ficar tranqüila a Segurança Nacional de que aqueles alemães de Marechal Cândido Rondon não estão, realmente, conspirando para que lá se organize o IV Reich, mas sim conspirando, tramando para, com o seu trabalho, a sua inteligência, o amor à nova terra, ajudarem a construir a grandeza desta Nação*¹³².

Semelhante discurso, que, de certa forma, legitima o discurso do deputado, pode ser visto em textos de renomados estudiosos do assunto, como por exemplo, Carlos H. Oberacker Jr. Este em **A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira**, publicado em língua alemã em 1955, e em 1968 em língua portuguesa, aponta as vantagens da vinda de imigrantes alemães para o Brasil, pois, segundo este

¹³⁰ Idem p. 12

¹³¹ Idem. Ibidem.

¹³² Idem p. 22.

autor, estes (...) *não aportaram como garimpeiros ávidos de aventuras(...), e sim como chefes de famílias em demanda duma nova gleba, duma nova pátria (...)*.¹³³

A colonização, porém, deveria ser feita de modo a formar grandes colônias segregadas, pois as pequenas (...) *não estavam em condições de resistir aos preconceitos contra o trabalho manual (...)*¹³⁴. Apesar dessa contradição, o autor faz uma comparação entre a imigração açoriana e alemã afim de reforçar sua tese de que os colonos alemães eram os “elementos” imprescindíveis para o surgimento da classe média:

*(...) Contrastando com os açorianos, eram os imigrantes alemães imunes e “impermeáveis” à mentalidade colonialista vigente, que até então impedia o surgimento de uma classe média(...). O surgimento da classe média rural no Brasil, historicamente considerado, dificilmente seria concebível sem os chamados “quistos raciais”, mais tarde tão vilipendiados.*¹³⁵

Esta questão é abordada pelo historiador paranaense Wilson Martins que, discordando de intelectuais como Sílvio Romero - que via na formação de colônias isoladas e etnicamente homogêneas o perigo da formação dos “quistos étnicos” - , aponta os prejuízos que a colonização mista, principalmente aquelas formadas por imigrantes europeus e luso-brasileiros, causaria aos primeiros, afirmando também que isso estagnaria seu desenvolvimento ou, na pior das hipóteses, os tornariam caboclos. O autor, citando os exemplos das colônias de Blumenau e Caxias do Sul, também discorre sobre as vantagens de se constituir colônias homogêneas no Estado do Paraná, pois, (...) *o imigrante recém – chegado prospera da melhor maneira quando começa sua árdua*

¹³³ OBERACKER JR, Carlos H. *A Contribuição Teuta à Formação da Nação Brasileira*. Volume 1. 4ª edição, Rio de Janeiro: Presença, 1985. p. 178.

¹³⁴ Idem. *Ibidem*.

¹³⁵ *Ibidem*.

*tarifa de pioneiro entre pessoas de mesmo espírito, mesma língua e mesmo sangue, quer dizer, dentro de um grupo étnico uniforme (...)*¹³⁶

Trata-se portanto de idéias que circulavam entre pesquisadores da imigração encontrando ampla aceitação pela elite paranaense. Basta lembrar a fala do Governador Bento Munhoz apresentada no primeiro capítulo deste trabalho.

Retomando o discurso de Lyrio Bertolli, a idéia do “progresso” que a “imigração de estrangeiros” traria para o Paraná ficou clara mais adiante quando, no item denominado: *O Paraná no campo imigratório*, citou o primeiro artigo da lei n.º 29, de 21 de março de 1855. De acordo com esta lei o governo ficava autorizado a promover a imigração para a província, o que segundo ele atesta a (...) *completa ausência de discriminação racial, ideológica ou religiosa*.¹³⁷ Ilustrou essa afirmação com a citação de alguns nomes e realizações de alemães no Paraná:

*Mas para frisar antecedente menciono, como exemplo que a Catedral de Curitiba foi terminada pelo engenheiro Gotlieb Weiland. O carpinteiro chamava-se Heinrich Henning. O fornecedor da madeira João Klass, o de ferro August Gerhard. O primeiro corpo de bombeiros de Curitiba foram os alemães que fundaram. O capitão José Muller foi Deputado provincial e Carolina Tepling, Augusto Haecker, Francisco Motzke, Pedro Shleder eram algumas autoridades. Então, senhores se sobrenome significa ser estrangeiro, poucos seriam os brasileiros.*¹³⁸

Ao lançar essa argumentação, que levanta a questão da identidade nacional, o deputado buscou mostrar o “caldeamento” de povos que compõem a “nação brasileira”, sendo que os alemães e descendentes seriam também constituintes do povo brasileiro e

¹³⁶ MARTINS, Wilson. *Um Brasil Diferente*. São Paulo: Anhembi, 1955. p. 125.

¹³⁷ BERTOLLI, Lyrio. Op. Cit., p. 13.

¹³⁸ Idem. *Ibidem*.

paranaense. Dizer, portanto, que o povo de Rondon era racista, era caluniar todos os paranaenses, conclui Bertolli.

O deputado Plínio Salgado, fundador do integralismo, em um aparte teceu alguns comentários sobre uma viagem que empreendeu pelo interior do Paraná passando, inclusive, por Quatro Pontes, na época distrito de Marechal Cândido Rondon, onde foi saudado por uma professora e seus alunos.

Lembro o episódio para mostrar que não é verdade que lá se proíbe cantar o Hino Nacional(...) O fenômeno da migração interna, no Brasil, tem naquela região, no Paraná, uma expressão genuinamente gaúcha e catarinense. Depois que a professora fez o pequeno discurso, aqueles homens que a rodeavam (...) todos de poncho e de calças de bombacha, como bons gaúchos, ofereceram-me o chimarrão que é o elemento fundamental da assimilação das raças em nosso País. É verdade que vi alguns descendentes de alemães, mas não eram a predominância. A predominância era gaúcha, esses bravos homens do Sul que, através de nossa história, tem a primazia da defesa da Pátria na fronteira. Esses homens que nos legaram as tradições do heroísmo e do amor ao Brasil estavam ali. Era o Rio Grande do Sul.(...)¹³⁹

O discurso que muda a representação de “alemão” para “gaúcho”, não se encerra aí. Logo em seguida, Lyrio Bertolli apresentou um breve histórico da colonização do município, destacando o papel da Maripá e apresentando Willy Barth como “gaúcho” e “herói” que imitando o (...) *milagre da criação, tirava tudo do nada, tirando primeiro a vila, depois a cidade, do nada, da selva bruta, das terras devolutas(...)*.¹⁴⁰ Acrescentou também que (...) *ninguém pensava em construir uma nova Alemanha*¹⁴¹, pois a própria

¹³⁹ Idem p. 13 e 14. É interessante lembrar que na reportagem do Jornal da Tarde *os indivíduos revoltados com o nazismo* também são apresentados numa roda de chimarrão.

¹⁴⁰ Idem. p. 16.

¹⁴¹ Idem Ibidem.

empresa se encarregou de abrir as estradas e construir escolas, demonstrando o desejo de integrar e desenvolver essa região.

Nenhum plano de quisto, de isolamento acompanhou os passos dos colonizadores. Sabia-se que a cultura não cai do alto, como a chuva. Ela caminha pelos passos dos homens (...). Para assimilar a cultura brasileira, estradas se faziam necessárias (...) O processo de aculturação de uma região também demanda tempo. E denúncias levianas como esta apenas o retardam. (...) É bom recordar este agente de polícia para algum manual de sociologia de imigração. Ele aprenderá que aculturação demanda tempo e transcurso de geração. Demanda escolas e estradas(...) Se nos quiserem dar mais escolas, se quiserem apressar esse processo de aculturação brasileira, saibam que Marechal Cândido Rondon tem as portas abertas para receber todos estes benefícios, porque é isto o que ela procura desde as suas origens.¹⁴²

Outra ação neste sentido foi encabeçada pelo deputado estadual Roberto Wypych. Em sessão plenária do dia 11 de julho de 1968, na Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, o referido deputado refutou as *calúnias publicadas pelo matutino 'Jornal da Tarde', do Estado de São Paulo, contra o laborioso povo de Marechal Cândido Rondon.*¹⁴³

Como mostram as palavras transcritas da carta enviada pelo deputado ao vereador de Toledo, Orlando dos Santos, onde, em anexo, estava uma cópia de seu discurso, além da defesa da “memória” de Willy Barth, em seu discurso também é recorrente as referências ao “espírito laborioso e ordeiro” da “comunidade rondonense”.

O Oeste do Paraná começou a ser colonizado justamente por Wylli Barth e pela MARIPÁ, que conquistaram as terras oestinas onde predominava o elemento paraguaio e onde valia

¹⁴² Idem. p. 20.

¹⁴³ WYPYCH, Roberto. **Correspondência enviada ao vereador Orlando dos Santos**. Curitiba: 18 de julho de 1968. Museu Histórico Willy Barth .Toledo -Pr.

*apenas a moeda argentina. Em terras agrestes e imbatíveis os pioneiros derrubaram as matas, plantaram as cidades e plasmaram a civilização. (...) Ai está Marechal Cândido Rondon, a cidade jóia do oeste do Paraná que, à mercê do seu elemento humano e do trabalho reinante, se constitui numa das cidadelas de maior progresso de nosso Estado.*¹⁴⁴

Destacou também o caráter “patriótico” de Willy Barth que, devido a suas ações à frente da empresa colonizadora realizou “uma verdadeira obra de integração nacional” pois, tomaram posse de uma região ameaçada pela presença de “estrangeiros”.

Percebe-se, portanto, a representação acerca do “elemento humano” descrito como agentes da “civilização”, do “progresso”, o que, de certo modo, reafirma a idéia, presente no Plano de Colonização da MARIPÁ, da positividade da colonização efetuada pelos descendentes de imigrantes alemães, cujos benefícios não seriam usufruídos apenas pelos rondonenses, mas pelo restante do país.

Ao saber que Erdstein estava em Foz do Iguaçu, preparando uma nova reportagem sobre o município, o então prefeito, Werner Wanderer enviou um ofício à Secretaria de Segurança Pública pedindo providências no sentido de evitar novas reportagens (...) *inverídicas que venham trazer aborrecimentos e perturbar a paz que reina nesta região.*¹⁴⁵

Contudo, apesar dos protestos de pessoas como Gasa, Seyboth, dos políticos citados e da fuga do investigador do país, a questão não se encerrou, pelo contrário, na década de 1970 temos a publicação de revistas e livros de alguns “caçadores de nazistas” que deram continuidade a esse tipo de discurso. Entre eles selecionamos o livro de Ladislav Farago e do próprio Erdstein, o qual nos forneceu maiores subsídios

¹⁴⁴ WYPYCH, Roberto. **Discurso Pronunciado na Sessão Plenária da Assembléia Legislativa.** Curitiba: Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, 18 de julho de 1968. Mimeo. p. 02.

¹⁴⁵ Cf. **Ofício nº463/68** Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon 04 de setembro de 1968. Dossiê 0551. Cx 062-DOPS, Arquivo Público do Estado do Paraná.

para analisar a sua trajetória como “caçador de nazistas”, a metodologia utilizada nas suas investigações, além de conter a totalidade das reportagens publicadas pelos órgãos de comunicação da Europa.

2.3 O AGENTE ERICH ERDSTEIN

*O princípio. Um jovem judeu olhando a própria casa, onde os homens envergando uniformes negros com faixas vermelha, branca e negra em torno do braço andavam de cá para lá, com rifles batendo de encontro aos cintos. Isto foi o princípio.*¹⁴⁶

Na década de 1970, Erich Erdstein juntamente com Barbara Bean publicaram pela editora Nórdica o livro intitulado **Renascimento da Suástica no Brasil. A verdadeira história de Os meninos do Brasil**. *Esta é uma obra tão excitante quanto o famoso romance Os Meninos do Brasil, com uma diferença: é a história real*, afirma o texto da capa.

Com relação à referência ao romance **Os Meninos do Brasil**, trata-se de um filme¹⁴⁷ produzido nos Estados Unidos em 1978 e estrelado por atores famosos como Gregory Peck e Laurence Olivier. Baseado na novela de Ira Levin, o filme apresenta a história do projeto elaborado secretamente pelo Dr. Josef Mengele (Gregory Peck) que visava a criação de clones de Adolf Hitler.

Tal projeto inicia-se em 1943, quando Mengele e Hitler tem um: *pensamento bíblico. (...) Ele não quis ter filhos pois sabia que nenhum filho poderia crescer na sombra de um Deus como pai. (...) Então ele ouviu que eu um dia poderia criar não um*

¹⁴⁶ ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. Op. Cit., p. 08.

¹⁴⁷ **FILME. Os Meninos do Brasil** Título original: *The Boys From Brazil*. Produção: Martin Richards. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

*filho ou uma cópia, mas o original. (...) um Hitler certo para o futuro certo. Um Hitler feito para os anos 80, 90, 2000.*¹⁴⁸ Então Mengele extraíra meio litro de sangue e, a exemplo de Deus com Adão, um fragmento de pele da região das costelas do *Führer*.

Com a derrota da Alemanha, Mengele fugiu para a fronteira do Brasil com o Paraguai, onde, na margem brasileira do rio¹⁴⁹ que separa os dois países obteve êxito em suas experiências, conseguindo 94 clones de Hitler, os quais foram distribuídos a casais na Europa, Canadá e Estados Unidos¹⁵⁰.

O processo de clonagem consistia na retirada dos óvulos das mulheres no período da ovulação, destruição dos cromossomos e genes e implante do núcleo da célula do doador, no caso Hitler. A célula com o material genético intacto torna-se um embrião e nasce uma nova criatura. Sem pai porque o óvulo não foi fertilizado e sem mãe pois o código genético é de outro ser. Em seguida os óvulos são reintroduzidos nos úteros das mulheres, todas louras, para a gestação¹⁵¹.

A utilização das mulheres com esse biotipo visava justamente inserir não somente o código genético desejado, mas desde o início criar as condições ambientais idênticas às da vida de Hitler. Para isso, todos os casais possuíam a mesma diferença de idade dos pais de Hitler, bem como as características de suas personalidades: uma mãe amorosa e um pai, funcionário público, que tem uma relação de dominação e conflito com o filho. Além disso, as famílias deveriam ser cristãs e o pai morrer aos 65 anos de idade¹⁵².

¹⁴⁸ Idem. *Ibidem*.

¹⁴⁹ Trata-se do rio Paraná. Espaço geográfico onde também está localizado o município de Marechal Cândido Rondon.

¹⁵⁰ *Ibidem*.

¹⁵¹ *Ibidem*.

¹⁵² *Ibidem*.

Neste contexto é que se desenrola a trama do filme, com os nazistas empenhados em assassinar os pais adotivos, pois para Mengele (...) *todos os detalhes deveriam ser reproduzidos porque havia chegado a hora (...) o Quarto Reich está chegando*¹⁵³, e a luta de um judeu caçador de nazistas, Ezra Liberman (Laurence Olivier), em detê-los.

No livro¹⁵⁴, o *caçador de nazis mais receado no mundo* relata suas aventuras, desde a sua fuga às pressas de Viena, Áustria, em 1938, quando tinha 18 anos de idade e era estudante de direito. Chegando em Gênova, Itália, Erdstein embarcou em um navio com destino a América do Sul.

Inicialmente, desejava desembarcar no Brasil, mas, em função da (...) *imigração brasileira ser muito dura*¹⁵⁵, decidiu desembarcar em Montevideo, Uruguai. De lá rumou para Buenos Aires, Argentina, onde trabalhou como cronometrista na fábrica de beneficiamento de carnes da Swift. Após 8 meses foi demitido por não portar documentação. *Na confusão, consegui dar um jeito e fiquei com o cartão de identificação Swift, e com ele voltei para Montevideo.*¹⁵⁶

Nesta cidade exerceu a atividade de intermediário entre os refugiados que chegavam da Europa, que queriam vender os poucos objetos que trouxeram, e os comerciantes que desejavam evitar as taxas de importação.

Ao saber da invasão da Polônia pela Alemanha, e da entrada da Inglaterra na guerra, Erich Erdstein dirigiu-se à embaixada da Inglaterra e apresentou-se como voluntário para combater. Entretanto, em vista de seus conhecimentos das línguas alemã, francesa e inglesa, foi empregado como mensageiro e tradutor, tendo também

¹⁵³ Ibidem.

¹⁵⁴ ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. Op. Cit.

¹⁵⁵ Idem Ibidem.

¹⁵⁶ Idem. p. 22.

elaborado alguns relatórios a respeito do posicionamento de diferentes grupos étnicos em Montevideo.

(...) Devido a minha capacidade lingüística pediram-me para misturar-me na comunidade de língua alemã e entre os “nativos” e redigir um relatório sobre os seus pensamentos com relação à guerra. (...) Nesta fase inicial da guerra, eu e alguns outros servíamos como um laço de comunicação entre os ingleses e uruguaiois. Apesar de não se ligarem ao povo do lugar, tanto os ingleses como os alemães perceberam a importância da América do Sul, com suas valiosas exportações de carne, folha de flandres, petróleo, trigo e outras matérias primas.¹⁵⁷

Temos, portanto, o começo das atividades de Erdstein como investigador dos alemães. Atividades que ganharam um impulso quando, em 13 de dezembro de 1939, o navio de guerra alemão, “Graf Spee”, foi atacado no estuário do Prata por 3 navios – dois pertencentes à marinha inglesa e um da Nova Zelândia – obrigando o navio alemão a se abrigar no porto de Montevideo. No porto, o capitão do navio alemão conseguiu autorização para enterrar os marinheiros mortos durante o combate¹⁵⁸.

Após o afundamento do “Graf Spee”, Erdstein conseguiu convencer as autoridades para exumar os cadáveres. O conteúdo dos caixões revelou ser um arsenal de armas (...) *no mínimo quatro metralhadoras e uma variedade de pistolas, além de muita munição (...).*¹⁵⁹

A partir de então, Erdstein passou a servir de contato entre a Comissão Especial do Senado Para Tratar das Atividades Antinacionalistas e o Serviço Secreto Britânico. Nessa função passou a combater os “quinta colunas” da Argentina e do Uruguai. (...) *Transformei-me num agente nômade, enviado para qualquer parte onde houvesse*

¹⁵⁷ Idem. p. 25

¹⁵⁸ Idem. Ibidem.

¹⁵⁹ Idem. p. 33.

*necessidade de atingir o âmago de uma conspiração nazista, de opor resistência aos esforços realizados pela propaganda nazista ou sondar a opinião local(...).*¹⁶⁰

O texto segue narrando suas investigações no território de Misiones, na Argentina setentrional, depois em Encarnación e em Assunção, capital do Paraguai, considerado por Erdstein como o “centro da espionagem na América do Sul”.

Em determinado momento do texto, temos a questão da exterminação dos judeus, denominada “Solução Final”. Esta parte também trata dos procedimentos adotados na fuga dos nazistas e da necessidade de caçá-los.

*A liderança da SS e da GESTAPO mandou preparar documentos de identificação falsos, distribuiu-os entre os principais líderes nazistas e remeteram para o exterior uma grande parte da riqueza do partido, riqueza esta depositada em contas bancárias fora dos limites da Alemanha e cuja finalidade era ajudar o estabelecimento dos fugitivos alemães e a fundação do quarto Reich.*¹⁶¹

Também é apontado o envolvimento de pessoas ligadas ao Vaticano, na fuga dos criminosos nazistas. Os países localizados na rota de fuga ou como possíveis locais de refúgio seriam a Itália, Suíça, Espanha, Oriente Médio e Argentina. Um destes fugitivos, Adolph Eichmann, foi preso na Argentina em 1960. Os israelenses, vendo-se diante da relutância do governo argentino para extraditar, resolveram sequestrá-lo em Buenos Aires e mandaram-no de avião para Israel onde foi julgado e condenado à morte pela força, em 1962, fato que provocou protestos das autoridades na Argentina.¹⁶²

Terminada a guerra, Erdstein passou a se envolver na política do Uruguai, como assessor do presidente Luís Battle Berrres. Nessa época conheceu João Goulart,

¹⁶⁰ Idem. p. 37.

¹⁶¹ Idem. p. 69.

¹⁶² Idem. Ibidem.

que o convidou para vir para o Brasil trabalhar no Conselho de Segurança Nacional, convite que aceitou em 1957.

A narrativa segue apresentando alguns aspectos da política brasileira da época, bem como as suas ações contra a “ameaça nazista” que, segundo Erdstein (...) *estava adquirindo um novo aspecto: peronista, extrema direita, fascista, nazista.... O nome não vinha ao caso*¹⁶³.

Erdstein termina esta parte de texto mencionando o golpe militar de 1964. Fato que trouxe-lhe algumas dificuldades.

*(...) Contudo, percebi de imediato que não encontraria lugar junto ao novo governo. O conselho de Segurança Nacional criou o SNI, um órgão da segurança militar responsável pelo novo regime. Felizmente, muitos dos Estados brasileiros mantiveram sua independência durante algum tempo após o golpe e foi num deles que encontrei um novo lar.*¹⁶⁴

Este “novo lar” era o Estado do Paraná, cujo governador, Paulo Pimentel, teria recebido auxílio de Erdstein durante a campanha eleitoral. Na gestão do respectivo governador, foi designado para trabalhar no Departamento de Polícia Civil. Nesta função foi incumbido, a pedido de Simon Wiesenthal, “célebre caçador de nazistas”, de descobrir o paradeiro de Franz Paul Stangl, comandante do Campo de Concentração de Treblinka e Sobibor. Esse objetivo foi atingido em 28 de fevereiro de 1968. Franz Stangl foi extraditado para a Alemanha em 22 de junho de 1968.¹⁶⁵

No sétimo capítulo inicia o relato da investigação que ele descreve como a “última e mais importante da sua carreira na América do Sul”. Em 1967 o agente

¹⁶³ Idem. p. 75.

¹⁶⁴ Idem. p. 79.

¹⁶⁵ Idem Ibidem.

começou a investigar Eugene Parries, natural de Luxemburgo que (...) *falava pouca coisa do português com forte sotaque alemão e de comportamento estranho (...)*¹⁶⁶ Porém, Parries foi encontrado morto¹⁶⁷ num quarto de hotel em Curitiba, horas antes de prestar depoimento na delegacia.

Esse fato provocou a ida de Erdstein para Rio do Sul – SC., local onde morava o cunhado de Parries, o farmacêutico Dr. Gemballa. (...) *Lá fiquei sabendo que Gemballa era o líder do movimento nazista em Rio do Sul, o Führer local. Gemballa estudara Farmácia na Alemanha, em 1930, e voltara como um partidário de Hitler(...)*¹⁶⁸.

Além das informações prestadas por “von Schee”¹⁶⁹, delegado da cidade, o agente passou a interrogar “o povo de Rio do Sul”, chegando, inclusive, a colher informações num terreiro de umbanda. Com base nisso, constatou que uma “minoría nazista” controlava a política local. O controle era exercido através de uma organização denominada Aliança Cultural Alemanha – Brasil, que arrecadava dinheiro (...) *destinado a ajudar os criminosos de guerra.*¹⁷⁰

Entre os criminosos auxiliados pela referida organização estariam o Dr. Joseph Mengele, médico do campo de concentração de Auschwitz, também conhecido como o “Anjo da Morte”, Heinrich Mueller, chefe da GESTAPO e Martin Bormann, assessor de Hitler.

¹⁶⁶ Idem. p. 89.

¹⁶⁷ Ver anexo n.º 03.

¹⁶⁸ Idem. p. 108.

¹⁶⁹ Trata-se do atual Deputado Estadual de Santa Catarina, Heitor Sché. Em 1968, alguns jornais apresentaram matérias refutando as denúncias do agente, afirmando que ele estava *aproveitando-se do alarme da existência de antigos nazistas em nosso país (...)* para extorquir dinheiro de descendentes de alemães naquela região. **DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DE SÃO PAULO**. São Paulo: n.º 65. 05 de abril de 1968. p. 40. Outro jornal que afirma que *o agente foi para lá exclusivamente para tirar dinheiro de um rico homem de negócio(...)*, foi o jornal: **FOLHA DA TARDE**. Porto Alegre: n.º 216. 16 de janeiro de 1968. p. 13. In: Secretaria de Segurança Pública, Dossiê n.º 00551, caixa n.º 062 – DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná.

¹⁷⁰ ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. Op. Cit., p. 108.

Através do depoimento prestado pelo garçom Klaus Wemmer, Erdstein obteve o nome de Alexander Lenard, morador de Dona Emma, cuja residência era freqüentada por “indivíduos estranhos”, que poderiam ser as pessoas supra citadas.

O nome pareceu-me conhecido, mas não conseguia me lembrar onde o escutara. Wemmer refrescou a minha memória. Lenard era um conhecedor de Bach, o homem que conquistara um prêmio num programa de televisão brasileira, poucos anos antes. Era uma figura notável, um refugiado húngaro, muito embora o seu nome não soasse como tal. Alexander na Hungria é Sandor. E Lenard pouca coisa tinha a ver com aquele país. O homem era um pintor, um lingüista que transpusera para o latim Winnie the Pooh. Naquele momento, fazia-se passar por fazendeiro, mas comentava-se que tratava de doentes naquela região e receitava medicamentos. Significativamente, tivera muitos visitantes misteriosos.¹⁷¹

O agente chega à conclusão de que um desses visitantes misteriosos seria o próprio Mengele. O investigador chegou a ir na casa de Lenard, mas só encontrou Natalie Klein, a governanta. Ela, após Erdstein se apresentar como Dr. Martin, um velho amigo de Lenard,

(...) entregou-se a um monólogo sobre o grande papel que tivera durante a guerra trabalhando com Herman Goering em Werke, em Belsen e Auschwitz. Contou-me isto cheia de orgulho. Depois da Guerra, prosseguiu ela, tinha voltado ao Brasil e tivera a sorte em trabalhar para o Dr. Lenard, um homem notável que não se esquecera como eram as coisas sob o domínio do Führer(...)¹⁷².

O décimo capítulo inicia com a descrição das atividades de Mengele no campo de concentração de Auschwitz e sua fuga para a Argentina e depois para o Paraguai.

¹⁷¹ Idem. p. 114.

¹⁷² Idem. p. 119. Contudo, em 1968, o jornal Stuttgarter Zeitung publicou uma reportagem em que Lenard é identificado como sendo Martin Bormann ou Josef Mengele. Em 09 de abril do mesmo ano publicou o artigo de Lenard que descreveu as “conseqüências desta confusão de identidade”. In: **STUTTGARTER ZEITUNG**. Op Cit. Citado também por DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma. História do Município**. Florianópolis. 1996. p.167-177.

Nesta narrativa o autor estabelece a suposta relação entre Lenard e Mengele. Diante disso, Erdstein retornou para Rio do Sul acompanhado pelo jornalista Francisco Camargo, do jornal **Tribuna do Paraná** de Curitiba, e efetuou uma “batida” na casa de Lenard encontrando várias “pistas” que confirmaram suas suspeitas.

Dando uma batida na casa, nada encontrei no andar principal. Não passava de uma confortável casa de campo em estilo alemão, com um busto de Bach, uma imensa coleção de discos e uma fortuna em antiguidades. No andar de baixo, minha busca foi mais recompensadora. Ali havia um salão de conferências, repleto de lembranças nazistas, inclusive um retrato da máscara mortuária de Adolf Hitler. Tirei-a da parede e virei-a. Nas costas estava gravado: “Esculpida por Fiedler, 1946, Roma”. A data deixou-me intrigado, de vez que indicava que a máscara fora feita um ano depois do suicídio de Hitler na casamata de Berlim¹⁷³.

Porém Mengele conseguiu fugir. Natalie Klein, após ter sido solta, abandonou a casa de Lenard, que é contestado por Valberto Dirksen¹⁷⁴. Segundo este autor, naquele momento Lenard se encontrava lecionando na Universidade de Charleston, Estados Unidos, e Natalie Klein era apenas sua empregada doméstica e, principalmente, não tinham relação nenhuma com “atividades nazistas”.

Mas, para Erdstein, as evidências encontradas sugeriam que Dona Emma era a “ponta de um Iceberg”. Isto o levou a realizar investigações em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, e Ponta Grossa, no Paraná, onde, inclusive foi vítima de uma explosão, que ele atribuiu aos “nazistas”.

Após se recuperar do atentado, (...) *um rapaz chamado Werner Wanderer foi até a chefatura de polícia e pediu para me ver. O jovem e delgado advogado era prefeito de*

¹⁷³ Idem. p. 130.

¹⁷⁴ DIRKSEN, Valberto. Op. Cit., p. 174.

*Marechal Cândido Rondon, uma pequenina cidade na zona oeste do Paraná, não muito distante da fronteira paraguaia*¹⁷⁵.

A partir deste ponto, a narrativa se assemelha àquela apresentada pelo **Jornal da Tarde**, com depoimentos de alguns moradores sobre “o grupo nazista que dominava a comunidade”. (...) *Esse grupo vivia num mundo de sonhos, seguros de que o Quarto Reich estava prestes a ser estabelecido*(...)¹⁷⁶.

Erdstein colheu algumas informações e voltou para Curitiba a fim de cruzá-las com os dados dos arquivos da Polícia. Feito isso, retornou para Marechal Cândido Rondon, desta vez acompanhado pelo jornalista Moses Rabinowitz, do jornal paulista acima mencionado.

*Depois do jantar, levei o repórter para dar uma volta de carro, mostrando-lhe os principais pontos da cidade – o busto de um dos fundadores da cidade, um homem chamado Willy Bartz; o cemitério com suas fileiras de pedras tumulares inscritas em alemão; o cinema, que, naquela semana, exibia um filme de guerra alemão.*¹⁷⁷

Após verificar esses “indícios”, o agente também passou a interrogar os acusados. Deles obteve sempre as mesmas respostas: *Não cometemos nada que fosse ilegal. Deveria nos ajudar e não nos ameaçar. O senhor é um tolo!*¹⁷⁸ Contudo, para o jornalista, isso era material mais que suficiente para elaborar a matéria jornalística, que apresentamos no início deste capítulo.

Com o objetivo de colher mais informações a respeito das pessoas acusadas de pertencerem ao nazismo em Marechal Cândido Rondon, Erdstein se dirigiu para São

¹⁷⁵ Idem. p. 149.

¹⁷⁶ Idem. p. 154.

¹⁷⁷ Idem. p. 156.

¹⁷⁸ Idem. p. 158.

Paulo, onde interrogou Fritz von Ammon, apontado por uma das testemunhas de ser o “mensageiro dos nazistas”. Este, pressionado,

“ (...)pintou um quadro bem claro de toda a rede nazista. Segundo von Ammon, Marechal Cândido Rondon estava localizada numa região ideal para ser o quartel – general daquela área. Ficava próxima à fronteira, os nazistas tinham controle da localidade e ficava isolada de tal sorte que ninguém perceberia o constante movimento de homens. Evidentemente, dei-me conta de que não estava lidando apenas com uma organização local. Os nazistas estavam muito bem organizados em toda a América do Sul, recebendo ordens dos mais importantes – até Martin Bormann, que ainda dava as cartas. O governo paraguaio simpatizava com eles e era naquele país que se localizava a principal base de operações, mas também contavam com grupos no Rio, São Paulo e todas as grandes cidades. Como não podiam viajar legalmente entre um país e outro, cruzavam as fronteiras de um lado para o outro às escondidas, com dinheiro e ordens para as atividades terroristas. Já contavam com a simpatia de um legislador no Paraguai e queriam ver toda a América do Sul dominada por governos da extrema direita. Nutriam grandes esperanças de poder manipular os ditadores deste país. O mesmo sucedia com relação ao Chile, Peru e Venezuela. - Estamos ficando cada vez mais fortes – esbravejou von Ammon. – Também controlaremos todo o resto do mundo!”¹⁷⁹

Isso levou o investigador concluir que a região limítrofe era o centro de ação do “núcleo nazista”. Ao retornar para Marechal Cândido Rondon com os mandatos de prisão, constatou que “von Seyboth, von Gaza, Isenberg e Wenzler” tinham fugido. Mas isto não tinha mais tanta importância, pois agora que tinha descoberto a “organização nazista” e tomado providências como a instalação de mais policiais, a “tranquilidade” voltaria para Marechal Cândido Rondon. Mesmo porque, - ele deixa claro isso - seu objetivo principal era “o médico viajante Joseph Mengele”.¹⁸⁰

¹⁷⁹ Idem. p. 162.

¹⁸⁰ Idem. p. 165.

Disposto a encontrar Mengele, Erdstein foi para a cidade de Foz do Iguaçu, situada na fronteira com a Argentina e o Paraguai. Lá obteve a informação de que Martin Bormann vivia no Paraguai, numa fortaleza localizada na selva protegida por militares.

Em certo momento, ele próprio chegou a ver Bormann na rodoviária de Foz do Iguaçu, mas este conseguiu fugir. Objetivando capturá-lo, Erdstein emprestou um avião particular de Werner Wanderer e sobrevoou o local próximo a Porto Mendes, onde estaria a fortaleza.

(...) Vimos diversos homens saírem correndo de dentro das construções, acompanhados por dois pastores alemães. Quatro ou cinco estavam à paisana. Outros envergavam uma espécie de farda, com camisas escuras, botas de cano alto e quepes. Sentindo um calafrio lembrei-me do uniforme usado pela SS durante a Segunda Guerra Mundial, mas tratei de afastar aquilo da cabeça. Percebi que os homens fardados corriam muito rijos, como se fossem velhos. Inesperadamente, escutamos o cantar intercalado das metralhadoras. O piloto soltou uma praga e levantou o nariz do avião, efetuando uma subida rápida (...).¹⁸¹

Ao vasculhar a região por terra, o agente encontrou o pescador Carl Kraft e, após interrogá-lo, descobriu que o mesmo também fazia o transporte de pessoas e mercadorias, no pequeno barco “Lambari”, funcionando, portanto, como “ponte” entre os “nazistas do lado brasileiro e os da fortaleza”. Ao ser pressionado, o barqueiro afirmou que havia transportado em seu barco um homem chamado “Herr Bormann”. Foi a última informação sobre o paradeiro de Bormann¹⁸².

¹⁸¹ Idem. p. 171.

¹⁸² Idem. p.173. O relatório entregue por Erdstein à Secretaria de Segurança Pública, apresenta a fotografia do barco “lambari”. ERDSTEIN. **Criminosos de Guerra no Brasil...Op. Cit.**

Outra informação Erdstein recebeu do delegado de Rio do Sul “Hector von Schee”, dando conta que Joseph Mengele fora visto saindo de Dona Emma, depois em Guarapuava, Cascavel e finalmente em São João Alcade, no Noroeste do Paraná. Neste local, Erdstein conseguiu prender Mengele, que na ocasião usava o nome de Cyrilo Chavez Flores, e levá-lo para Curitiba, para ser extraditado para a Alemanha.¹⁸³

Contudo, tão logo chegou em Curitiba, Mengele foi libertado, o que levantou a suspeita do envolvimento de autoridades brasileiras com os nazistas. Erdstein então resolveu tentar prendê-lo novamente. Só que desta vez pretendia entregá-lo às autoridades da Argentina, pois este país tinha um tratado de extradição com a Alemanha¹⁸⁴.

Ao saber que Mengele iria cruzar o rio Paraná a bordo do “Lambari”, Erdstein se adiantou e armou uma emboscada, conseguindo aprisioná-lo. Ao levá-lo de barco para a Argentina, foram interceptados por uma embarcação da marinha paraguaia.

Assim que a lancha ficou mais perto, Mengele e seu amigo dispararam rumo a liberdade, a segurança.

Para! Stop! – Gritei.

Dois soldados paraguaios pularam para a barça a fim de pegar os dois alemães. Levantei a arma e fiz quatro disparos contra Mengele. Os tiros atingiram-no no peito e do lado. Virou-se para mim, olhou-me com uma expressão de surpresa e tornei a disparar. Desta vez atingi-o em cheio na garganta. Seu corpo estremeceu violentamente e caiu da barça, de cabeça dentro da água. Seus pés ficaram presos em algumas cordas que estavam no deck; ficou dependurado com a cabeça tocando a água. Os paraguaios, que tinham recuado quando comecei a atirar, agarraram o outro alemão e pularam de volta para a sua lancha. Tornei a disparar e vi o segundo prisioneiro cambalear e agarrar a perna. Ouvei um grito que vinha do outro lado da barça, virei-me e vi um imenso navio patrulha com uma bandeira azul e branca da Argentina hasteada no mastro. Os argentinos gritaram na direção dos paraguaios, que replicaram

¹⁸³ Idem. p. 175.

¹⁸⁴ Idem Ibidem.

*em língua guarani. Tiros passaram zunindo junto a minha cabeça e, por alguns minutos, houve um tumulto de gritos e disparos. Os paraguaios, vendo que nada podiam fazer contra as armas do barco argentino, deram cobertura a dois dos seus homens que arrancaram Mengele da água enquanto a lancha começava a se afastar. Seu corpo estava inerte e vi que estava morto. Tinha ficado na água durante cinco minutos, no mínimo.(...) Vi diante de mim o corpo de Mengele mergulhado dentro da água. Um nazista morto. Mas que importava isto? Um nazista nunca morre. Aparecerá amanhã, novamente, com um rosto diferente e um nome diverso, talvez falando uma língua diferente, mas com as mesmas antigas idéias. Senti-me, de repente, cansado demais*¹⁸⁵.

O dramático desfecho apresenta, portanto, a morte de Mengele e as razões dele não poder apresentar a “prova”, ou seja, o corpo do mesmo. Todavia, na década de 1980, após a exumação de um cadáver no cemitério do Embu, São Paulo, constatou-se que se tratava de Mengele. Este havia morrido em 1979, por afogamento em Bertioga, litoral paulista.¹⁸⁶ O esqueleto de Martin Bormann, por sua vez, foi encontrado em Berlim por escavadores, em 1972¹⁸⁷. Em abril de 1998 foi realizado o teste de DNA na ossada, que confirmou serem de Bormann, que morrera no final da Segunda Guerra Mundial¹⁸⁸.

¹⁸⁵ Idem. p. 194-195.

¹⁸⁶ Cf. Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: Ano XLI, n.º 12.091. 6 de Agosto de 1991. p. 02.

¹⁸⁷ Idem. 9 de Outubro de 1975. p. 11. Todavia, por diversas vezes ocorreu a publicação de livros, sobretudo de jornalistas, dando conta que o referido cadáver não seria de Mengele. In. Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 20. Agosto de 1987. p. 32-34.

¹⁸⁸ Cf. Revista **VEJA**. São Paulo: 11 de novembro de 1998. p. 138.

2.4 LADISLAS FARAGO

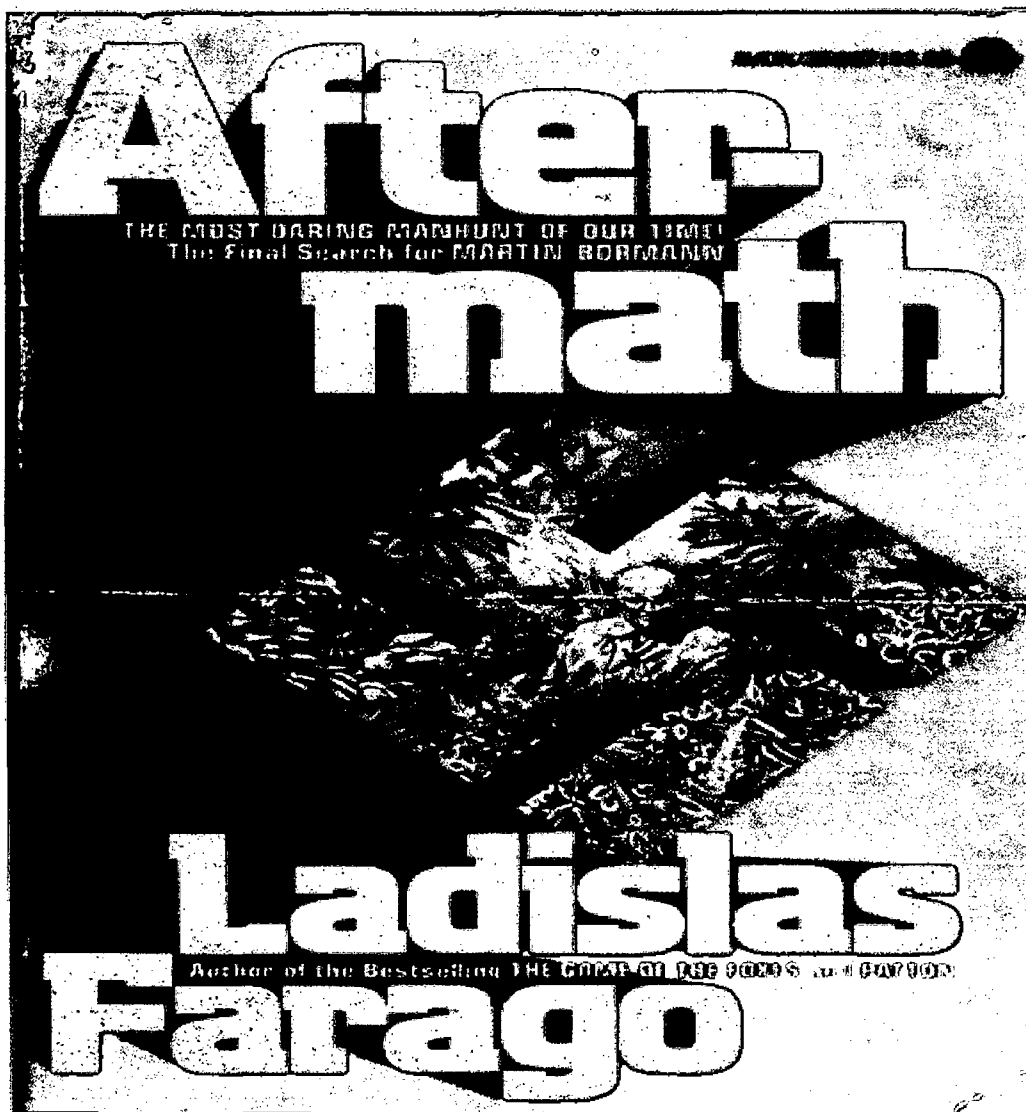
Em 1974 foi publicado o livro **Aftermath. Martin Bormann and the Fourth Reich**, (Consequências. Martin Bormann e o Quarto Reino) de Ladislav Farago¹⁸⁹, escritor húngaro radicado nos Estados Unidos da América. Com 479 páginas, o livro alcançou grande vendagem chegando a ser publicado em língua alemã, sob o título de **Scheintot**¹⁹⁰ (Aparentemente Morto), além de, em 1975, ser publicada a segunda edição, sob o título **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The final Search for Martin Bormann**¹⁹¹(Consequências. A Mais Ousada Perseguição do Nosso Tempo. A Busca Final de Martin Bormann).

Essa edição se diferenciava por ser em formato menor e por levar na capa a foto que sugere Gasa ser Martin Bormann:

¹⁸⁹ FARAGO, Ladislav. Op. Cit.

¹⁹⁰ FARAGO, Ladislav. **Scheintot**. Hamburg: Hoffmann and Campe Verlag, 1975.

¹⁹¹ FARAGO, Ladislav. **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann**. 2ª edição. New York: Simon and Schuster, 1975.



Fonte: FARAGO, Ladislav. *Aftermath. The Most of our Time. The Final Search for Martin Bormann*. 2.^a ed. New York: Simon and Schuster, 1975.

Além disso, na página 228 da primeira edição observa-se a fotografia em que aparecem Gasa e Seyboth, conforme imagem a seguir:



Fonte: FARAGO, Ladislav. **Martin Bormann and the Fourth Reich**. New York: Simon and Schuster. 1974. p. 228.

Ao lado temos a seguinte legenda: *Bormann na Bolívia: Com seu amigo Adolf Hundhammer (o homem com a câmera) em um belo condado em Apolo, em 1958 (do arquivo Bormann do Ministério do Interior Boliviano).*¹⁹²

Essa fotografia, segundo Gasa e Seyboth, foi tirada em 07 de setembro de 1970, por dois fotógrafos da revista argentina “Siete Dias”, em Marechal Cândido Rondon, quando ambos participavam do desfile cívico. A fotografia também foi apresentada pelas revistas **Manchete**, **Realidade** e **Quick**¹⁹³, que comentaram o livro de Farago¹⁹⁴.

Semelhante a Erdstein, Farago também apresenta-se como “caçador de nazistas”, dedicando-se a procurar alemães acusados de terem cometido crimes durante a Segunda

¹⁹² FARAGO, Ladislav. **Aftermath. Martin ...Op. Cit.**, p. 228.

¹⁹³ Ver anexo n.º 04.

¹⁹⁴ Cf. Correspondências enviadas por Gasa e Seyboth à direção da revista **Manchete** e a revista **Realidade**, em 8 de setembro de 1975 e 06 de março de 1976, respectivamente.

Guerra Mundial. No caso, descreve suas investigações em busca do paradeiro de Martin Bormann.

No capítulo intitulado *The Pursuit of a Shadow*,¹⁹⁵ (A Perseguição de uma Sombra) o autor narra suas investigações em Marechal Cândido Rondon, afirmando que a referida cidade era o “centro do neonazismo”, local de refúgio de criminosos de guerra nazistas.

*O centro do neonazismo era a cidade de Marechal Cândido Rondon, nome de um herói militar brasileiro, agora infestada por alguns dos mais viciosos e velhacos espécimes de uma era que nós pensávamos ter passado e um regime que nós gostaríamos de acreditar termos erradicado.*¹⁹⁶

Entre os refugiados que estavam em Marechal Cândido Rondon, Farago descreve que se encontrou com um indivíduo que, no período da Segunda Guerra Mundial desempenhou na Alemanha a função de médico da Luftwaffe –Força Aérea Alemã - tendo participado das experiências médicas, (...) *em que os internos dos campos de concentração foram usados como cobaias.*¹⁹⁷

Mais adiante apresenta a mulher do médico (...) *conhecida como a Primeira Dama do Nazismo da América do Sul*¹⁹⁸, descrevendo, ao contrário das reportagens do **Jornal da Tarde**, que a mulher, Ingrun Klagges, era filha de Dietrich Klagges, “*o primeiro nazista a apossar-se do poder em um Estado, Braunschweig*”,¹⁹⁹ e que possibilitou Hitler, um cidadão austríaco, a participar da política alemã e concorrer para

¹⁹⁵ FARAGO, Ladislav. *Aftermath*, Op. Cit., p. 75.

¹⁹⁶ Idem. *Ibidem*.

¹⁹⁷ Idem. p.76

¹⁹⁸ Idem *Ibidem*.

¹⁹⁹ *Ibidem*

a presidência contra Hindenburg, no Parlamento alemão. Torna-se claro que o médico em questão é o Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth e sua esposa.

O autor também cita um fragmento da conversa que teve com a esposa do Dr. Seyboth que, segundo ele, demonstra a “adoração” com que a senhora Klagges lembra do Führer. *Ele amava crianças, ela conta, ‘e eu, uma pequena garota, era sua favorita. Meu Deus’, ela acrescenta, seus olhos brilhavam como que acalentando as memórias, ‘como era maravilhoso quando me pegava no colo e me acariciava afetosamente, nosso Führer, o grande homem da história’.*²⁰⁰

Além do casal, temos o nome “Herbert von Gaza” apresentado como físico nuclear que vivia uma “monótona vida de oculista” e morava numa “grande fortaleza”. “Gaza” seria o “cérebro”, o chefe de um movimento neo-nazista denominado “Ultras”. *Herbert von Gaza é ambos, o ideólogo e o testa de ferro do nazismo nesta parte da América do Sul.*²⁰¹ Da mesma forma que Ingrun, Gasa, ou “Gaza”, também concedeu uma entrevista para Farago.

*(...)Ele falou livremente e sinceramente, admitindo a existência dos Ultras, e admitindo que ainda tem em bom estado o uniforme da SS usado na guerra pela Alemanha Nazista. Eu o convidei para posar para uma fotografia, mas ele recusou com um perplexo sorriso. “É cedo demais”, ele disse em voz baixa, deixando-me com uma dúvida, se ele estava se referindo ao tempo daquele dia – era dez horas da manhã – ou se para a fase da evolução do seu movimento.*²⁰²

²⁰⁰ ‘He loved children’, she told me, ‘and I, a little girl then, was his favorite. My God’, she added, her eyes brightening with cherished memories, ‘how wonderful it was when he had me on his knees and petted me fondly, our Führer, the greatest man in all history’. Idem Ibidem. Tradução livre deste autor.

²⁰¹ Idem. p. 77.

²⁰² (...) He spoke freely and candidly, admitting the existence of his Ultras, even conceding that he still had in fairly good repair the SS uniform he used to wear back in Nazi Germany. I asked him to pose for a picture wearing it, but he declined with a bemused smile. ‘It’s too early,’ he said in a low voice, leaving me to wonder whether he was referring to the time of day – it was ten o’clock in the morning – or to the

No final do livro temos a relação dos nomes das pessoas que contribuíram com informações, entre eles o de Erich Erdstein. O que confirma as informações a nós prestadas por Gasa, que juntamente com Seyboth encaminhou várias cartas aos editores²⁰³ das revistas *Manchete* e *Realidade*, que reproduziram as informações do livro, contestando a veracidade destas informações e solicitando direito de resposta. Seyboth chegou inclusive a ser vítima de uma tentativa de sequestro,²⁰⁴ planejado por indivíduos que acreditavam que ele era criminoso de guerra nazista.

Além disso, ambos concederam entrevistas em órgãos de imprensa regionais. Seyboth, em entrevista concedida ao jornal **Rondon Hoje**, de junho de 1978, relatou sua versão sobre o assunto.

Filho de imigrantes alemães, Friedrich Rupprecht Seyboth nasceu em 13 de junho de 1919 no município de Estrela, Rio Grande do Sul. Aos 6 anos de idade foi para a Alemanha. Em 1939 ingressou na faculdade de Medicina em Berlim, onde conheceu sua futura esposa Ingrun, sendo que, em 1940, entrou na Academia Médica da aeronáutica. Com a eclosão da guerra, foi enviado para o Norte da África, destacado para o corpo médico, sob o comando do marechal Rommel. De volta para a Alemanha, serviu como médico na região de Hamburgo, onde ao final da guerra foi aprisionado pelas forças aliadas, sendo posteriormente libertado.²⁰⁵

stage in the evolution of his movement. Idem ibidem. Tradução livre do autor. Gasa nos informou que jamais fora procurado por Ladislav Farago e tampouco lhe concedera a entrevista.

²⁰³ Ver anexo n.º 05.

²⁰⁴ O seqüestro estaria sendo preparado por indivíduos interessados em auferir recompensas pelo suposto nazista. Cf. **Auto de Qualificação e Interrogatório de Alcione Martins com Envolvência de Tentativa de Sequestro na Cidade de Marechal Cândido Rondon.** Secretaria de Estado de Segurança Pública – Polícia Civil. Corregedoria de Polícia Civil. Curitiba: 06 de julho de 1976. Dossiê n.º 0551, caixa 062 – DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná.

²⁰⁵ SEYBOTH, Friedrich Rupprecht. Entrevista. *Bormann Mora em Rondon?* In: Jornal **RONDON HOJE**. Marechal Cândido Rondon: n.º 42, de 10 a 17 de junho de 1978. p. 13 e 14.

Sua esposa, Ingrun Seyboth, natural de Wilster, norte da Alemanha, em entrevista concedida a revista Oeste, confirmou que foi seu pai, Dieter Klagges quem concedeu a nacionalidade alemã ao austríaco Adolf Hitler:

De fato. Embora fosse chefe de um partido em ascensão, Hitler não podia ser candidato a posto eletivo por não ter nacionalidade alemã. (...) Então meu pai entrou no caso e designou Hitler como funcionário da representação do Estado de Braunschweig em Berlim. Se bem me lembro, deu-lhe o cargo de adido cultural. Assim, Hitler tornou-se cidadão de Braunschweig e, automaticamente, cidadão alemão, e pode se candidatar à presidência da Alemanha em 1932²⁰⁶.

Também narrou como ela, o marido e dois filhos vieram para o Brasil, em maio de 1949.

Eu fiquei em Estrela e meu marido foi trabalhar como assistente do Dr. Wolfram Metzler em Novo Hamburgo (RS). Mas existia um problema: seu diploma não tinha validade no Brasil. Depois nos mudamos para Piratuba (SC) e em 1953 viemos para Marechal Cândido Rondon. Nesses primeiros anos de Brasil meu marido sofreu perseguições sob a acusação de exercício ilegal da medicina. Finalmente ele fez exames em Porto Alegre e conseguiu a validação do diploma que trouxera da Alemanha. Em Rondon conhecemos Willy Barth e Ondy Niederauer, que eram da colonizadora Maripá, e eles nos ajudaram a construir um pequeno hospital.²⁰⁷

Apesar de desenvolver pesquisas na área da Física²⁰⁸, e pelas quais desejar ter seu nome relacionado, Heribert Hans Joachim Gasa foi o imigrante que, aparentemente, mais despertou a atenção dos “caçadores de nazistas”. Nascido em 14 de março de

²⁰⁶ SEYBOTH, Ingrun. Entrevista: *Recordações do III Reich*. In: Revista OESTE. Cascavel: n.º 81. Abril de 1993. p. 07.

²⁰⁷ Idem. p. 10.

²⁰⁸ Um de seus estudos está publicado nas revistas RAUM & ZEIT. n.r. 91. Januar/Frebruar, 1998. p. 99; OESTE. Cascavel: n.º 132. 1998. p.14-5 e Jornal O PARANÁ. Cascavel: n.º 7057. 13 de novembro de 1999. p. 14.

1920, em Dambritsch, Schlesien (região que atualmente pertence a Polônia), Gasa veio para o Brasil em 1961 a convite do Dr. Friedrich R. Seyboth.²⁰⁹

Durante a Segunda Guerra Mundial, foi motorista de caminhão de abastecimento da Força Aérea Alemã. Nesta função chegou a estar na frente oriental, na Ucrânia. Depois ingressou no grupo de pára-quedistas, sendo então enviado para a França e em seguida para a cidade holandesa de Nijmegen, onde, no final da guerra, foi feito prisioneiro. Após alguns meses retornou para a Alemanha onde se dedicou ao ramo óptico. (...) *No final da década de 50, pensava em emigrar para a Austrália, mas acabou vindo para Rondon: 'Eu era amigo do irmão da esposa do Dr. Seyboth. Nessa época ela esteve na Alemanha, e quando soube que eu pretendia ir para a Austrália, sugeriu que viesse para o Brasil'.*²¹⁰

Uma das causas que levantou suspeitas de ser “agente nazista” foi a forma como edificou sua casa²¹¹. Além das características externas, como as grossas paredes de tijolos, a existência de um espaço subterrâneo levou o agente e Farago a concluir que se tratava de um esconderijo para os fugitivos nazistas²¹².

Sobre a arquitetura da casa Gasa afirmou que:

Eu comecei a construí-la em 1965. Ela foi feita no eixo leste-oeste justamente porque aqui é muito quente no verão, e deste jeito, o sol esquentava mais o teto e não só uma das paredes, como a maioria das casas aqui (...) Pode-se dizer que minha casa é uma micelânia de culturas. Há traços gregos, germânicos, italianos, astecas, entre outros. Inclusive há algum tempo atrás

²⁰⁹ GASA, Heribert Hans - Joachim. Entrevista. In: Revista CIRCUS. Marechal Cândido Rondon: n.º 03. Junho de 1997. p. 04.

²¹⁰ GASA, Heribert H. J. Entrevista: Enfrentou os Russos e Filou Cigarros dos Ingleses. In: Jornal RONDON HOJE. Marechal Cândido Rondon: n.º 38. 13 a 20 de maio de 1978. p. 03.

²¹¹ No relatório elaborado por Erdstein há uma fotografia da mesma, quando ainda estava em construção. In: ERDSTEIN, Erich. Op. Cit., s.p.

²¹² Idem. Ibidem.

*a interpretação errônea de algumas figuras de minha casa trouxeram-me incômodo. Uma jornalista do Zero Hora (Glorinha Glock) cismou que a figura da águia que está em cima da lareira na sala onde era o café colonial era um símbolo nazista (na verdade é um símbolo asteca e nada tem a ver com a águia-símbolo do nazismo). Outro fato curioso com a mesma jornalista aconteceu quando ela avistou uma fotografia do Mal. Cândido Mariano da Silva Rondon que tenho pendurada em uma das paredes, ela pensou que fosse algum general nazista.*²¹³

Percebe-se, portanto, que esta leitura dos indícios, no caso o aspecto arquitetônico e a decoração interna da residência de Gasa, não foi mérito somente de Erdstein, tampouco ficou restrita às décadas de 60 e 70. Mas, sobretudo, trata-se de discursos que circulam, encontrando espaço junto à mídia em outros momentos, como foi o caso da reportagem publicada no jornal **Zero Hora** no ano de 1995.²¹⁴

Apesar da não veracidade das publicações, constata-se que tais discursos encontram sustentação, ou “condições de produção” através de leituras sobre o contexto histórico do município, em deduções baseadas, principalmente, no fato de Marechal Cândido Rondon ser formado basicamente por descendentes de imigrantes alemães. Pois como afirma Sidney Chalhoub, a forma de investigar e construir os (...) *rastros - documentos - é feita a partir dos interesses de cada autor (...)*²¹⁵ e, no caso, da atividade ou posição que ocupa.

Todavia, nos anos finais da década de 1970 e a partir da segunda metade da década de 1980 os mesmos “indícios de nazismo”, foram reapropriados, revisitados com

²¹³ GASA, Heribert H. J. Entrevista In: Revista **CIRCUS**, Op Cit. p. 05 e 06. A Jornalista em questão é Clarinha Glock, e a matéria foi vinculada, sob o título *Saudosistas veneram ditador alemão*, no jornal **ZERO HORA**. Porto Alegre: 31 de julho de 1995. p. 50. Nesta edição, o jornal de Porto Alegre também vinculou a matéria especial intitulada: *Adeptos do ódio revêem a história*, apresentando uma lista de livros, entre eles o de CASTAN, S. C. **Holocausto Judeu ou Alemão? Nos bastidores da mentira do século**. Porto Alegre: Ed. Revisão. Gasa, por sua vez, requereu direito de resposta. Cf. Anexo n.º 06.

²¹⁴ Gasa relatou também que devido às publicações que envolveram seu nome à atividades “nazistas” vários conhecidos residentes na Alemanha deixaram de corresponder com ele. Por outro lado, houve manifestações de solidariedade, como atestam as cartas enviadas pelo jornalista argentino D. H. Molineis. Cf. Anexo n.º 07.

²¹⁵ CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998. p. 18.

o objetivo de construir a identidade rondonense, baseada na germanidade. É o que será analisado no capítulo a seguir.

CAPITULO III

A CONSTRUÇÃO DA GERMANIDADE

Alemães na Fachada e na Alegria
Descendentes predominam em Marechal Cândido Rondon, onde até anúncios são em alemão (...) Quem visita a cidade de Marechal Cândido Rondon costuma ser tomado por uma agradável surpresa (...) Marechal Cândido do Rondon pode ser considerada um pequeno pedaço da Alemanha dentro do Brasil. Pelo menos 80% da população é de origem alemã e o “willkommenn” – bem vindo, em alemão - é a saudação mais freqüente dirigida aos novos visitantes.²¹⁶

3.1 ONDE O BRASIL ESTÁ EM ORDEM²¹⁷

A epígrafe acima exemplifica os discursos produzidos a partir da segunda metade da década de 1980, por ocasião da realização da Oktoberfest, festa integrada ao projeto de germanização do município, iniciado em 1986. Projeto esse que, entre outras coisas, faz uma releitura e uma reconstrução de discursos presentes no período da colonização e na década de 1960, - analisados nos capítulos anteriores - objetivando compor os efeitos de significação, de legitimação e de reconhecimento pela população do município.

Para uma melhor análise dos mecanismos discursivos que compõem a construção da germanidade em Marechal Cândido Rondon cumpre também fazer um breve levantamento dos discursos vinculados na década de 1970 e da primeira metade

²¹⁶ Jornal **FOLHA DE LONDRINA**. Londrina: 24 de setembro de 1992. p. 09.

²¹⁷ Título da matéria do jornal **RONDON COMUNICAÇÃO**. Marechal Cândido Rondon: 31 de julho de 1976. s.p.

dos anos 80. Neste período, paralelo às entrevistas prestadas por Gasa e Seyboth, percebe-se uma intensificação de discursos proferidos por órgãos de imprensa locais que instituem um caráter “laborioso”, “ordeiro” e “disciplinado” para a população rondonense que se contrapõem às denúncias apresentadas por Erdstein²¹⁸. A frase do então ministro da Educação e Cultura Ney Braga, em visita a cidade onde recebeu o título de cidadão honorário e inaugurou algumas obras, transmite claramente essa idéia: (...) *Marechal Cândido Rondon, um município que é um exemplo de união e trabalho*²¹⁹.

Tais discursos também podem ser observados em publicações como a revista **Recado** de 1974, quando da comemoração do décimo quarto aniversário de emancipação político administrativa de (...) *Marechal Cândido Rondon, obra da imigração alemã para o Brasil*²²⁰. Além disso, em seu editorial a revista também se coloca como sujeito do discurso:

*Assim vamos alcançando nossa meta, fazendo neste primeiro ano uma revista que é a história da região, algo que servirá para as gerações vindouras terem onde basear seus estudos futuros. Como o grande Rondon (...) como os alemães que para cá vieram trazendo a força de seu trabalho, como o colono e o motorista que desbravaram a mata virgem para implantar a civilização e levar seus frutos para todo Brasil, nós, modestamente, nos consideramos pioneiros, procurando seguir tantos exemplos dignificantes e cumprir essa missão (...) contribuindo para a divulgação, defesa e engrandecimento desta região.*²²¹

²¹⁸ Idem Ibidem.

²¹⁹ Ibidem. No mesmo ano houve a visita do então presidente da República, General Ernesto Geisel. A visita deu-se em função da abertura oficial da safra de soja e da inauguração de projetos de eletrificação rural. In: jornal **FRONTEIRA DO IGUAÇU**. Cascavel: 19 de março de 1976. p. 03. A vinda do Presidente da República foi também registrada através de filme por Gasa. Uma cópia do filme encontra-se no acervo do Museu Histórico Municipal de Marechal Cândido Rondon, situado no distrito de Porto Mendes.

²²⁰ Revista **RECADO**. Toledo: Ano I, nº03. 25 de julho de 1974. s.p.

²²¹ Idem. Ibidem.

As metáforas relacionadas à derrubada das matas que apresentam os colonizadores como “sementes da civilização”²²², cumpridores de seus deveres junto à nação brasileira, ou seja, como sujeitos empenhados na defesa e no desenvolvimento econômico e social da região de fronteira, junta-se com outra publicação do período: o jornal **Rondon Comunicação**, que em sua edição especial de 25 de julho de 1974 insere na primeira página as fotografias do Marechal Cândido Mariano da Silva Rondon “o pacificador dos sertões” ao lado da fotografia de Willy Barth²²³. Ato que procura representar ambos como “heróis”, baluartes do “desbravamento dos sertões”, bem como “defensores das fronteiras do Brasil”, não importando, portanto, a origem étnica do diretor da MARIPÀ e que descaracterizaria a concepção de que se tratava de um “quisto étnico”.



Fonte: Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO**. Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 18. 25 de julho de 1974

²²² Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO**. Marechal Cândido Rondon: 19 de março de 1976. s.p.

²²³ Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO** Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 18. 25 de julho de 1974. p. 01.

Esse objetivo, apresentar a história da localidade e também mostrar que ali o “Brasil está em ordem”, se dá através de entrevistas de “pioneiros” como Oswald Heinrich e fotografias colocadas em pares, uma apresentando a situação inicial da colonização, abaixo a legenda “Rondon ontem”, e a outra ao lado que apresenta a situação de 1981, com a legenda “Rondon hoje”.



Fonte: Jornal **O ALENTO**. Marechal Cândido Rondon: Ano II, n.º 95. 24 a 30 de julho de 1981. p. 16

Os desbravadores são apresentados como os sujeitos desta história - eles “a fazem”- e a utilização das fotografias visa apresentar uma “realidade objetiva”, como provas deste passado. Ao construir a memória da colonização, que se confunde com a lembrança por parte daqueles que dela participaram, faz-se uma apologia ao trabalho realizado, cujo produto é representado pelos prédios, estradas, etc. O que pode dispensar o uso de palavras, pois como afirma Miriam Moreira Leite (...) *a imagem fotográfica tem significados evidentes, aparentes e latentes, perceptíveis após um primeiro olhar, que lhe conferem uma comunicação instantânea, capaz de dispensar mediações.*²²⁴

²²⁴ LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família. Leitura da Fotografia Histórica**. São Paulo: Edusp, 1993. p. 81.

Além disso, o discurso também apresenta o outro representado por outras cidades. A comparação, ao apontar o diferente, objetiva reafirmar e construir a identidade rondonense através do contraste, quase sempre fazendo apologia de si. Nota-se que o enfoque do discurso não se situa no desejo de conquista sobre “os outros” ou numa não-assimilação, como os discursos de Erdstein, e sim na qualidade “humilde” da população local, sem pretensões que poderia afetar negativamente a vida do país:

*A paz marcou as festividades do município de Marechal Cândido Rondon (...) cidade na qual só o progresso e o trabalho merecem atenção dos cidadãos pois, podemos compará-los à outros centros populacionais e, sempre teremos a conclusão de que Marechal Cândido Rondon, realmente, é uma cidade de futuro prodigioso e promissor, que tem na sua vanguarda um povo com interesses voltados única e exclusivamente para o desenvolvimento do município, pois trabalha humildemente, com mais segurança e com um comportamento social dos mais elogiáveis.*²²⁵

O texto mostra também o comportamento do rondonense por ocasião das festas, onde este é representado como ordeiro e comportado. A festa em questão é a festa de Emancipação Política e Administrativa que ocorre em 25 de julho. É o momento em que se percebe a ênfase no título do município: “Município da Produção”²²⁶, quando se intensifica a produção de discursos vinculados em órgãos de comunicação que apresentam narrativas heróicas, de “pioneiros desbravadores”, que a cada ano são recontadas e que constroem os conceitos de como deve ser o cidadão rondonense:

Quem labuta aqui em Marechal Cândido Rondon, sabe que deve procurar, de forma consciente, se valorizar dentro do conceito

²²⁵ Jornal. O ALENTO. Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 51. 01 a 07 de agosto de 1980. p. 02.

²²⁶ Ver anexo n.º 06.

*que a boa ética exige. Levado por isto, a população rondonense, desde a sua origem, vem mantendo uma linha de conduta condizente com suas funções, para perpetuar os ideais nascidos com esta gente, sem interesse de resolver apenas problemas momentâneos, que depois possam se desmoranar, a exemplo de tantas outras comunidades e empreendimentos que tentaram se projetar.*²²⁷

As características: “laborioso”, “ordeiro” e “perseverante” do cidadão rondonense, aqui apresentadas em comparação com outras localidades, fazem parte, portanto, de uma “ética”, ao mesmo tempo consciente e “hereditária”, que estaria ligada intrinsecamente a população do município.

Em outro momento, porém, o discurso assume um tom de denúncia, afirmando que a cultura local estaria sendo ameaçada por outras culturas:

*Muito tem se dito em favor da cultura de nossa região que, infelizmente, até a presente data foi alvo de infiltração de todo e qualquer tipo de cultura, oriunda de vários lugares, que às vezes nem mesmo teve outra finalidade a não ser de obter bons resultados financeiros, desprezando a formação cultural própria do nosso povo. Conscientes da necessidade de se evitar esses atravessadores e procurando manter acesa a chama do desenvolvimento cultural e da própria criação de novos valores culturais (...) os diretores de departamentos de várias municipalidades da região tomaram a peito o desafio de manter e elevar a cultura autóctone do oeste.*²²⁸

Percebe-se aqui, além da intenção de se “resgatar” os aspectos culturais do grupo que, segundo o editorial estão esquecidos, a referência à alteridade como um elemento catalisador da identidade rondonense, pois o discurso aponta as influências do “exterior”, adivindas tanto através de veículos de comunicação como a televisão, ou

²²⁷ Jornal **O ALENTO**. Marechal Cândido Rondon : Ano I, n.º 50. 25 a 31 de julho de 1980. p. 07.

²²⁸ Jornal **O ALENTO**. Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 30. 07 a 13 de fevereiro de 1980. p. 02. É interessante notar que o termo autóctone, segundo o dicionário Michaelis, se refere ao indivíduo *natural de um país que sempre habitou e proveniente das raças que ali sempre habitaram: aborígine, indígena.*

mesmo através da vinda de “outras” pessoas, como nos mostra a entrevista transcrita no jornal **O Paraná** e posteriormente no livro de Venilda Saatkamp:

O pioneiro senhor Siegsmando Heinrich relata : “Toda a cidade foi levantada no meio da mata. Nessa época, a cidade já estava planejada como hoje está. (...) A língua falada era principalmente o alemão. A gente falava e cantava só em alemão. Todas as noites os colonos se juntavam para conversar e para cantar. Quem gosta da tradição alemã, como a de cantar, estranha muito hoje, porque não existe amizade por causa de pessoas de outros lugares.”²²⁹

A leitura desses discursos, legitimados agora pela historiografia, apresenta a imagem de uma cidade que, devido ao seu caráter étnico homogêneo, era um local sem conflitos, um local de solidariedade entre os habitantes, quando há uma percepção da não permanência destas relações busca-se as causas desta mudança em pessoas vindas de “outros lugares”. E quando os discursos apresentam os conflitos que surgiram, aqui resumidos na transcrição de um fragmento da coluna intitulada “O Abelhudo”, apresentam exatamente essa idéia, ou seja, os problemas, mesmo quando ocorrem no interior da cidade de Marechal Cândido Rondon ocorrem em bairros habitados por não descendentes de alemães:

Na euforia de bem informar, na manhã de quarta-feira, Waldomiro Poersch quando transmitia um “Flash” do bairro situado nas proximidades do Colégio David Carneiro e Copagril (...) designando o local no qual ocorreu o caso (...) disse tratar-se do bairro da Copagril ou bairro Gramadinho, mais conhecido como Planeta dos Macacos.”²³⁰

²²⁹ Jornal **O PARANÁ**. Cascavel: 23/07/1983. p. 05 e SAATKAMP Venilda. Op. Cit., p. 74.

²³⁰ Em vista do péssimo estado da fonte não foi possível precisar com exatidão o nome do jornal e a data de sua publicação. O jornalista responsável pela matéria, Hugo Balko, também não soube informar com precisão a data.

Na citação acima o outro, ou seja o não identificado como descendente de alemão, é localizado espacialmente na periferia da cidade. Os limites deste espaço, apresentado como outro “planeta”, são demarcados com denominações pejorativas e relacionadas a animais. Cabe destacar que o processo de nomeação é sempre um processo de classificação e, desta forma, redutor da complexidade do ser, ou objeto, nominado. Ao diminuir as características humanas de um grupo se está, entre outras coisas, a excluí-los como sujeitos da civilização, afinal esta é produzida pela humanidade.

Essa exclusão pode ser verificada em estudos sobre as características demográficas de Marechal Cândido Rondon no início da colonização: (...) *95% de famílias alemãs, 5% de famílias italianas e 6 famílias luso-brasileiras de trabalhadores*²³¹. Ou seja, nesta estatística a soma das porcentagens das famílias alemãs e italianas completa 100%, a participação dos luso brasileiros não é percebida como pertencendo a esta população.

Esses dados estatísticos são reutilizados quando, em 1980, torna-se bem nítida a preocupação de “resgatar” a cultura de Marechal Cândido Rondon com a criação do Projeto Memória²³². Desenvolvido por professores e alunos do curso de História da Faculdade de Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon em conjunto com a Prefeitura Municipal, esse projeto, que resultou no livro **Desafios Lutas e Conquistas. História de Marechal Cândido Rondon**, tinha o objetivo de (...) *recuperar a história, e*

²³¹ OBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. Op. Cit., p. 59.

²³² SAATKAMP, Venilda. Op. Cit. p. 85. *O Projeto Memória era coordenado pela ASSOESTE – Associação Educacional do Oeste do Paraná, contando com a colaboração da FIDENE- Fundação de Integração Desenvolvimento e Educação do Noroeste do Estado – Ijuí – RS, obedecendo programa de trabalho do Projeto Especial Multinacional de Educação – Brasil – Paraguai – Uruguai – MEC/OEA. In: Jornal O PARANÁ. Cascavel: 23 de julho de 1983. s.p.*

*as experiências de vida das comunidades e buscar sua identidade cultural, para a proteção e os valores conquistados.*²³³

O objetivo do livro era sobretudo servir de apoio para docentes e alunos no estudo do município e (...) *ao povo em geral, que poderá espelhar-se como sujeito da história e gerador de fatos sociais que caracterizam as conquistas deste mesmo povo.*²³⁴ E o próprio título *Desafios Lutas e Conquistas* deixa bem clara essa intenção: produzir uma narrativa com uma linguagem acessível²³⁵ na qual o leitor do município pudesse se identificar como agente participante, protagonista da história do município e assim criar ou reafirmar uma noção de comunidade e pertencimento a mesma estirpe dos colonizadores.

Aliado à construção ou reconstrução da “identidade rondonense” pela historiografia local, outro discurso, bastante pautado nas informações do livro de Venilda Saatkamp - entre elas os dados sobre as características da população do município no período da colonização - tomou forma mais visível a partir da segunda metade da década de 1980. Trata-se do Projeto de Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon que, basicamente, consistia em incentivos fiscais para imóveis cuja fachada fosse construída em estilo germânico, Enxaimel ou Casa dos Alpes, e na criação de uma festa típica: a Oktoberfest.

Portanto, ao se revisitar esses discursos, tanto dos órgãos de imprensa como da historiografia, percebe-se que os mesmos constituem o “chão fértil”, a linguagem autorizada, do discurso de germanização. Ou seja, nos discursos apresentados tanto pelo poder público e pela historiografia, como pelos meios de comunicação, temos o

²³³ SAATKAMP Venilda. Op. Cit., p. 09.

²³⁴ Idem *ibidem*.

²³⁵ Segundo a autora (...) *A linguagem utilizada neste trabalho caracteriza-se pelo uso de termos populares, adequados à realidade local e regional, respeitando o falar e o sentir dos pioneiros.* Idem. p. 12.

efeito de significação onde falas de um passado idealizado são usadas para construir e legitimar essa realidade social – a germanização - que se pretende construir. Pois como afirma Roger Chartier:

*As percepções do social não são de forma nenhuma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (...) que tendem a impor uma autoridade às custas de outros, por ela menosprezados a legitimar um projeto reformador ou a justificar para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas.*²³⁶

Segundo Wiland Schurt, autor do projeto de Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon, a idéia surgiu quando passava férias em Balneário Camburiú, Santa Catarina.

*(...) Numa dessas, sentado na beira da praia, olhando os prédios, me veio a idéia de que se Blumenau tem todo esse trabalho de caracterização, de germanização, por que Marechal Cândido Rondon não faz isso também. Uma vez que não possui montanhas e vales, mas tem a essência, que é o povo maravilhoso, que na maioria é de descendentes germânicos.(...)*²³⁷

Então ele se dirigiu à Blumenau e, apresentando suas credenciais como vice presidente da Câmara Júnior de Marechal Cândido Rondon, conseguiu uma audiência com o chefe de gabinete, que lhe abriu as portas da cidade e lhe deu todas as informações. Ao retornar à Marechal Cândido Rondon, expôs a idéia na reunião da Câmara Júnior. *Evidentemente fui aplaudido e as pessoas concordaram que nós*

²³⁶ CHARTIER, Roger. **História Cultural: Entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990. p. 27.

²³⁷ SCHURT, Wiland. Entrevista concedida ao autor em Cascavel: 30 de agosto de 1999. (A.A)

*deveríamos fazer esse trabalho de transformação de Marechal Cândido Rondon, uma vez que o povo era o ingrediente básico.*²³⁸

Através da Câmara Júnior, formou-se uma comissão que elaborou um projeto de lei encaminhado ao prefeito Ilmar Priesnitz que após estudar o documento convocou os vereadores, o Rotary Club, a Maçonaria, o Lions Club e demais entidades da cidade para discutir a idéia. Foi quando houve, por parte de um vereador, a afirmação de que se tratava de racismo. *Então explicamos que a lei não tinha nada a ver com raça. A lei tinha o objetivo de incentivar as pessoas a resgatar suas origens respeitando evidentemente o país em que vivem. Além desse objetivo - resgatar as origens dos nossos antepassados - outro era ganhar dinheiro com esse projeto.*²³⁹

A idéia principal era diferenciar a cidade de Marechal Cândido Rondon, principalmente no aspecto arquitetônico, das demais cidades do Brasil, pois para Schurt, *se você vai numa cidade, todas elas tem arquitetura, a nível de Brasil, quadrada.*²⁴⁰ E isso, ser diferente, que em outros momentos foi lido como perigo, era agora a fórmula que iria trazer turistas e junto, riquezas para o município.

3.2 O PROJETO DE CARACTERIZAÇÃO GERMÂNICA

1. *Queres te tornar universal, canta a tua cidade.*
2. *Milhares de pessoas visitam todos os anos as cidades de Blumenau em Santa Catarina e Gramado no Rio Grande do Sul; (...). Toledo recebe um afluxo incalculável de visitantes todos os anos. No caso de Blumenau e Gramado é a possibilidade de*

²³⁸ Idem. Ibidem.

²³⁹ Ibidem.

²⁴⁰ Ibidem.

*“viajar” pelo mundo e atingir a Europa, vivendo ali um pouco da cultura do povo germânico.(...).*²⁴¹

A citação, que constitui a introdução do Projeto de Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon, demonstra um dos principais objetivos da germanização do município, o desenvolvimento do turismo. Setor que em Santa Catarina proporcionou um grande crescimento da economia, notadamente nos setores de prestação de serviços, gerando empregos, áreas de investimento, rendas, etc.²⁴², despertando, portanto, a atenção do Secretário Municipal rondonense.

Segundo Maria Bernadete Ramos Flores, ao analisar as festas germânicas de Santa Catarina, constata-se a criação de “ indústria da tradição” em que a tecnologia e a metodologia das festas catarinenses tornaram-se modelo de economia turística e onde os organizadores apresentavam a germanização como uma forma de se “resgatar” a história, as tradições e os costumes²⁴³.

Para isso, em Marechal Cândido Rondon, lançou-se mão dos vários discursos presentes na cidade, *remexendo e recriando lugares de memória, representando e reforçando valores e aspirações*,²⁴⁴ como a valorização do discurso sobre o caráter laborioso e ordeiro de sua população formada majoritariamente por descendentes de imigrantes alemães e a desclassificação de outros discursos que representam a negatividade desta parcela da população. Isto pode ser percebido quando o autor

²⁴¹ SCHURT, Wiland. **Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon**, Marechal Cândido Rondon: Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, 22 de setembro de 1986.

²⁴² FLORES, Maria Bernadete Ramos. **Oktoberfest...** Op. Cit., p. 127.

²⁴³ Idem. p. 13.

²⁴⁴ FLORES, Maria Bernadete Ramos e WOLFF, Cristina Scheibe. *Imagens que não se apagam: representações de gêneros na Oktoberfest*, In: **Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC**. nº14, São Paulo: 1997. p. 162.

aborda a questão envolvendo a suposta relação entre o município e criminosos de guerra nazistas.

Marechal Cândido Rondon há muitos anos e muitos anos “amargou” a pecha de “Cidade de Alemães”. Houve nos primeiros anos, especialmente quando ainda se mantinham presentes os acontecimentos ligados à Segunda Guerra Mundial, a tentativa de algumas pessoas interessadas em “negar” a origem de nossa gente e “abrasileirar” todos os Schmid, Schneider, Winter, Schurt, Zimmermann e tantos e tantos sobrenomes que bem claro mostravam sua procedência. Vergonha era o sentimento generalizado da nossa população quando um “pseudo-caçador-de-nazistas” no afã de vender suas publicações tidas pelo mundo afora como “documentários” incluiu nossa cidade e muitas honradas pessoas em seu livro. Era o tempo em que nossa cidade não passava de uma aldeia de colonos migrantes do Sul, pessoas rudes, que na verdade tinham como traços culturais apenas os herdados de seus ancestrais europeus.²⁴⁵

A valorização dos traços culturais, apresentando a germanidade como algo natural, “autóctone” do município objetiva mostrar, portanto, uma “volta às origens”²⁴⁶, adquirindo um efeito de legitimação e comprovação do discurso. E, mesmo os discursos com conotações pejorativas sobre os “alemães de Rondon” apresentavam-se, no entender de Schurt, como matéria prima para o projeto.

Se você tem uma região bonita como essa, se nós de Marechal Cândido Rondon somos chamados de alemães, de barrigudos, de tomadores de chopp, de teimosos, de tantos adjetivos que os municípios vizinhos gentilmente nos brindam, por que não aproveitar e transformar tudo isso em dinheiro.²⁴⁷

E, exatamente transformamos essa gozação em dinheiro. Foi importante o que as pessoas fizeram e fazem ainda hoje, mas

²⁴⁵ SCHURT, Wiland. *Caracterização...* Op. Cit., s.p.

²⁴⁶ Cf: revista **OESTE** Cascavel: n.º 25. fevereiro de 1988. p. 18.

²⁴⁷ SCHURT, Wiland. *Entrevista*. Apud: SMANIOTTO, Jeferson. Op. Cit., p. 11.

*isso não importa. O importante é que as pessoas falem de Marechal Cândido Rondon e vão e gastem dinheiro lá. Com isso a cidade progride. Não importa se as pessoas fazem brincadeiras ou querem denegrir a imagem no aspecto da gozação. O importante é que essa idéia, essa brincadeira foi transformada em lucros, para a cidade faturar em cima disso.*²⁴⁸

Temos também a alusão aos conflitos existentes no município, que segundo Schurt não se deve ao caráter étnico da população, mas ao uso da língua, à dificuldade de comunicação entre aqueles que falam e os que não falam a língua alemã. Sendo que no seu entender qualquer pessoa se integraria facilmente, desde que falasse o idioma local. Afirmação que, de certo modo, dá um aspecto mais brando aos conflitos existentes.

*Era a época em que uma pessoa que não falasse a língua alemã fluentemente era considerada “negra” e sofria conseqüentemente a discriminação dos demais. São desta época apelidos de pessoas que com o tempo se tornaram queridas da população sob o pseudônimo de ‘Alemão Preto’, ‘Alemão Louco’, etc. Podia ser de cor e facilmente se integrava á sociedade desde que falasse alemão. Mas, por sua vez, podia ter a pele alva e os cabelos louros, e não se integrava caso não falasse a língua materna da maioria.*²⁴⁹

Segundo Clarice Nadir von Borstel, ao fazer um estudo sobre os dialetos em Marechal Cândido Rondon, os mais falados são o *Hunsrückisch*, o *Pommersche Platt* e o *Hochdeutsch*. A existência dos dialetos *Westphälisch* e *Deutsch-russ* seriam falados apenas por um pequeno número de descendentes de alemães. O *Hunsrückisch*, que procede do *Hunsrückisch* do Rio Grande do Sul e do Estado de Santa Catarina, locais de origem dos colonos, apresenta-se como uma mistura entre os migrantes dos dois

²⁴⁸ SCHURT, Wiland. Entrevista concedida ao autor... Op. Cit.

²⁴⁹ SCHURT, Wiland. Projeto de Caracterização... Op. Cit.

Estados dando origem a um novo falar “alemão” através da infiltração de elementos dos diversos dialetos do alemão falado em Marechal Cândido Rondon e termos do português. O mesmo ocorrendo com os outros dialetos falados no município²⁵⁰.

A menção a um período em que o falar alemão estava em desuso, não se dá somente pelos fatos ligados a Segunda Guerra ou às décadas de 1960 e 1970, quando o fato do município estar situado em uma área de Segurança Nacional, fazendo fronteira com o Paraguai e ser administrado por prefeitos nomeados, estava vinculado à proibição de se falar línguas estrangeiras em recintos públicos e em emissoras de rádio²⁵¹. Pois como mostra José Erondy Iurkiv, em seu estudo intitulado **Oktoberfest, Criação e Implicâncias na Construção da Identidade Cultural Rondonense**, referindo-se ao comportamento da coletividade rondonense na década de 1970: (...) *com o advento da televisão e outros meios de comunicação de massa, percebeu-se um certo abandono da língua alemã, que no momento se tornará símbolo de sujeito ‘grosso’, ‘mal-educado’, e de difícil expressão oral (...)*²⁵². Para o autor, esse fenômeno ocorreu principalmente entre os jovens moradores da cidade que começavam a ver os que permaneceram no campo, notadamente os de idade mais avançada (...) *como atrasados e passam a designá-los com adjetivos com tom de pejoratividade, tais como ‘grossos’, ‘alemão-batata’, ‘colono’*²⁵³.

²⁵⁰ BORSTEL, Clarice Nadir Von. **Aspectos do Bilingüismo em Marechal Cândido Rondon**. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) Curso de Pós-Graduação em Letras-Lingüística, UFSC, 1992. p. 67-68.

²⁵¹ O Governo autorizou a transmissão de programas em língua estrangeira em 1990. Até então, segundo a revista Oeste, um dos apresentadores da Rádio Difusora do Paraná, Harto Witek, que apresentava o programa *Vozes da Alemanha*, era obrigado a traduzir as expressões em idioma alemão. In: Revista OESTE. Cascavel: n.º52. Setembro de 1990. p. 26.

²⁵² IURKIV, José Erondy. Op. Cit., p. 16.

²⁵³ Idem, p. 17.

É neste contexto que Wiland Schurt baseia seu argumento, apresentando os dialetos locais e os discursos sobre a origem do povo, não como algo atrasado, mas como algo precioso, sinônimo de cultura que deveria ser valorizado e incentivado através da arquitetura e de eventos festivos. Para ele, as características laboriosas dos colonos foram a base para o “progresso” e o “desenvolvimento” do município. Situação que, no seu entendimento, teria continuidade através do incremento do turismo.

*Passou-se o tempo, nossa cidade cresceu, tornou-se uma das mais importantes econômica e politicamente do Estado, (...). Hoje nossa cidade está estruturada, nosso povo respira ares de cultura, recebem companhias teatrais, assistem a televisão, tem acesso a Literatura e descobre que na verdade aquilo que repudiavam, sua origem européia, é na verdade um tesouro que precisa ser resgatado.*²⁵⁴

A retomada de valores, de capitais simbólicos²⁵⁵, que aqui são apresentados juntamente com novos conhecimentos e inovações como a televisão, visa apresentar a compatibilidade do projeto com as novas tecnologias. Algo que nos leva a pensar na (...) célebre *Lei de Hansen*, (*daquilo que o filho quer esquecer, o neto quer lembrar*)(...), citada no livro de Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart.²⁵⁶

Trata-se, portanto, de (...) *uma nova sensibilidade em relação a cultura, em relação às experiências anteriores. O que uma geração anterior considerava ‘brega’, antiquado e ultrapassado, a geração atual valoriza.*(...)²⁵⁷. Valorização que, no caso de Marechal Cândido Rondon, é encampada, incentivada pelo poder público e cercada por

²⁵⁴ SCHURT, Wiland. Op. Cit. s.p.

²⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Simbólicas*. 3ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

²⁵⁶ POUTIGNAT, Philippe e STREFF-FENART, Jocelyne. Op. Cit., p. 71.

²⁵⁷ FLORES, Maria Bernadete Ramos. *Oktoberfest Turismo*, Op. Cit., p. 34.

diferentes interesses, em que o econômico e o cultural e mesmo o político estão imbricados, pois é uma ótima oportunidade para os políticos projetarem seus nomes.

3.3 A OKTOBERFEST

O projeto está sendo bem aceito, e mais, foi projetada e realizada a I Oktoberfest do Paraná, aqui em nosso município. A aceitação total da população foi impressionante, sendo prova disto o comparecimento de 20% do pessoal trajado tipicamente(...) O povo rondonense se identificou com a festa, até parece que foi feita sob medida para ele.²⁵⁸

A Oktoberfest, festa realizada no mês de outubro, teve sua primeira edição em 1987. Anterior a ela, e que pode ser considerada como sua precursora, havia a Festa da Cerveja. Segundo um dos organizadores desta festa, Bruno Reuter, a Festa da Cerveja, que teve sua primeira edição no ano de 1983, tratava-se de uma *versão rondonense da Oktoberfest de Munique na Alemanha*.²⁵⁹ A relação entre elas se dava pelo fato de ambas terem como referencial o período que marcava a principal colheita agrícola do ano. A diferença estava relacionada às estações do ano, pois em Munique a colheita acontecia no mês de outubro, enquanto que na região de Marechal Cândido Rondon realizava-se no final do mês de fevereiro e início do mês de março, quando então se fazia a festa, que acontecia num pavilhão situado no bosque do centro de eventos. A partir do ano de 1987 a Festa da Cerveja não foi mais realizada.

Segundo o *Histórico Oktoberfest – a festa de um povo*, elaborado pela prefeitura municipal em 1991, a Oktoberfest é uma festa tradicional alemã surgida no século XVIII, quando (...) *o príncipe coroado da Baviera, Ludwig I, caso-se com a princesa Therese de Sachsen – Hilburghause. Para o casamento, foram convidados todos os*

²⁵⁸ **HISTÓRICO DA OKTOBERFEST** elaborado pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon em 1988.

²⁵⁹ REUTER, Bruno. Entrevista concedida ao autor em Cascavel: 29 de janeiro de 2000. (A.A).

*habitantes de Munique e a festa agradou tanto que estes decidiram reeditá-la todos os anos*²⁶⁰. Desde então a festa vem acontecendo em Munique, excetuando-se os períodos de guerras e epidemias como a cólera, ocorrida no século XIX. Assim, a justificativa para a realização da festa em Marechal Cândido Rondon é (...) *a recuperação das tradições e os bons costumes do povo germânico*.²⁶¹

Para Maria Bernadete Ramos Flores:

*(...) A Oktoberfest, reeditada a cada ano é plena de citações dos mitos fundantes da história. Apagando e silenciando os conflitos, as contradições, a história pontuada pelos diversos tempos vividos, acaba por apresentar e representar uma história mitificada, apologética, seletiva, cuja versão é trazida a público através de emblemas de um passado seletivo, pelos fazedores de festa*²⁶².

Em Marechal Cândido Rondon, essa constatação pode ser percebida no discurso presente no seguinte folder em que discursos apologéticos sobre o período da colonização estão mesclados com representações de seus ancestrais da Europa.

²⁶⁰ HISTÓRICO OKTOBERFEST – a festa de um povo. Marechal Cândido Rondon: Prefeitura Municipal, 1991.

²⁶¹ Idem. Ibidem.

²⁶² FLORES, Maria Bernadete. Op. Cit., p. 46.

Que corajosa, aquela gente!

Vindos do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, aqueles homens abriam clareiras na mata, construíam suas casas de "pau a pique" e começavam a cultivar as terras férteis. Suas pálpebras não tremiam ao fixar o sol em busca de energia, necessária para enfrentar a rudeza daqueles tempos de desbravamento. O mesmo sol que dourava o trigo no campo, ia aos poucos dourando a pele daquela gente, antes branca como a neve que ficara no Sul, branca como a de seus ancestrais europeus.

A chuva, em abundância, despertava não só as sementes do trigo, do milho e do feijão, que dormiam no colo da terra, mas também fazia germinar as sementes dos sonhos de grandeza lançados na nova seara por aqueles homens, suas mulheres e seus filhos.

Assim nasceu, na década de 50, às margens do Rio Paraná, nas terras da Fazenda Britânia, no extremo Oeste do Paraná, o município de Marechal Cândido Rondon. Da primeira clareira na mata até hoje, a história do município tem sido escrita por gente determinada, de uma positiva força interior, cujas conquistas fazem deste pedaço de chão um exemplo fecundo, onde a sociedade, de ideais comuns, faz novos planos de grandeza a cada dia.



Fonte: Folder produzido e distribuído pela Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, 1996

Temos neste *folder* um discurso romântico que se constitui como um mito fundador apresentando a “cultura alemã” – algo hereditário – como explicação para o desenvolvimento do município. Desenvolvimento que é apresentado no verso do panfleto:

A Oktoberfest desenvolve-se durante todo o mês de outubro, ocorrendo bailes também nos distritos do município. Segundo Neina Soder, que na época da implantação da festa trabalhava no Departamento de Cultura da prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, formou-se uma equipe que acompanhou a Oktoberfest de Blumenau colhendo informações, imagens da festa em fitas cassete e outros objetos. *E nós, observando as fitas, a maneira como eles programaram a sua festa, também programamos a nossa, adequando às nossas circunstâncias, ao nosso jeito de ser e de viver.*²⁶³ Essa afirmação demonstra que se a Oktoberfest tinha o objetivo de expor a cultura e as tradições, deveria envolver a população do município.²⁶⁴ Para isso, realizaram-se reuniões com os líderes dos distritos a fim de organizar os preparativos das denominadas “Pré-Oktoberfest”, festas “preliminares”, realizadas em datas que antecederiam a festa realizada na sede municipal. A respeito dos enfeites dos salões onde aconteceriam os bailes, ela relatou que eram inspirados no material trazido de Blumenau pela equipe que lá esteve, mas também em recortes de revistas e fotos que lembravam algum aspecto considerado germânico. Era nas “Pré-Oktoberfest” que se escolhiam as candidatas a rainha da festa, escolhida na abertura da festa da sede municipal, que formaria o par com o “Opa Fass” (Vovô Barril), espécie de rei Momo da Oktoberfest. As demais candidatas ficavam sendo recepcionistas da festa²⁶⁵.

Juntamente com o chope e as músicas consideradas típicas, constata-se a venda de alimentos ou “pratos típicos” como o Eisbein (joelho de porco defumado) e o Kassler (lombo de porco), produzidos na sede e levados aos locais das festa. Outro aspecto é que por ocasião da festa se realizava também a Feira da Indústria de Marechal

²⁶³ SODER, Neina. Entrevista concedida ao autor em Quatro Pontes: 06 agosto de 1999. (A.A).

²⁶⁴ FLORES, Maria Bernadete Ramos. Op. Cit., p. 108.

²⁶⁵ SODER, Neina. Op. Cit.

Cândido Rondon - FEIMACRO, que anteriormente era realizada no mês de fevereiro, e a exposição de orquídeas e demais plantas ornamentais.

Entre as principais atrações da festa está o “Bierwagen” (carro da cerveja) que, nos finais de tarde distribui chope em algumas ruas do centro da cidade, *servia de estímulo, lembrava que mais a noite aconteceria a festa,*²⁶⁶ o concurso do chope em metro o desfile de carros alegóricos, este que acontece quase sempre no último domingo da festa. Vale salientar que todos esses acontecimentos ocorrem de acordo com a programação estabelecida pela Associação Municipal de Promoções, Feiras e Festas-AMPFEST.

Entretanto, a festa também deixa transparecer os conflitos, as exclusões, o que, conforme Lucinéia Limberger²⁶⁷, pode ser percebido através de uma análise dos espaços que abrigam a festa. Segundo ela, estes são diferenciados, ocupados por diferentes grupos. O pavilhão principal do Centro de Eventos é ocupado principalmente por jovens de pele clara e turistas. Há também um espaço localizado ao lado do pavilhão principal destinado aos casais, na maioria e faixa etária mais elevada. A existência deste espaço pode ser entendida como uma forma de se criar um ambiente onde os mais velhos se identifiquem, um lugar mais calmo. O terceiro pavilhão, localizado no bosque do centro de eventos é ocupada sobretudo por “*peças de cor*” e de baixa renda. Essa diferenciação entre os locais da festa pode ser entendida como um texto que mostra a contradição, onde “os alemães” estariam no pavilhão principal e no pavilhão de casais, locais onde predominaria a ordem. Enquanto que os “não alemães” teriam como seu espaço o bosque, que, assim como o bairro “planeta dos macacos”, representa nestes discursos a desordem, o estado da natureza, a não civilização, em

²⁶⁶ Idem.

²⁶⁷ LIMBERGER, Lucinéia. Op. Cit.

oposição ao espaço disciplinado e funcional nos prédios dos pavilhões construídos sob o olhar técnico da engenharia.

Ao final da edição primeira da festa, Élio Winter, diretor de uma das rádios da cidade, a Rádio Difusora do Paraná, vinculou o seguinte pronunciamento, no qual temos novamente a desclassificação dos discursos que apresentam negativamente as qualidades étnicas da população local:

Nós da Rádio Difusora do Paraná adotamos uma linha completamente isenta e independente. Quando descobrimos fatos negativos (...) não temos medo de denunciar. Dentro desta linha, temos também o prazer de divulgar as notícias boas, (...) Hoje é uma destas oportunidades em que há alguma coisa boa a comentar: Estamos falando da Oktoberfest. Realmente durante uma semana inteira o povo se divertiu a valer e deu mostras de reencontro com sua identidade que há certo tempo tentou-se apagar, com falsas reportagens em jornais de circulação nacional, informando que nós pretendíamos instalar aqui o “Quarto Reich”.

Não se trata disto, mas sim de cultivar os bons valores, e dentre estes destacamos a música, a alegria, a culinária, a cultura enfim, que nossos antepassados trouxeram da Alemanha ou outros países da Europa.²⁶⁸

Percebe-se, portanto, que a festa além de estar em consonância com interesses econômicos, pois representa a possibilidade de aumento de ganhos em vários setores, também apresenta aspectos que dizem respeito à atribuição de sentidos, das significações relacionadas às características e manifestações culturais de outros períodos, nos quais se percebe a construção de memórias e o apagamento de “memórias indesejáveis”²⁶⁹.

²⁶⁸ WINTER, Élio. **Oktoberfest: Sucesso Total**. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 27 de outubro de 1987.

²⁶⁹ O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modifica-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro (...). POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento*, Op. Cit., p. 9-10.

3.4 A ARQUITETURA

*Os cabelos loiros e os olhos claros de grande maioria do seu povo não são mais o único símbolo de que Marechal Cândido Rondon é a cidade mais germânica do Paraná. A arquitetura das residências e do comércio, pouco-a-pouco, estão tomando um jeitinho europeu, mais precisamente alemão. As edificações têm enchido os olhos dos visitantes que passam por aqui. Profissionais capacitados, que pensam no futuro do município, têm deixado as suas marcas no processo de germanização rondonense. Graças a criatividade deles, Marechal Cândido Rondon pode dizer, de boca cheia, que é a cidade mais germânica do Paraná*²⁷⁰.

Juntamente com a criação da Oktoberfest, houve o incentivo da prefeitura, como a redução ou, dependendo do caso, a isenção total do Imposto Predial e Territorial Urbano- IPTU, para as edificações que tivessem sua fachada em estilo “Enxaimel” e “Casa dos Alpes”²⁷¹.

A concessão do incentivo fiscal seria feita através de decreto do prefeito municipal com base em parecer da “ Comissão de Incentivo às Construções em Estilo Enxaimel e Casa dos Alpes”. A Comissão composta por seis membros, sendo que o coordenador seria indicado pelo prefeito municipal, era formada por Arquitetos ou Engenheiros Civis, indicados pela Câmara municipal, Associação Comercial e Industrial de Marechal Cândido Rondon – ACIMACAR., Câmara Júnior- CAJUMAR, e Associação representativa da classe dos Arquitetos e Engenheiros²⁷².

Esta comissão ficou encarregada de elaborar o regulamento desta lei, especificando os elementos arquitetônicos dos estilos “Enxaimel” e “casa dos Alpes”. Assim, ficou regulamentado que o estilo arquitetônico denominado “Enxaimel” seria

²⁷⁰ Jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 03 de setembro de 1999. p. 48.

²⁷¹ Cf. **Lei Municipal n.º 1.627** de 14 de julho de 1986.

²⁷² *Idem* *Ibidem*.

aquele que apresentasse as seguintes características, as quais corresponderiam à determinada pontuação:

1.- <u>Cobertura</u>	<u>40</u>
- Inclinação mínima de 60%	10
- Telhas - Francesa	06
- Chata (Germânica)	10
- Colonial	04
- Estrutura da cobertura aparente em madeira, com testanas	10
- Manzardas	10
2.- <u>Esquadrarias</u>	<u>10</u>
- De madeira	10
- De metal	05
3.- <u>Travejamento</u>	<u>30</u>
- Madeira embutida	30
- Madeira sobreposta	25
- Ressalto em alvenaria ou concreto pintado	10
4.- <u>Tratamento de Fachada</u>	<u>20</u>
- Reboco de branco, creme ou similar	03
- Revestimento com pedras, tijolos, tijoletes	07
- Floreiras sob as janelas, revestidas externamente com madeira	10 ²⁷³

Com relação ao estilo arquitetônico conhecido como “Casa dos Alpes”, as pontuações corresponderiam às seguintes características:

1.- <u>Cobertura</u>	<u>40</u>
- Inclinação mínima de 60%	10
- Telhas - Francesa	06
- Chata (Germânica)	10
- Colonial	04
- Estrutura da cobertura aparente em madeira, com testanas	10
- Manzardas	05
- Extremidades das terças escalonadas em madeira	05
2.- <u>Esquadrarias</u>	<u>10</u>
- De madeira com venezianas	10

²⁷³ Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon. Regulamento da lei nº1.627 de 14 de julho de 1986, que concede favores fiscais às construções típicas para fins residenciais e comerciais, aprovado pelo Decreto n.º 090/87, de 22 de junho de 1987.

- De metal com veneziana	05
3.- <u>Sacadas</u>	30
- De madeira – Trabalhada	30
- Reta	25
- De metal – Trabalhada	20
-Reta	10
4.- <u>Tratamento de Fachada</u>	20
- Reboco de branco, creme ou similar	03
- Revestimento com pedras, tijolos, tijoletes	07
- Floreiras sob as janelas, revestidas externamente com madeira	10 ²⁷⁴

Conforme nos relatou o Engenheiro Civil Vitor Giacobbo, representante da Câmara Júnior junto a Comissão de Incentivo às Construções em Estilo Enxaimel e Casa dos Alpes²⁷⁵, a diferença entre os dois estilos arquitetônicos é que o enxaimel é o *estilo da Alemanha* e a “Casa dos Alpes *“é um tipo de chalé produzido também na Itália e em outros países dos Alpes*”²⁷⁶. Além disso, o Engenheiro frisou que inicialmente a intenção era que o projeto fosse chamado Projeto de Germanização, mas *para atender ou não machucar ninguém de outras raças, por exemplo os italianos e poloneses, se definiu que o projeto seria denominado Caracterização Turística*²⁷⁷. E, pelo fato da maioria da população ser de descendentes de alemães, o estilo que predominou foi o Enxaimel.

Com relação ao sistema de pontuação e os requisitos para se obter benefícios fiscais, Giacobbo relatou que a isenção do Imposto Predial Territorial Urbano – IPTU, poderia ser concedida por até 10 anos. Sendo que cada ano de isenção equivaleria à porcentagem de características germânicas que a obra apresentasse. A avaliação consistia inicialmente na análise dos documentos da obra : projetos e fotografias.

²⁷⁴ Idem.

²⁷⁵ Cf. Decreto Municipal n.º060/93 de 04 de junho de 1993 e n.º 002/99 de 27 de janeiro de 1999.

²⁷⁶ GIACOBBO, Vitor. Entrevista ao autor em Marechal Cândido Rondon: 03 de agosto de 1999. (A.A).

²⁷⁷ Idem. Ibidem.

Em cima disso nós temos uma ordem das coisas que vai dizer se essa obra é ou não é germânica. Quantos por cento dessa obra é caracteristicamente germânica ou não. O estilo Enxaimel, para ser 100%, é aquele que foi iniciado na Alemanha e se colocava o travejamento de madeira entre os tijolos. Era uma casa feita de tijolo maciço, em vez de usar colunas de concreto, eram colunas de madeira. Então isso é o Enxaimel. Hoje se faz alguns apliques de madeira sobre o reboco para imitar esse trabalho, então já não é mais 100%. É uma imitação. Mas isso também tem seu poder, seu voto. Então temos 10 a 12 itens que são analisados: Tipos de telhas: Se você faz uma casa em estilo germânico e coloca telha de Eternit em cima, isso não é casa germânica. Então na cobertura tem pontuação zero. Para ter pontuação 100% na cobertura, ele deve utilizar telha tabuinha, que é telha germânica, com madeira aparente que se soma a cobertura 100%. Ai você tem a estrutura da obra. Se ela for feita em estrutura de concreto não tem 100%. Quer dizer que a estrutura original é de madeira. Então são vários detalhes que você avalia: se a janela for de ferro, na época, na Alemanha, não tinha janela de ferro, então ela tem de ser de madeira. Ai soma-se , e essa comissão indica quantos por cento ela é ou não do estilo Enxaimel ou Casa dos Alpes. Em cima disso nós emitimos um parecer, por exemplo: 60%, 70%, 80%. Isso se remete para o prefeito que vai conceder a isenção conforme o parecer da comissão. (...) O que normalmente acontece é que a comissão define se, por exemplo, a obra tem 70% de estilo, é 7 anos de isenção. Cada 10% considera-se 1 ano de isenção. Então os critérios são fixos, são aprovados em leis (...) . Nós apenas conferimos o projeto e depois vamos conferir a obra²⁷⁸.

Percebe-se que os significados, as representações que constróem o estilo germânico são construções legitimadas por saberes autorizados, no caso, pautados em conhecimentos baseados na Historiografia, na Arquitetura e principalmente na Engenharia. Pois se a Arquitetura “(...) se constituiu como domínio a conhecer (...) foi porque se tornou possível investir sobre ela através de técnicas de saber e de procedimentos discursivos.(...)”²⁷⁹.

²⁷⁸ Ibidem.

²⁷⁹ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade: a vontade de saber**. V. 1, 11ª edição. Rio de Janeiro: Graal. 1993. p. 93.

Um dos primeiros a aderir ao estilo germânico foi o comerciante Mauro Benvenho. Ele relatou que apesar de, diferentemente da maioria da população do município, ele não ser de origem alemã, mas italiana, e ter nascido em São Paulo, iniciou a construção de seu estabelecimento neste estilo antes da implantação do projeto de germanização da cidade. Sendo que a idéia surgiu quando passava férias em Blumenau. *O que me levou a construir nessa forma foi porque eu fiquei conhecendo os estilos de construções e fachadas e simpatizei muito, e foi quando eu coloquei na cabeça que um dia eu construiria neste estilo(...)*²⁸⁰. E, segundo ele, seu estabelecimento obteve 9 pontos e meio, ou seja nove anos de isenção do IPTU, uma das maiores pontuações alcançadas por uma obra na cidade.

Outra pessoa bastante envolvida nesta questão é a arquiteta Margarete Carpenedo Rheinheimer. Formada pela Universidade Luterana de Arquitetura e Urbanismo – ULBRA, do Rio Grande do Sul, destaca-se pelos diversos projetos arquitetônicos em estilo germânico na cidade de Marechal Cândido Rondon. Entre eles estão os prédios da Receita Federal, Ciretran, Portal do Centro de Eventos, SAAE etc²⁸¹.

É também de sua autoria o projeto do Portal de Entrada da cidade, considerado cartão de visita da cidade:

²⁸⁰ BENVENHO, Mauro Entrevista concedida ao autor em Marechal Cândido Rondon: 01 de agosto de 1999. (A.A).

²⁸¹ Ver anexo n.º 07.



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon- Pr.

A escolha do projeto para o portal se deu na forma de um concurso²⁸². Entre as condições preliminares, o regulamento exigia que o projeto deveria apresentar um espaço interno com as seguintes dependências: centro de informações turísticas com sala para recepção e informações aos turistas; sala de exposição para exibição de slides, filmes e trabalhos elaborados no município, cantina e sanitário²⁸³.

Com relação ao espaço externo, o projeto deveria englobar as vias de entrada e saída do município, estar de acordo com as normas do Departamento Nacional de Estradas e Rodagem – DNR e (...) *especificar em qual região da Alemanha o autor buscou a inspiração para o estilo apresentado*²⁸⁴. No caso, a arquiteta se inspirou em

²⁸² Cf. Edital de Concurso para elaboração de Projeto para um Portal Municipal a ser Construído Próximo ao Trevo de Acesso à PR – 467. Marechal Cândido Rondon: Prefeitura Municipal. Edital n.º 001/94.

²⁸³ Idem. Ibidem.

²⁸⁴ Idem. p. 04. A arquiteta também informou que para realizar seus projetos, pesquisou em várias publicações, entre elas o livro de WEIMAR, Günter. *A Arquitetura da Imigração Alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul*. Porto

fotografias e gravuras de edificações existentes em cidades do Norte da Alemanha: Lübeck, Hamburg, Bremen e Lüneburg.

A comissão julgadora era composta por nove membros, sendo um representante cada uma das seguintes entidades: Associação Comercial e Industrial – ACIMACAR, Conselho de Lojistas – CDL, Mulher Empresária, Associação dos professores Rondonenses – APRON, Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, Conselho dos Contabilistas, Câmara Municipal. Os membros ligados à prefeitura eram a secretária da Câmara Municipal e o Assessor especial de Habitação e Urbanismo da prefeitura, que presidiu os trabalhos da Comissão²⁸⁵.

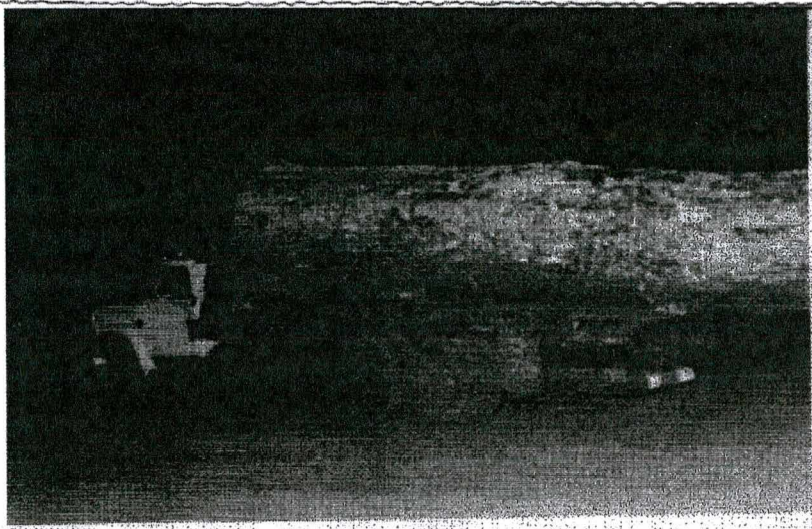
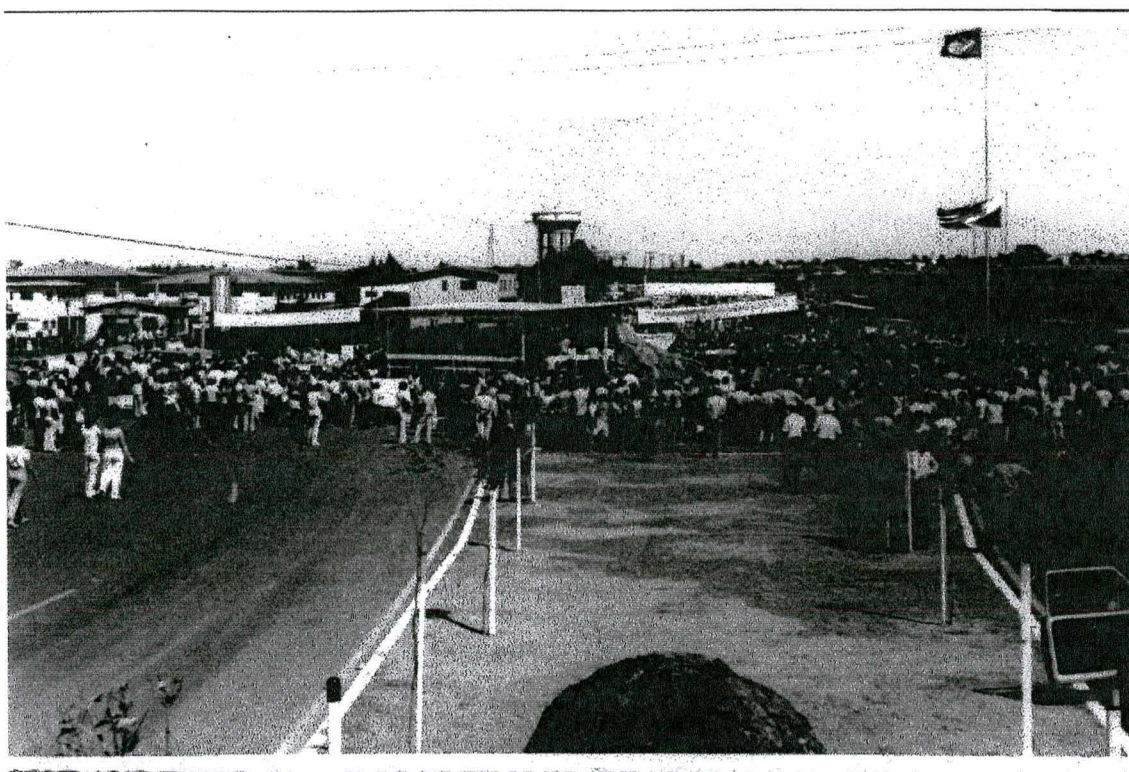
As reuniões da Comissão Julgadora, segundo o edital, deveriam ser secretas. Contudo, a arquiteta nos informou que foi realizada uma assembléia pública, onde ela defendeu seu projeto. Na ocasião, inclusive se debateu a retirada das árvores localizadas onde seria construído o portal²⁸⁶.

Outro aspecto interessante é que no local também havia dois troncos de ipê, colocados ali em 1978, quando da inauguração do trevo de acesso à cidade. O símbolo visava apresentar as riquezas que existiam na região, representadas pela madeira, bem como as dificuldades superadas pelo trabalho dos colonizadores.

Alegre: Ed. Da UFRGS, 1983. Segundo este autor a palavra enxaimel se refere a (...) *uma estrutura composta de muitas peças encaixadas*. Idem. p. 44.

²⁸⁵ Edital de Concurso... Op. Cit., p. 05.

²⁸⁶ RHEINHEIMER, Margarete Carpenedo. Entrevista concedida ao autor em Marechal Cândido Rondon: 09 de agosto de 1999. (A. A).



Fonte: Arquivo da Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon- Pr e acervo particular de Alcídio Zimmermann.²⁸⁷

A colocação dos troncos pode ser entendida como uma forma de se construir um lugar de memória, (...) *testemunha de uma outra era com um aspecto nostálgico*²⁸⁸, para

²⁸⁷ Acima observa-se a fotografia da inauguração da Pr 239, quando da visita do Governador Jaime Canet Júnior, em 10 de março de 1978. A fotografia abaixo apresenta um dos troncos sendo levado para ser colocado em frente ao trevo de acesso à cidade.

²⁸⁸ NORA, Pierre. *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. In: **Projeto História**, n.º 10, São Paulo: PUC, 1993. p. 13.

que aqueles que ali passassem tivessem uma leitura do passado do município. Conforme Pierre Nora (...) *os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais (...)*²⁸⁹. E o fato deles não serem naturais, portanto passíveis de mudança, é o que nos mostra a substituição dos troncos pelo portal.

Segundo a arquiteta, havia a necessidade da retirada desses símbolos pois *não representavam um marco para o portal da cidade*²⁹⁰, e a colocação de um novo marco, um novo lugar de memória, um portal em estilo Enxaimel. Isso demonstra que mesmo os monumentos, lugares de memória, são construções, existem em função de projetos, desejos, que não são de forma nenhuma imutáveis, podendo ser objeto de leituras diversas e dependendo o caso descartados, substituídos por outros²⁹¹.

Neste contexto, temos também uma nova leitura e a revalorização dos aspectos, que outrora foram considerados símbolos do perigo nazista. O que pode ser verificado na matéria vinculada pela revista **Oeste** em julho de 1990, sobre a residência de Heribert Hans Joachim Gasa.

No embalo da “onda germanizante” foi inaugurado, em 89, um Café Colonial – o “Sanssouci”- que apesar do nome francês é especializado em iguarias e “delikatessen” tipicamente alemãs. É possivelmente o ambiente mais aconchegante da cidade, instalado num imóvel que pertence ao ótico aposentado Heribert Hans Joachim Gasa. Construída na década de 60, a casa foi uma das primeiras, em Marechal Cândido Rondon, a incorporar motivos germânicos tanto na decoração externa

²⁸⁹ Idem. Ibidem.

²⁹⁰ RHEINHEIMER, Margarete Carpenedo. Op. Cit.

²⁹¹ Além disso, essa justificativa pode estar relacionada também a questões ecológicas, pois os troncos poderiam ser alvo de leituras que apresentariam não um passado heróico, pela dificuldades representadas pela mata, mas a destruição do meio ambiente ocorrida na região.

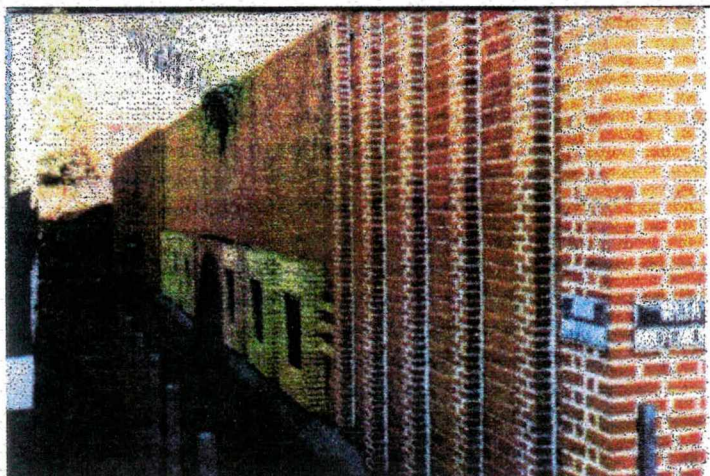
*como na interna. O café Colonial, que ocupa uma das alas do prédio, tem até lareira, como manda a tradição*²⁹².

Percebe-se portanto, tanto nas referências à residência de Gasa, que aparece agora como precursora da germanização, símbolo da “tradição” e de “pionerismo”²⁹³ da cidade como nos demais “ingredientes básicos”, ou seja uma população representada como alemã, loura de olhos azuis, que cultivava suas tradições através da arquitetura de suas casas, de festas, do uso da língua e música alemã e do chope, que a construção e a leitura dos discursos não é algo estático, mas dinâmico, sendo que os efeitos de significação podem ser reelaborados, reconstruídos de acordo com os interesses de quem os produz pois: (...) *Os discursos são elementos ou blocos táticos no campo das correlações de força; podem existir discursos diferentes e mesmo contraditórios dentro de uma mesma estratégia; podem, ao contrário, circular sem mudar de forma entre estratégias opostas*(...)²⁹⁴.

²⁹² Revista **OESTE**. Cascavel: nº50, julho de 1990, p. 21.

²⁹³ Idem

²⁹⁴ FOUCAULT, Michel. Idem. p. 97.



Aspectos da residência de Heribert Hans-Joachim Gasa.

Fonte: Acervo fotográfico da prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon. Pr.

É interessante notar que a residência de Gasa, caso fosse submetida à avaliação para a isenção do IPTU, não obteria isenção total, pois, de acordo com a tabela apresentada e a explicação dada pelo Engenheiro Vitor Giacobbo, não se enquadraria no modelo germânico pretendido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pessoalmente partilho as opiniões daqueles que sustentam que nos povos da Germânia o mundo encontrou uma raça que não se adulterara através de casamentos inter-raciais, uma gente singular e pura (...), de modo que sua compleição física, pelo que se pode dizer, tendo em vista seu vasto número, é idêntica: ardentes olhos azuis, cabelos ruivos, estatura elevada, constituição vigorosa²⁹⁵.

Esta passagem, escrita pelo historiador romano Cornélio Tácito por volta de 98 D.C., segundo Schama, representou para muitos, entre eles partidários do nazismo, a “certidão de nascimento da raça alemã”²⁹⁶. Apesar da grande distância cronológica que separa o manuscrito “Germânia” dos discursos analisados neste trabalho, pode-se perceber que o interesse em descrever e desse modo também construir o sujeito germânico é algo que encontra receptividade em diferentes contextos. E essa relação entre o descrever prescrevendo, conforme o pensamento de Pierre Bourdieu, se dá através da produção e vinculação dos discursos por lugares de saber e, ou detentores da linguagem autorizada²⁹⁷.

Erdstein²⁹⁸ por exemplo, lançou mão de sua condição de agente do DOPS para legitimar seu discurso, e a maneira como ele descreveu as características da população rondonense, como o *tipo ideal de alemão*, serve como principal indício que compõem os efeitos de significação de seu discurso. Por outro lado, foi exatamente num discurso

²⁹⁵ TÁCITO, Cornélio. *Germânia*. p.130-1. Apud: SCHAMA, Simon. *Paisagem e Memória*. São Paulo: Cia das letras, 1996. p. 92.

²⁹⁶ Idem Ibidem.

²⁹⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Economia das Trocas Lingüísticas...* Op. Cit., p. 108.

²⁹⁸ ERDSTEIN, Op. Cit.

que usava como referência um “passado germânico” representado pelos *Vikings* que se fundamentou a defesa da cidade feita pelos deputados na Câmara Federal e Estadual em 1968.

Essas representações também serviram para que o projeto de germanização, iniciado em 1986, fosse apresentado como “autóctone” e “natural”. Projeto que alcançou êxito, principalmente no aspecto econômico, pois a festa têm se mostrado como uma ótima opção econômica principalmente para os setores hoteleiro, comercial e de prestação de serviços do município.

Todavia, nos últimos anos têm crescido as queixas de moradores próximos ao Centro de Eventos, com relação aos abusos cometidos por visitantes e até mesmo por pessoas do município²⁹⁹. As reclamações são, sobretudo, contra os casos de embriaguez e os “atos libidinosos” de algumas pessoas nas ruas. Atos que não condizem com o comportamento do cidadão rondonense, demonstrando, portanto, que o discurso e prática encontram-se imbricados.

Conforme buscou-se apontar no decorrer deste trabalho, os discursos sobre determinado grupo humano, no caso os “*alemães de Marechal Cândido Rondon*”, não são homogêneos e sim diversos, às vezes conflitantes, mas sua eficácia pode ser medida pelo seu consumo como legítimo e verossímil ao formular respostas a necessidades e interesses de seus produtores/consumidores em diferentes grupos e momentos.

Em alguns momentos temos discursos objetivando criar a identidade rondonense, que se utilizam de métodos que podem ser caracterizados como menos sutis. É o caso do episódio envolvendo a tentativa por parte de um vereador, de se criar uma carterinha de cidadão rondonense que, segundo o edil serviria para garantir o acesso gratuito à Oktoberfest, ao Parque de Turismo e Lazer de Porto Mendes e (...)

²⁹⁹ Cf. jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 01 de novembro de 1996. p. 14.

*daria condições de definir a prioridade de atendimento no pronto-socorro municipal às pessoas que residem em Marechal Cândido Rondon*³⁰⁰.

Em outros momentos, porém, o discurso mostra-se num contexto mais geral baseado em quadros comparativos. O que se verificou recentemente, quando a questão da etnicidade, concebido como fator gerador do progresso de comunidades, novamente entrou em voga. Isto pode ser visualizado quando da divulgação do Relatório Sobre Desenvolvimento Humano - 1988. Elaborado pela Organização das Nações Unidas – ONU, o relatório descreve Marechal Cândido Rondon como terceiro município mais bem classificado do Estado do Paraná, com menor taxa de mortalidade infantil, maior expectativa de vida e uma das melhores taxas de alfabetização. Estes dados foram utilizados como argumento para destacar a influência do “fator étnico” nos índices alcançados pelo município:

*Os elevados índices em desenvolvimento social obtidos em Marechal Cândido Rondon podem ser explicados por ações públicas (...) mas também pela colonização do município. Mais de 80% dos cerca de 38 mil habitantes são descendentes de alemães. Reconhecidamente, alemães e outras etnias européias valorizam hábitos alimentares, cuidados em saneamento e com a formação educacional. (...) O prefeito Ariston Limberger (PMDB), descendente de alemães relata que o município mantém 29 escolas de 1ª a 4ª séries, (...) O secretário de saúde, Ivan Morozov (...) destaca as ações públicas, voltadas à saúde e educação, mas destaca a “descendência germânica” da população como fator importante para os índices de desenvolvimento social aferidos.*³⁰¹

Se os discursos apresentados em momentos anteriores apresentavam os aspectos relativos ao trabalho, ao progresso e ao desenvolvimento, neste, temos a ênfase no quesito relativo à qualidade de vida, mas que, da mesma forma que os anteriores,

³⁰⁰ Jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 15 de novembro de 1996. p. 37.

³⁰¹ Jornal **FOLHA DE LONDRINA**. Londrina: 11 de setembro de 1998. p. 07.

representam determinada realidade social como algo naturalizado, intrinsecamente ligado às características étnicas da população local. Assim, o discurso, como afirma Foucault, nada mais é que um jogo de escrituras, de leituras e de trocas que se anulam, assim, em sua realidade, inscrevendo-se na ordem do significante³⁰². Este jogo é uma contínua dispersão e integração estratégica³⁰³.

³⁰² FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 3.^a edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996. p. 49.

³⁰³ FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade....**Op. Cit., p. 97.

ANEXOS



**O maior desejo de cada Agricultor é:
que seu filho deve ter uma vida melhor**

Por isso devem procurar comprar terra de cultura, livre de morros, pedras, formigas e rica em água, clima saudável, terra fértil e de fácil escoamento dos produtos.

Todos estes desejos o Senhor encontra reunidos em TOLEDO, na Fazenda Britânia no Estado do Paraná.

O título da Fazenda Britânia tem mais de 45 anos oferecendo portanto todas as garantias de uma terra legal e que proporciona ao comprador escritura imediata.

TOLEDO com apenas 3 anos de existência é paróquia, tem colégio de freiras com 170 alunos, médicos, hospital, farmácia, indústria, profissionais, bom comércio e cinema.

Há na Fazenda Britânia 285 quilômetros de estradas de rodagem, conservadas por patrôas e tratores, oferecendo ao comprador o máximo acesso à sua colônia.

As terras são planas e são apropriadas para lavoura mecanizada.

O mato é formado por todas as espécies de madeira de lei que prova a fertilidade do solo.

PORTO MENDES, com seus grandes armazéns e moderna instalação maquinaria para carregamento de navios, construídos pelo governo Federal está aguardando tua produção.

Os preços das terras são os seguintes: Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 13.000,00 a colônia de 10 alqueires, com condições de venda 1/3 a vista, 1/3 em 6 meses, 1/3 em 12 meses, gozando o comprador para pagamento a vista com desconto de 10% ao ano pelo tempo que faltar do pagamento das prestações.

A passagem de Concórdia a Toledo ida e volta custa Cr\$ 300,00, quem comprar uma colônia tem 50% de abatimento, comprando duas ou mais tem a passagem grátis.

A passagem será devolvida ao comprador, uma vez que o mesmo pague a Colônia integralmente.

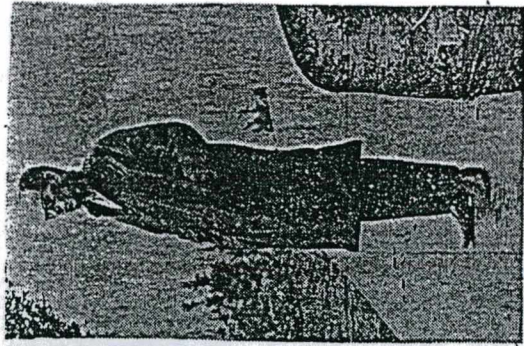
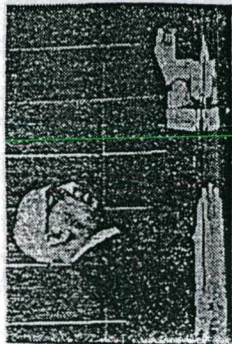
Eº Proprietário da Fazenda Britânia:

A Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A.
com sede em PORTO ALEGRE, a Rua Siqueira de Campos 1248 - Edifício Brasília - 7º Pav. Sala 3

com Filial em Toledo.

Para maiores informações dirijam-se ao AGENTE AUTORIZADO de IJUÍ, SANTO ÂNGELO e CRUZ ALTA - Sr. GUILHERME SCHMITT -Ajuricaba Na cidade de Ijuí com o Sub-Agente sr. OSWALDO SCHMITT - Motel Familiar Também o Sr. Júlio Kocourek, Fabricação de Alambique em IJUÍ, Avenida Cel. Dico, está apto a prestar toda e qualquer informação, sobre viagens, condições, etc.

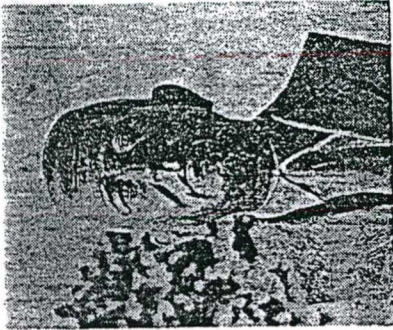
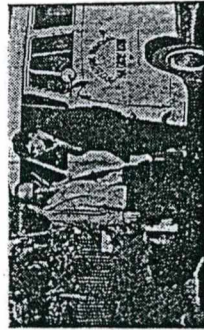
Procure adquirir tua colônia na Fazenda Britânia, que hoje é o paraíso dos caçadores e amanhã uma flôr da Agricultura Brasileira.



O líder nazista é vereador na cidade

O líder nazista de Marechal Rondon é vereador, dono de um hospital. Chama-se dr. Friederich Rupprecht Seyboth, foi condenado a 12 anos de prisão depois da guerra e foi quem naturalizou Hitler, que era austríaco, na Alemanha. O prefeito da cidade, Werner Wanderer (ao lado do agente Erich na foto superior, embaixo) é filho de alemães e é muito pressionado pelo grupo neonazista, que

quer a cidade dirigida pelo "método da grande Alemanha." Se ele protesta é chamado de "prêto e burro." O delegado de Marechal Rondon, capitão Márcio Saraceno Lemos Pinto (foto inferior, embaixo) está preocupado com a situação. Willy Bartz, um dos fundadores da cidade, alemão, morreu há poucos anos. Seu busto (foto maior, embaixo) está na praça principal da cidade, que também tem seu nome.



O diretor da Polícia Civil do Paraná, Valfrido Pilóto (foto ao alto, à esquerda) pretende instalar um ponto de policiamento na região de Marechal Rondon. "Recebi denúncias graves sobre as atividades dos alemães", diz ele. O agente especial da Polícia do Paraná, Erich Erdstein (foto ao alto, à direita) fez um relatório ao governador Paulo Pimentel dizendo que em Rondon há racismo e segregação.

A nove mil quilômetros de Berlim, no Brasil, no interior do Paraná, em Marechal Cândido Rondon, a polícia descobriu uma nova Alemanha. Num relatório oficial, já entregue ao governador Paulo Pimentel, um investigador garante: "É uma Alemanha nazista. Seus cidadãos mais importantes e protegidos são Martin Bormann e Joseph Mengelle". A nova Alemanha, há 23 anos do fim da guerra contra Hitler, é presidida por seis nazistas, segundo a polícia. E é também o IV Reich em instalação no Brasil.

ONDE ESTÁ NASCENDO O IV REICH

Anexo 03: Eugene Parries encontrado morto.

Joseph Mengels, Martin Bormann e outros criminosos nazistas — em liberdade desde 1945 — estão no Brasil, mais precisamente em Santa Catarina, numa cidadezinha no Vale do Itajaí. Depois de um determinado tempo, se locomovem para Mato Grosso, passando então a percorrer a Argentina, Uruguai e Paraguai. Este círculo de viagem, percorrido há 22 anos, foi descoberto agora, depois de investigações de um agente especial da Diretoria da Polícia Civil do Paraná, sob orientação de seu diretor, Valfrido Piloto e do delegado Renato Ortalan de Souza.

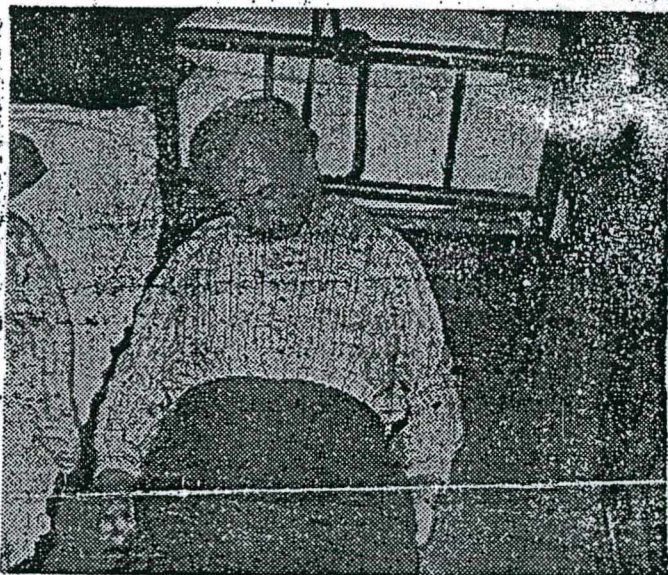
Graças ao que se denominou "círculo de ferro", feito por

ex-nazistas e refugiados de criminosos, cobrem toda a cobertura, sendo quase impossível estabelecer todas as ligações e a extensão da organização, que mantém contato com outras células espalhadas pelo mundo. A partir de hoje, em série, o ESTADO passa a publicar toda a história dos trabalhos policiais, executados pelo agente Erick Epstein há 5 meses, desde a morte misteriosa — em Curitiba — de um homem chamado Eugene Parries, ex-secretário de Comércio e Agricultura de Luxemburgo, chantagista e conhecedor da organização que opera no Brasil. Por questões ligadas ao sigilo das investigações, alguns nomes serão omitidos ou substituídos por pseudônimos no decorrer da história.

Mini-Reich opera no Brasil (I)

O estranho suicídio no quarto número 20

Francisco Camargo. (texto)



Eugene Parries, o estranho suicida. Pela posição do cadáver e pelas mãos (que demonstram reação), teria sido assassinado pelos nazistas. Já que conhecia a organização que opera no Brasil. Antes da ocupação nazi, em Luxemburgo, foi secretário de Comércio e Agricultura daquele grã-ducado, passando então a colaborar com os invasores. Vindo ao Brasil, fez chantagem, extraindo dinheiro dos criminosos de guerra, e de pessoas ligadas ao "círculo de ferro" até que "suicidou-se" misteriosamente.

OS HÓSPEDES MISTERIOSOS

el Martins, dia 18 de agosto. — No quarto número 20 está hospedado Eugene Parries. Sua última noite não foi calma. Possivelmente muitas coisas passaram por sua cabeça. Ele sabia que ia revelar "tudo" sobre sua pessoa e a organização nazi — a consequência pois muita gente importante estava envolvida. Tanto foi sua aflição que não pôde dormir, peripatando as 2 horas da madrugada em conversa com o porteiro do 1. Ao se recolher, o agente encarregado de vigiá-lo abandonou o posto.

No dia seguinte, Parries não apareceu para fazer as revelações esperadas. Procuraram-no durante toda a tarde e, como os re-


fuga, entre outras coisas, é o fato de que ele, sem a carteira modelo 19 (que todo o estrangeiro é obrigado a ter), entrou no País sem ser importunado, obtendo a carteira profissional número 082930; série 84. Por levantamento feito no Banco Holandês Unido, constatou-se que Parries trabalhou na agência daquele estabelecimento na cidade de São Paulo, recebendo certa "proteção" de um dos diretores da Companhia Beigo-Mineira.

CASAMENTO E CHANTAGEM

De temperamento estranho, inquieto, Eugene Parries detrou São Paulo em seguida para a cidade de Curitiba, onde se hospedou em um hotel de luxo.

«Mann lebt»

von Adolph Hillers



«In einem Riesensbett lag ein müder Greis — der Mann, den ich gejagt hatte»

...einem heißen, betarntschmittigen Jahre 1973 traf Martin Bormann, ein Mann, der viele geflohene Nazis und ihre Helfer, die sich ungerührt mit dem Hakenkreuz zeigen (oben), schon in dem fahrenden Kesselwagen seiner Fahrt, Farago ist überzeugt, daß das Bild rechts Bormann in den fünfziger Jahren darstellt. Und noch länger jagt, sagt er, habe er 1973 den Flüchtling selbst angetroffen.

...einem heißen, betarntschmittigen Jahre 1973 traf Martin Bormann, ein Mann, der viele geflohene Nazis und ihre Helfer, die sich ungerührt mit dem Hakenkreuz zeigen (oben), schon in dem fahrenden Kesselwagen seiner Fahrt, Farago ist überzeugt, daß das Bild rechts Bormann in den fünfziger Jahren darstellt. Und noch länger jagt, sagt er, habe er 1973 den Flüchtling selbst angetroffen.

...einem heißen, betarntschmittigen Jahre 1973 traf Martin Bormann, ein Mann, der viele geflohene Nazis und ihre Helfer, die sich ungerührt mit dem Hakenkreuz zeigen (oben), schon in dem fahrenden Kesselwagen seiner Fahrt, Farago ist überzeugt, daß das Bild rechts Bormann in den fünfziger Jahren darstellt. Und noch länger jagt, sagt er, habe er 1973 den Flüchtling selbst angetroffen.

Ich habe den KZ-Arzt Dr. Josef Mengele er...
 Erdstein. Eine Flut von...
 NEUE REVUE reiste deshalb noch einmal nach London und stellte dem ehemaligen brasilianischen Geheimpolizisten harte Fragen

Im Kreuzverhör: Der Mann, der den Massenmörder

London, Westbury Hotel, 15.15 Uhr. Ein schlanker Mann kommt mit einem Schutzhund in die Halle. Er trägt eine Diplomatentasche. Er ist der Mann, der beauptet, er habe als brasilianischer Geheimpolizist den deutschen KZ-Arzt Dr. Josef Mengele erschossen.

Erstein ist der Mann, dessen Schilderung von dem traurigen Ereignis im Zusammenhang zwischen Brasilien und Paraguay NDRK (NDR) veröffentlicht hat. Die Redaktion hielt es für ihre Pflicht, dieses Zeitdokument zu drucken. Mengele war einer der am meisten gesuchten Kriegsverbrecher. Die Redaktion erwartete ein starkes Echo, und es kam eine Flut von Zuschriften, unter anderem viele Zuschriften, die die Veröffentlichung des Berichtes als eine wichtige rüstliche Unternehmung ansahen.

Erstein emigrierte nach Südamerika im Jahre 1948.

Er arbeitete viele Jahre als Beamter für die Kriminalpolizei des Bundesstaates Paraná in Brasilien.

Er hatte den offiziellen Auftrag, ehemalige Nazis in Brasilien aufzusuchen.

Er floh aus Südamerika nach England am 22. September 1968.

Er handelte bei seiner Ankunft in London beim dortigen Zeitungs-Polizisten.

Mit dieser Platte, Herr Erdstein, haben Sie also Josef Mengele erschossen?

«Ich selbst taten es!»

«Sie haben keinen Zweifel, daß es Mengele war?»

«Nein.»

«Sie haben keinen Zweifel, daß es Mengele war?»

«Nein.»

Nach diesem kurzen Dialog gab Erdstein eine detaillierte Schilderung:

«Ich konnte vier Schüsse auf ihn ab, als eine Gruppe aus Paraguayern vorrückte, ihn zu helfen. Zwei Schüsse trafen ihn in den Rücken, ein Schuss in die Brust, ein anderer in die Seite. Er war höchstens zwei oder drei Schritte von mir entfernt. Er kippte leblos um. Als ein Polizist mit einem kleinen Kaliber er schloß, wie es in der Welt der Erwachsenen zugeht. Er sagt: Ich bin sicher, daß keine der beteiligten Länder in Südamerika ein Interesse daran hat, den Fall hochzuspielen.»

Pflichtlich fragt er: «Wissen Sie, was das ist? Niemand ist mehr an dem Fall interessiert. Auch die Deutschen nicht. Ich glaube, es wäre Ihnen sehr unangenehm, wenn Sie jetzt einen Prozess gegen Bormann führen würden.»

«In der Bundesrepublik ist auf dem Kopf Mengeles eine Prämie von 50.000 Mark ausgesetzt. Das Geld würde Ihnen also zustehen.»

«Ich wäre sehr schön, aber ich habe diese Prämie nie verlangt.»

«Warum nicht?»

«Mengele ist tot. Ich habe nicht gedacht, daß er sterben würde. Ich wollte ihn nicht erschließen. Ich hatte alles vorbereitet, ihn lebend nach Deutschland zu übergeben.»

Der Mann im dunklen Anzug spricht sehr energiegelad. «Ich will Ihnen sagen, was ich bisher noch nicht gesagt habe: Vom ersten Tag meiner Fahndung an war ich in Kontakt mit verschiedenen Boten. Darunter auch mit der deutschen.»

«Verstehen wir die Richtung des Boten?»

«Der Boten wollte von Ihnen Informationen.»

«Ja, die Boten sind in Rio de Janeiro.»

«Herr Erdstein, Sie erwähnen in Ihrem Bericht einen Mann mit dem Namen Dr. Alexander Leonard. In welchem Zusammenhang steht er mit Mengele?»

«Ich habe keine Ahnung, ich kenne ihn nicht. Er will sein Amt in Wien, in Klosterneuburg, gemacht haben. Dort habe auch ich ein Amt. Zur gleichen Zeit in Wien arbeitete ich für die Bundesrepublik. Ich habe keine Ahnung, wer er ist. Ich habe keine Ahnung, wer er ist. Ich habe keine Ahnung, wer er ist.»

«Herr Erdstein, Sie erwähnen in Ihrem Bericht einen Mann mit dem Namen Dr. Alexander Leonard. In welchem Zusammenhang steht er mit Mengele?»

«Ich habe keine Ahnung, ich kenne ihn nicht. Er will sein Amt in Wien, in Klosterneuburg, gemacht haben. Dort habe auch ich ein Amt. Zur gleichen Zeit in Wien arbeitete ich für die Bundesrepublik. Ich habe keine Ahnung, wer er ist. Ich habe keine Ahnung, wer er ist.»



Durch Eid bekräftigt: Die Erschießung Mengeles. Im Londoner Hotel Westbury unterzeichnet Erdstein in Gegenwart des politischen Redakteurs Johannes F. Wicke und der Leiterin ihres Londoner Büros, E. Tasiemka, die eidesstattliche Erklärung

...trafen ihn bestmögk. Kinn in die Brust, ein anderer in die Seite. Er war höchstens zwei oder drei Schritte von mir entfernt. Er kippte leblos um. Als ein Polizist mit einem kleinen Kaliber er schloß, wie es in der Welt der Erwachsenen zugeht. Er sagt: Ich bin sicher, daß keine der beteiligten Länder in Südamerika ein Interesse daran hat, den Fall hochzuspielen.»

Pflichtlich fragt er: «Wissen Sie, was das ist? Niemand ist mehr an dem Fall interessiert. Auch die Deutschen nicht. Ich glaube, es wäre Ihnen sehr unangenehm, wenn Sie jetzt einen Prozess gegen Bormann führen würden.»

«In der Bundesrepublik ist auf dem Kopf Mengeles eine Prämie von 50.000 Mark ausgesetzt. Das Geld würde Ihnen also zustehen.»

«Ich wäre sehr schön, aber ich habe diese Prämie nie verlangt.»

«Warum nicht?»

«Mengele ist tot. Ich habe nicht gedacht, daß er sterben würde. Ich wollte ihn nicht erschließen. Ich hatte alles vorbereitet, ihn lebend nach Deutschland zu übergeben.»

Der Mann im dunklen Anzug spricht sehr energiegelad. «Ich will Ihnen sagen, was ich bisher noch nicht gesagt habe: Vom ersten Tag meiner Fahndung an war ich in Kontakt mit verschiedenen Boten. Darunter auch mit der deutschen.»

«Verstehen wir die Richtung des Boten?»

«Der Boten wollte von Ihnen Informationen.»

«Ja, die Boten sind in Rio de Janeiro.»

«Herr Erdstein, Sie erwähnen in Ihrem Bericht einen Mann mit dem Namen Dr. Alexander Leonard. In welchem Zusammenhang steht er mit Mengele?»

«Ich habe keine Ahnung, ich kenne ihn nicht. Er will sein Amt in Wien, in Klosterneuburg, gemacht haben. Dort habe auch ich ein Amt. Zur gleichen Zeit in Wien arbeitete ich für die Bundesrepublik. Ich habe keine Ahnung, wer er ist. Ich habe keine Ahnung, wer er ist.»

«Herr Erdstein, Sie erwähnen in Ihrem Bericht einen Mann mit dem Namen Dr. Alexander Leonard. In welchem Zusammenhang steht er mit Mengele?»

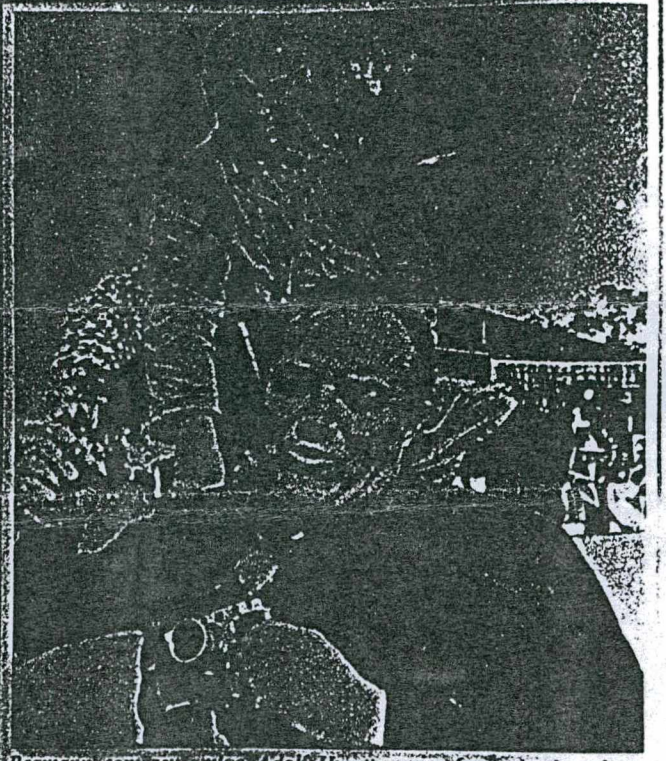
«Ich habe keine Ahnung, ich kenne ihn nicht. Er will sein Amt in Wien, in Klosterneuburg, gemacht haben. Dort habe auch ich ein Amt. Zur gleichen Zeit in Wien arbeitete ich für die Bundesrepublik. Ich habe keine Ahnung, wer er ist. Ich habe keine Ahnung, wer er ist.»

Bormann vive num subúrbio de Buenos Aires, numa mansão bem guardada

velho? Deixem-me morrer em paz! Tive a impressão de que Bormann não estava tão doente quanto me queria fazer acreditar. Mas admiti que estava num estado de senilidade bem avançado. Era a consequência de arteriosclerose que havia sido diagnosticada por um médico que o examinara um ano antes, dr. Cinacaglino.

«Ao sairmos, a gentil irmã Ursula, uma freira idosa que era uma espécie de enfermeira particular de Bormann, confirmou a minha impressão sobre o seu estado. Não é que ele esteja mortalmente enfermo. Mas perdeu todo o interesse pela vida.»

«A irmã Ursula tinha razão», prossegue Ladislav Farago. «Ao contrário do que temiam seus amigos, Bormann não morreu naquela desolada região da Bolívia. Ele conseguiu se recuperar o suficiente para retornar à Argentina, de onde tivera de fugir precipitadamente em 1955, quando Perón foi derrubado do poder. Agora, com a volta de seu antigo protetor, Bormann pôde instalar-se, tranquilamente, em Salta, no norte da Argentina, no hotel Plaza. Estava em companhia de um amigo e registrou-se



Bormann com seu amigo Adolf Hunhammer (em primeiro plano, com máquina fotográfica) numa festa popular na Bolívia, em 1958.

crevi este relato (1974). Seu refúgio fica próximo ao grande bairro de San Isidro, numa área residencial formada por amplas propriedades, cada qual com sua piscina particular, quadra de tênis, jardins e garagem. Situada sobre uma pequena colina, a uns 75 metros da margem do rio da Prata, a casa de Bormann é acessível por barco, graças a um embarcadouro parti-

Gestapo, e milhares de outros nazistas conseguiram escapar da Alemanha após a guerra? Como conseguiram chegar à América do Sul? Ajudados por um grupo de altos dignitários do Vaticano, afirma Ladislav Farago em seu livro *O IV Reich*. Tudo começou, segundo ele, cerca de um ano e meio antes do fim da guerra, em maio de 1945.

No dia 16 de outubro de 1943

Anexo 05: Carta enviada por Gasa e Seyboth aos editores da Revista Manchete e Realidade, em 1976. Segue, resposta da direção da editora Abril.



EDITORA ABRIL

DIRETORIA

São Paulo, 25 de março de 1976.

Ilmo. Sr.
Heribert Hans-Joachim Gasa
85960 - Marechal Cândido Rondon (PR)

Prezado Senhor:

Acusamos em nosso poder sua carta de 6 do corrente em que, a respeito da matéria inserida nas páginas 74 e seguintes da revista REALIDADE, esclarece que a foto que a ilustra à página 76 com a legenda "Bormann com seu amigo Adolf Hundhammer ...", a qual teria sido tirada na Bolívia, retrata, na verdade, sua pessoa e não do Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth. Foto esta, porém, tirada há algum tempo em Marechal Cândido Rondon, onde aliás residem os fotografados.

Reconhecemos o nosso engano, ao qual aliás fomos induzidos não só pelos indivíduos Erich Erdstein e Ladislav Farago (e respectivo livro), mencionados em sua carta, como também pelas reportagens publicadas nas revistas, sem dúvida idôneas, "L' Expresso" (Itália) e "Paris Match" (França), conforme reproduções anexas.

Infelizmente, porém, não nos é possível reparar o engano na própria revista REALIDADE, o que em circunstâncias normais faríamos como medida de justiça e ainda em respeito aos nossos leitores, eis que ela deixou de circular após o lançamento de sua edição de março.

./..



. 2.

Sugerimos, no entanto, além da apresentação de nossas excusas, que V. Sa. providencie a publicação desta, às nossas expensas, na imprensa local, para que seja reparado o erro.

Aproveitamos para transmitir a V. Sa. e ao Dr. Friedrich Rupperecht Seyboth nossos protestos de elevada consideração.

Edgard de Silvio Faria
Diretor Responsável

Anexos (2).



Marechal Cândido Rondon, 6.03.1976

A Direção da Revista

" Realidade "

da Editora ABRIL
av. Otaviano Alves de Lima, 800

Caixa Postal, 2372

S ã O P A U L O

Senhor Diretor:

A revista " Realidade ", em seu numero 119 Ano X, Fevereiro 1976, reproduziu uma fotografia (pagina 76) na qual aparecem os signatários desta, respectivamente eu, Heribert Hans-Joachim Gasa e Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth, moradores da cidade Marechal Cândido Rondon, estado do Paraná.

A fotografia levou a seguinte legenda: " Bormann com seu amigo Adolf Hundhammer (em primeiro plano, com máquina fotográfica), numa feira popular na Bolívia, em 1958. "

Senhor Diretor, a sua revista chama se "Realidade" portanto dê crédito e honra a verdade publicando no próximo número a realidade: A foto em questão foi tomada durante as festividades do dia 7 de Setembro no ano 1970 em Marechal Cândido Rondon.

As pessoas neste foto não são Bormann e Hundhammer em Bolívia, mas Heribert Hans-Joachim Gasa e Dr. Friedrich Rupprecht Seyboth em M.C. Rondon. Eu (Gasa) em 1958 ainda residia na Alemanha.

Tudo, foto e fatos podem ser comprovados.

É lamentavel que a prestigiosa revista "Realidade" tenha sido vítima das tiradas sensacionalistas de Erich Erdstein, um misto de escroque e OO7, o qual, faz alguns anos, andou pela cidade de Marechal Cândido Rondon, onde sua vocação para a fantasia rendosa e para a emissão de cheques sem fundo se tornou por demais conhecida.

Pois foi Erdstein (Doutor Erico) o primeiro que divulgou a malsinada história.

É o proprio Ladislav Farago (autor do livro respectivo) que dá a ficha de Erdstein: expulso da casa paterna em Viena como "ovelha negra da familia" em virtude de suas inúmeras bandalheiras, nem sempre bem caracterizados, era procurado pelas policias de diversos países; - e foi nas solitárias margens do rio Paraná, durante uma vigilia noturna, que sentiu despertar em si a vocação de "caça-nazistas", sendo que a partir daí, Erdstein se auto-investiu das funções de agente secreto.

2 -

Marechal Cândido Rondon, 6.03.1976



Que valor e realidade têm as histórias deste livro (do Ladislav Farago) pode ver que eu uma vez apareci como "Herbert von Giza" (no texto) e como "Martin Bormann" (na foto).

No entanto a foto foi feita em Rondon no 7.Set.1970 por jornalista Argentinos da revista "Siete Dias", Buenos Aires (Anexo uma cópia das páginas desta revista).

Porque a sua revista não procura uma reportagem sobre a verdade? Ou a "Realidade" não se identifica com a "Verdade" ?

Face ao ocorrido, vêm agora os signatários perante V.Sa. afim de que "Realidade", a bem da verdade esclareça devidamente os fatos, publicando a presente, anexa à foto em questão, no próximo número de "Realidade", no local e com o mesmo destaque da publicação a ser retificada, em cumprimento ao que determina o artigo 29 e parágrafos da Lei nº 5.250 de 09 de fevereiro de 1967.

atenciosamente

Heribert Hans-Joachim Gasa

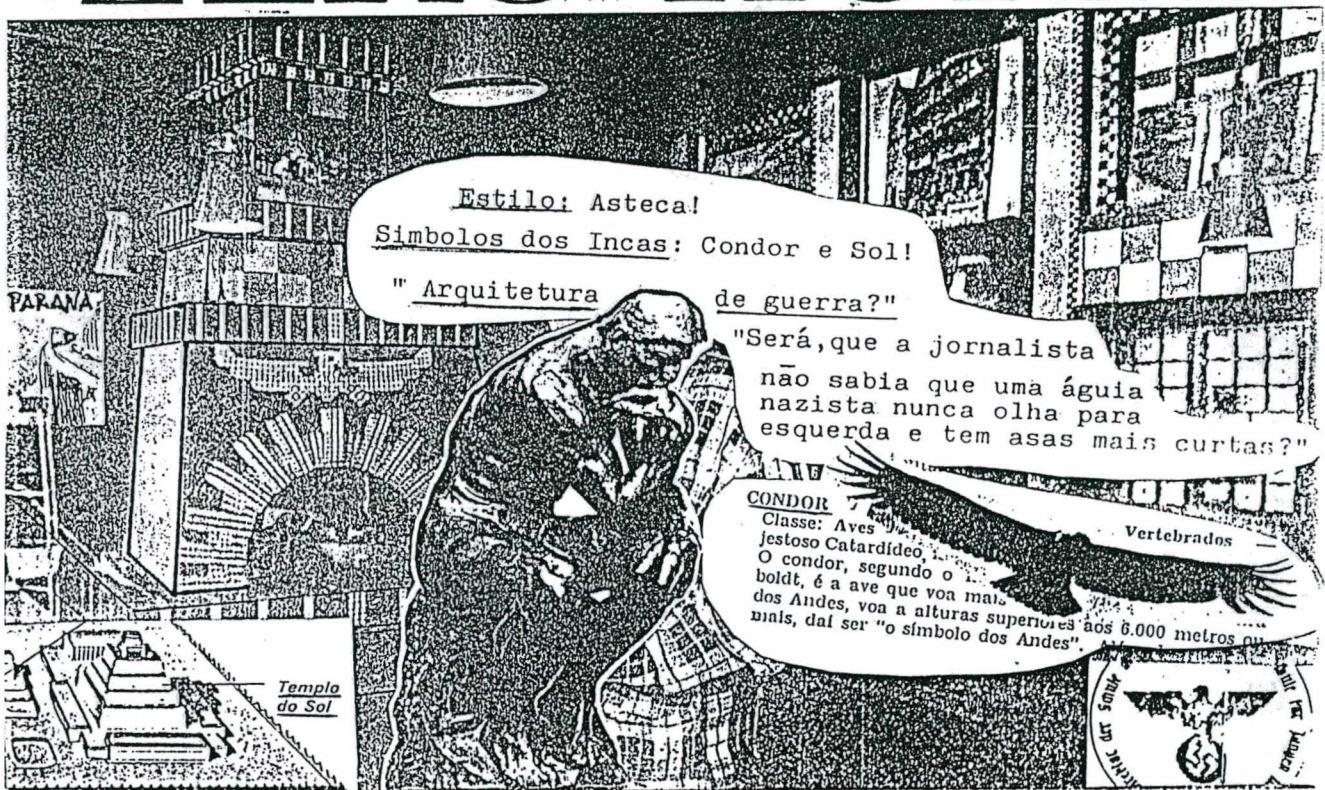
85.960 Marechal Cândido Rondon / Paraná
CPF 056232199 c.id.RG.390.002 Estrg.

Dr.Friedrich Rupprecht Seyboth

85.960 Marechal Cândido Rondon/ Paraná
cart ident.689.365 CRM 641
CPF 005815009

NOTA ZERO

ZERO HORA



Arquitetura de guerra: Gasa mandou colocar na lareira da sala a figura de uma águia, que pode lembrar o símbolo nazista

Para um leitor que sabe pensar, bastaria comparar a foto-montagem acima com a foto original para concluir sobre as reais intenções e objetivos da reportagem de "ZERO HORA", a qual, sem dúvida, representa uma bem definida linha de pensamento e de ação. Para prevenir eventuais consequências do ódio estimulado pela repórter, sinto-me na obrigação de responder ao que foi publicado por "ZERO HORA", jornal que, quanto ao mais, merece o maior respeito.

Heribert Hans-Joachim Gasa

Correa, Argentina, 19 März 1969.

Herrn
Herbert Gaza
Optica
Marechal Rondon.

Sehr geehrter Herr!

Die englische Zeitschrift THE PEOPLE bringt eine Artikelserie eines gewissen Herrn Erich Erdstein, der behauptet Dr. Mengele erschossen zu haben. In seinem Artikel erwähnt Erdstein Namen von Personen, mit denen er angeblich gesprochen hat und er erwähnt auch Ihren Namen.

Ich bin auch ein Zeitungsmann (viele Jahre war ich Auslandskorrespondent in Berlin) und die ganze Geschichte stinkt. Etwas stimmt da nicht. Ich kenne Erdstein seit etwa 30 Jahren. Er behauptet Halbjude zu sein (er ist 100% Jude) und er sagt er habe Mengele am 14 September in einem Boot am Paraná River erschossen. Er sagt nicht wo. Leider ist Erdsteins Glaubhaftigkeit nicht sehr solid da er einen äusserst schlechten Ruf hat. Seit 1938 hat er sich nur mit Schwindeleien befasst und schon im Jahre 1939 kam er in Konflikte mit der Polizei in Montevideo. Seine Spezialität waren kleine Betrügereien, Scheckfälschungen (USA DOLLARS waren sehr gefragt während der ersten Kriegsjahre in Uruguay) und meistens waren es Erpressungen. Er verführte kleine minderjährige Mädchen aus besten Familien und auch etwas ältere liebeshungrige Damen. Um ihn loszuwerden, erhielt er immer etwas Schmuck und auch genügend Sparkassenbücher und Bankkontos von den Mädchen und den Damen. Er wurde auch hinter Gitter gesetzt, kam dann in Freiheit und verschwand. Angeblich nach Brasilien. Jetzt behauptet er in der englischen Zeitung, er sei ein Geheimagent gewesen.

Ich habe mehrere Klienten in Deutschland und England und es wäre mir lieb, Erdsteins Geschichte widerlegen zu können. Ich fahre demnächst nach England und als Zeitungsmann wäre mir nichts lieber als einen Kollegen heingelegt zu sehen. Hereingelegt wurde bestimmt THE PEOPLE und es handelt sich um einen "canard" oder auf gut Deutsch um einen "Grubenhund", wie wir es im journalistischen Jargon nennen.

Ich erlaube mir, Sie um eine Information über Erdstein anzusuchen. Er behauptet, mit Ihnen mehrere Gespräche geführt zu haben. Seine Information ist nicht besonders gut, aber er vergisst seinen eigenen Ruf. Ich glaube nicht, dass Sie über Erdsteins Artikel informiert sind und ich werde Ihnen einige Exemplare zukommen lassen. Es interessiert mich zu erfahren, wie lange Erdstein in M. Rondon lebte und welche Meinung dort über ihn herrscht, falls überhaupt etwas an seiner Geschichte wahr ist.

Ich hoffe, Sie werden mein schon etwas verrostetes Deutsch entschuldigen können und ich danke Ihnen für alle Mühe und jede, auch kleine, Information.

Hochachtungsvoll
Dr. D.H. Molineis

Adresse: CORREA-FCGBM-ARGENTINA.

MARECHAL CÂNDIDO RONDON VIVE HOJE O SEU GRANDE DIA

Quando Marechal. Cândido Rondon vive uma data de imensa significação, comemorando seus 20 anos de liberdade no setor político-administrativo, uma constatação é evidente e absoluta: nestes 20 anos de autonomia, o município deu um grande passo rumo ao progresso, ao bem estar de toda a comunidade e a um horizonte que se abre para todos aqueles que aqui habitam.

Tudo isto, deve-se à coragem e à vontade de vencer dos nossos pioneiros, que, aqui chegando, tomaram a peito o encargo de colonizar e fazer produzir esta terra, para dela tirarem o sustento, os lucros, e a garantia do progresso e futuro.

A criação do município, o desenvolvimento e a vida histórica da comunidade de então estiveram, também, diretamente ligados com o trabalho da Industrial Colonizadora Rio Paraná S/A - Maripá. Entre os diretores desta empresa, o reconhecimento ao ilustre Willy Sarth, que, numa homenagem do nosso povo, possui seu nome na denominação da nossa principal praça pública.

Desmembrando-se dos municípios de Toledo e Foz do Iguaçu, através da Lei Estadual nº 4.245, 25 de julho de 1960, o então distrito administrativo "General Rondon", passou a possuir vida própria, que foi consolidada com a instalação do município a 02 de dezembro de 1961, com a posse do primeiro prefeito, Arlindo Alberto Lamb, que foi sucedido por Werner Wanderer; este, por sua vez, por Dealmo S. Persch, que foi substituído por Almiro Baurmann e, este, por Verno Scherer, que atualmente encontra-se regendo os destinos do nosso povo e município.

Contando com 20 distritos, cinco judiciários e cinco administrativos, Marechal Cândido Rondon, na oportunidade em que vive seus 20 anos de emancipação, é, por vários aspectos, destaque dentro da produção de divisas do Estado e da Nação. A agricultura rondonense é a base econômica do município e as suas terras férteis são as principais responsáveis pela performance, uma vez que são marcadas pelo alto índice de produtividade. Vislumbrando, no entanto, a necessidade de diversificar as explorações agrícolas, os produtores rurais, incentivados pela atual administração pública, além de órgãos oficiais ligados diretamente ao setor, em meados do ano passado (1979), aderiram ao processo de diversificação, onde obtiveram excelentes resultados. Mas, mesmo assim, apesar da diversificação nas culturas, a soja é o principal produto já que a sua safra chega anualmente aos três milhões de sacas, sendo seguida, pela de milho que alcança o número de um milhão e meio de sacas. Outro aspecto de destaque da agricultura é a produção de suínos que, no ano de 1979, chegou a 190 mil cabeças;



muitas das quais foram iniciadas no processo de industrialização aqui mesmo, através das atividades do Frigorífico Rondon, agora sob a posse da Swift Armour S/A. Também foi ampliada a criação de bovinos de leite e corte, de aves, plantação de mandioca, plantação de arroz, hortelã, feijão, fumo, girassol, verduras e outras. Em apoio à industrialização de alimentos, iniciou-se a pesquisa para a produção de milho verde (milho doce), ervilha e feijão de vagem, que oferecem vantagens excepcionais se comparados com as culturas tradicionais, para o aproveitamento econômico dos minifúndios.

O desenvolvimento industrial, por seu lado, é prioritário e para tanto, a prefeitura municipal modificou a Lei de Incentivos Fiscais em 05 de novembro último, proporcionando a isenção de impostos; a doação, venda e concessão real de uso de bens imóveis; estudos de viabilidade econômica; financeira de projetos de engenharia; serviços de infraestrutura, luz, água, telefone, telex, acesso asfaltado, terraplanagens, etc. No setor do desenvolvimento industrial, ainda, Mal. C. Rondon possui uma área de 32,5 hectares, dos quais 7,5 são divididos em 27 módulos de 2.000 m2 cada um, a ser vendidos por preços baixos às indústrias. Os outros 25 hectares foram adquiridos para a implantação do Distrito Industrial, cujo projeto está entregue à Secretaria da Indústria e Comércio, já que nosso município faz parte do Terceiro Eixo Industrial do Estado.

Levando o nome do desbravador brasileiro Cândido Mariano da Silva Rondon, o nosso município foi emancipado em data de 25 de julho de 1960, possui uma superfície de 1.206 km2, com uma densidade demográfica de 67 hab./km2, sendo que a localização do município, em termos de altitude, é de 420 metros acima do nível do mar. A topografia é considerada plana. Os habitantes chegam à casa dos 80.538, sendo que destes, 28.731 são eleitores. As empresas rurais são 7.309, destas, 67 por cento são minifúndios (áreas inferiores aos 10 hectares); Indústrias, Mal. C. Ron-

don possui 152 e, os estabelecimentos comerciais, perfazem um total de 298, enquanto que os prestadores de serviço, somam 155 empresas.

Destques que também merecem menção são a Ferrovia da Soja, que passará próximo ao município; o lago de Itaipu que representará uma boa opção para a exploração do turismo; a Cooperativa Agrícola Mista Rondon Ltda, que congrega mais de cinco mil associados, responsáveis principais pela produção agrícola local; a FACIMAR - Faculdade de Ciências Humanas, que dispõe de cursos de Ciências Contábeis, Letras e História, que em breve estará em funcionamento; o esporte amador, principalmente han-

- Diá 25 - às 06 horas - Alvorada Festiva, com a Banda Municipal
- às 08 horas - Hasteamento das Bandeiras em frente o Centro Administrativo 25 de Julho.
- às 09 horas - Desfile de carros alegóricos em homenagem ao Agricultor Paranaense
- às 10 horas - Bênção dos carros em homenagem ao Motorista
- às 11 horas - Abertura da Exposição do Comércio - Indústria e Agricultura, no Módulo Desportivo
- às 11:20 hs - Show Mexicano com Pancho Delgado e sua orquestra (Módulo Desportivo)
- às 12 horas - Almoço no Módulo Desportivo
- às 14 horas - Lançamento da Pedra Fundamental da nova Rodoviária Municipal Germano Bosembecker
- às 14:30 hs - Inauguração do CSU pelo Governador do Estado Entrega pelo Governador do Prêmio "Empregado-Padrão" - promoção do Rotary Clube.
- às 16 horas - Governador visita a Exposição da Indústria e do Comércio, no Módulo Desportivo.
- às 16:30 hs - Caça ao Porco Liso
- Das 15 às 21 horas será servido Café Colonial, no Módulo Desportivo.
- Diá 26 - Das 09 às 18 horas - Torneio Interprofissão com participação de equipes de Médicos, Dentistas, Engenheiros, etc, de toda a região Oeste, no Módulo Desportivo.
- às 12 horas - Almoço no Módulo Desportivo
- Das 15 às 21 horas - Café Colonial, no Módulo Desportivo
- Das 20 às 23 horas - Disputas Esportivas Regionais
- Diá 27 - II FESTA NACIONAL DO BOI NO ROLETE
- Das 15 às 21 horas - Café Colonial-no Módulo Desportivo
- à tarde - Apresentação Folclórica local e Caça ao Porco Liso

Quando à programação que falta ainda ser realizada, é necessário que seja destacada a oportunidade de todos, indistintamente, adquirirem vários produtos que serão oferecidos por pessoas que vivem no interior e fabricam os seus queijos, salames, vinhos, licores "schmiers", melados e muitos outros. Ao lado

debol, onde Mal. C. Rondon é atualmente campeão estadual estudantil, além do futebol de campo que adentrou nova fase; e, também, a cultura, com a biblioteca pública, grupo de teatro, folclore, banda municipal, museu histórico, escolas de música e dança, além de esportes, pintores, associação orquidófila e círculo cultural.

Tudo isto, atualmente, quando Mal. C. Rondon vive a Semana do Município, de 19 a 27 de julho, vem sendo alvo de análise e apreciação pelo grande público, local e regional, que tem afluído a nossa cidade para participar das festividades alusivas ao 20º aniversário, que hoje (25) entram na reta final e, por isso mesmo, principal de todas as comemorações.

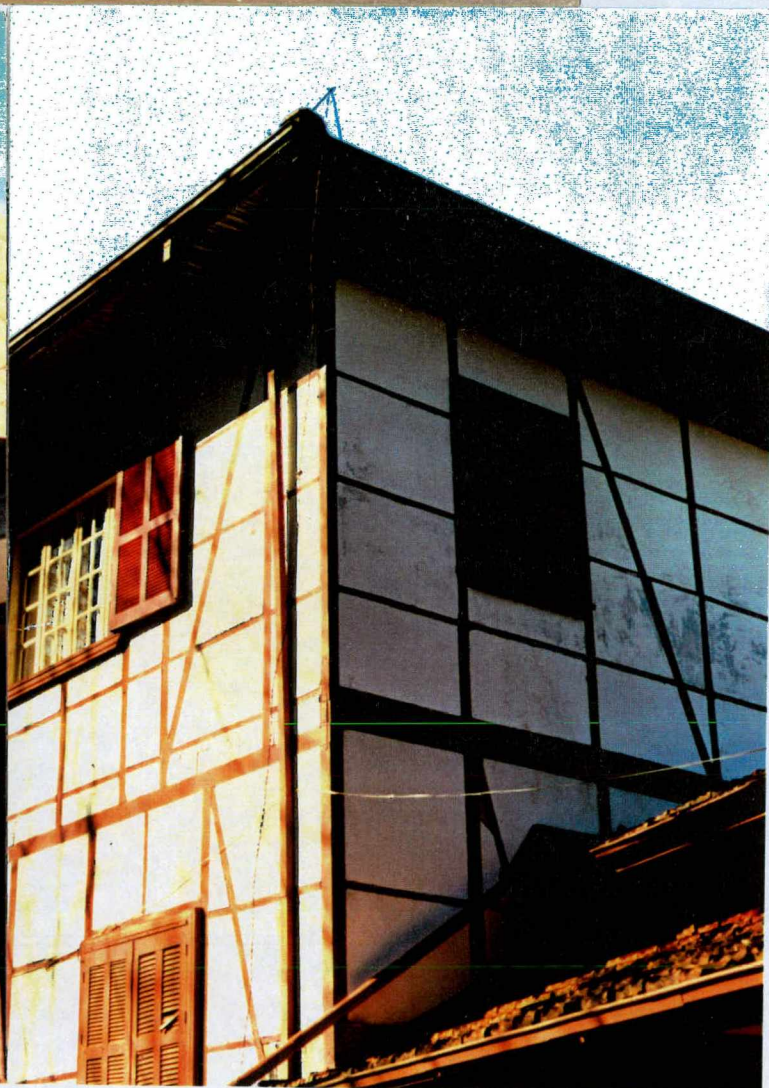
Iniciada no sábado passado, com o jantar árabe, a programação festiva do 20º aniversário continuou durante toda a semana com a promoção de outras refeições típicas; alemão, no almoço de domingo; italiana, na segunda-feira à noite; brasileira, na terça-feira, às 19:00 horas; japonesa, no dia 23, também à noite. Ontem a noite, dia

24, no Clube Concórdia, foi efetivado o baile do município e, para hoje, dia do aniversário, está prevista a seguinte programação:

desta oportunidade, os interessados também poderão adquirir esculturas, quadros, artigos de cerâmica, além de outros produtos artesanais.

PARTICIPE VOCÊ TAMBÉM DAS NOSSAS FESTIVIDADES. O CONVITE ESTENDE-SE A TODOS.

Anexo 09: Aspectos da Arquitetura germânica de Marechal Cândido Rondon.



FONTES E BIBLIOGRAFIA

Fontes:

a) Entrevistas:

BENVENHO, Mauro. Entrevista concedida ao autor em Marechal Cândido Rondon: 01 de agosto de 1999. (A.A).

GIACOBBO, Vitor. Entrevista ao autor em Marechal Cândido Rondon: 03 de agosto de 1999. (A.A).

REUTER, Bruno. Entrevista concedida ao autor em Cascavel: 29 de janeiro de 2000. (A.A).

RHEINHEIMER, Margarete Carpenedo. Entrevista concedida ao autor em Marechal Cândido Rondon: 09 de agosto de 1999. (A.A).

SCHURT, Wiland. Entrevista concedida ao autor em Cascavel: 30 de agosto de 1999. (A.A)

SODER, Neina. Entrevista concedida ao autor em Quatro Pontes: 06 agosto de 1999. (A.A).

b) Leis, Decretos, e Ofícios:

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON **Decreto Municipal n.º060/93** de 04 de junho de 1993 e n.º 002/99 de 27 de janeiro de 1999.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. **Edital De Concurso para Elaboração de Projeto para um Portal Municipal a ser Construído Próximo ao Trevo de Acesso à PR – 467.** Marechal Cândido Rondon – Paraná. Edital n.º 001/94. 1994.

5 Formas de apresentação

5.1 Formato

Os textos devem ser apresentados em papel branco, formato A4 (21,0 cm x 29,7 cm), digitados ou datilografados no averso da folha, exceto a folha de rosto (ver 4.1.2).

O projeto gráfico é de responsabilidade do autor do trabalho.

Recomenda-se, para citação, a utilização de fonte tamanho 12 para o texto e tamanho 10 para citações longas e notas de rodapé.

5.2 Margem

As folhas devem apresentar margem esquerda e superior de 3 cm; direita e inferior de 2,0 cm.

5.3 Espaçamento

Todo texto deve ser digitado ou datilografado, com 1,5 de entrelinhas.

As citações longas, as notas, as referências e os resumos em vernáculo e em língua estrangeira devem ser digitados ou datilografados em espaço simples.

Os títulos das seções devem ser separados do texto que os precede ou que os sucede por uma entrelinha dupla (um espaço duplo ou dois espaços simples).

5.3.1 Notas de rodapé

As notas devem ser digitadas ou datilografadas dentro das margens, ficando separadas do texto por um espaço simples de entrelinhas e com filete de 5 cm, a partir da margem esquerda.

5.3.2 Indicativos de seção

O indicativo numérico de uma seção precede seu título, alinhado à esquerda, separado por um espaço de caractere. Nos títulos, sem indicativo numérico, de no lista de ilustrações, sumário, resumo, referências e outros devem ser centralizados, conforme a NBR 6024.

5.4 Paginação

Todas as folhas do trabalho, a partir da folha de rosto, devem ser contadas sequencialmente, mas não numeradas. A numeração é colocada, a partir da primeira folha da parte textual, em algarismos arábicos, no canto superior direito da folha, a 2 cm da borda superior, ficando o último algarismo a 2 cm da borda direita da folha. No caso de o trabalho ser constituído de mais de um volume, deve ser mantida uma única seqüência de numeração das folhas, do primeiro ao último volume. Havendo apêndice e anexo, as suas folhas devem ser numeradas de maneira contínua e sua paginação deve dar seguimento à do texto principal.

5.5 Numeração progressiva

Para evidenciar a sistematização do conteúdo do trabalho, deve-se adotar a numeração progressiva para as seções do texto. Os títulos das seções primárias, por serem as principais divisões de um texto, devem iniciar em folha distinta (ver 5.3.2). Destacam-se gradativamente os títulos das seções, utilizando-se os recursos de negrito, itálico ou grifo e redondo, caixa alta ou versaí, e outro, conforme a NBR 6024.

5.6 Citações

Menção, no texto, de uma informação extraída de outra fonte, conforme a NBR 10520.

5.7 Abreviaturas e siglas

Quando aparecem pela primeira vez no texto, deve-se colocar seu nome por extenso, acrescentando-se a abreviatura ou a sigla entre parênteses.

Exemplo: Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT)

5.8 Equações e fórmulas

Aparecem destacadas no texto, de modo a facilitar sua leitura. Na seqüência normal do texto, é permitido o uso de uma entrelinha maior que comporte seus elementos (expoentes, índices e outros). Quando destacadas do parágrafo são centralizadas e, se necessário, deve-se numerá-las. Quando fragmentadas em mais de uma linha, por falta de espaço, devem ser interrompidas antes do sinal de igualdade ou depois dos sinais de adição, subtração, multiplicação e divisão.

Exemplo: $x^2 + y^2 = z^2$

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON **Ofício**
nº463/68. 04 de setembro de 1968. Dossiê 0551. Cx 062-DOPS, Arquivo Público do
Estado do Paraná.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON **Lei Municipal**
nº1.627 de 14 de julho de 1986.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. **Regulamento**
da lei nº1.627 de 14 de julho de 1986, que concede favores fiscais às construções
típicas para fins residenciais e comerciais, aprovado pelo Decreto n.º 090/87, de 22
de junho de 1987.

Jornais e Revistas :

DIARIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANA. Curitiba: n.º 3291, ano 13. 09 de
outubro de 1943.

DIÁRIO OFICIAL DO ESTADO DO PARANÁ. Curitiba: n.º 2.041, ano 09. 30 de
março de 1939.

JORNAL DA TARDE. São Paulo: 18 de maio de 1968.

Jornal **FOLHA DE LONDRINA.** Londrina: 24 de setembro de 1992.

Jornal **FOLHA DE LONDRINA.** Londrina: 11 de setembro de 1998.

Jornal **FRONTEIRA DO IGUAÇU.** Cascavel: 19 de março de 1976.

Jornal **O ALENTO.** Marechal Cândido Rondon : Ano I, n.º 50. 25 a 31 de julho de
1980.

Jornal **O ALENTO.** Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 30. 07 a 13 de fevereiro de
1980.

Jornal **O ALENTO.** Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 51. 01 a 07 de agosto de
1980

- Jornal **O ALENTO** Marechal Cândido Rondon: Ano II, n.º 95. 24 a 30 de julho de 1981
- Jornal **O ESTADO DO PARANÁ**. Curitiba: Ano XLI, n.º 12.091. 6 de Agosto de 1991
- Jornal **O PARANÁ**. Cascavel: 23 de julho de 1983.
- Jornal **O PARANÁ**. Cascavel: 23/07/1983.
- Jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 01 de novembro de 1996.
- Jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 15 de novembro de 1996.
- Jornal **O PRESENTE**. Marechal Cândido Rondon: 03 de setembro de 1999.
- Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO** Marechal Cândido Rondon: Ano I, n.º 18. 25 de julho de 1974.
- Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO**. Marechal Cândido Rondon: 19 de março de 1976.
- jornal **RONDON HOJE**. Marechal Cândido Rondon: n.º 38. 13 a 20 de maio de 1978.
- Jornal **RONDON HOJE**. Marechal Cândido Rondon: n.º 42, de 10 a 17 de junho de 1978.
- Jornal **RONDON COMUNICAÇÃO**. Marechal Cândido Rondon: 31 de julho de 1976.
- Jornal **STUTTGARTER ZEITUNG**. Nº 84 de 09 de abril de 1968
- Jornal **ZERO HORA**. Porto Alegre: 31 de julho de 1995.
- Revista **DER SPIEGEL** Hamburg: n.º 07 de 10 de fevereiro de 1969.
- Revista **CIRCUS**. Marechal Cândido Rondon: n.º 03. Junho de 1997.
- Revista **NEUE REVUE** Hamburg: n.º 05, de 02 de fevereiro de 1969.
- Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 20. Agosto de 1987.
- Revista **OESTE** Cascavel: n.º 25. fevereiro de 1988.
- Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 50, julho de 1990
- Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 52. Setembro de 1990.
- Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 53. outubro de 1990.
- Revista **OESTE**. Cascavel: n.º 81. Abril de 1993.
- Revista **PARIS MATCH** n.º 1.379 s.d.
- Revista **QUICK** de 24/30 de abril de 1975.

Revista **RECADO**. Toledo: Ano I, n.º 03. 25 de julho de 1974.

Revista **VEJA**. São Paulo: 11 de novembro de 1998.

Relatórios e Pronunciamentos:

BERTOLLI, Lyrio. **Em Defesa De Nossa Terra, Nossa Gente E Nossa História**.

Discurso proferido na Câmara dos Deputados. Brasília: Departamento de Imprensa Nacional. 12 de junho de 1968. Arquivo do Museu Histórico Willy Barth.

ERDSTEIN, Erich. **Criminosos de Guerra no Brasil: Sua Localização e Atividades no Estado do Paraná – Relatório Parcial**. Curitiba: Secretaria de Segurança Pública, Dossiê nº 00551, caixa nº 062 –DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná, 1968.

MEHLER, Karl. **Toledo Uma Nova Patria**. Jubileu dos cinquenta anos de existência do Sínodo Luterano. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil- IECLB-. 1955 mimeo. Tradução: Leonda Wieczorek

NIEDERAUER, Ondy Hélio. **Plano de Colonização da Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S/A- MARIPÁ**. Toledo: 1955, mimeo.

SCHURT, Wiland. **Caracterização Germânica de Marechal Cândido Rondon**, Marechal Cândido Rondon: Prefeitura Municipal de Marechal Cândido Rondon, 22 de setembro de 1986.

WINTER, Élio. **Oktoberfest: Sucesso Total**. Marechal Cândido Rondon: Rádio Difusora do Paraná, 27 de outubro de 1987.

WYPYCH, Roberto. **Discurso Pronunciado na Sessão Plenária da Assembléia Legislativa**. Curitiba: Assembléia Legislativa do Estado do Paraná, 18 de julho de 1968. Mimeo.

Prospectos de propaganda:

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON **HISTÓRICO**

DA OKTOBERFEST. Marechal Cândido Rondon: 1988.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON **HISTÓRICO**

-OKTOBERFEST: A festa de um povo. Marechal Cândido Rondon: 1991.

PREFEITURA MUNICIPAL DE MARECHAL CÂNDIDO RONDON. **FOLDER: Que Corajosa Aquela Gente.** Marechal Cândido Rondon: 1996.

Outros Documentos:

AUTO DE QUALIFICAÇÃO E INTERROGATÓRIO DE ALCIONE MARTINS

COM ENVOLVENCIA DE TENTATIVA DE SEQUESTRO NA CIDADE DE

MARECHAL CÂNDIDO RONDON. Secretaria de Estado de Segurança

Pública – Polícia Civil. Corregedoria de Policia Civil. Curitiba: 06 de julho de

1976. Dossiê nº0551, caixa 062 – DOPS. Arquivo Público do Estado do Paraná.

FILME. Os Meninos do Brasil Título original: *The Boys From Brazil*. Produção:

Martin Richards. Direção: Franklin J. Schaffner. Duração: 123 minutos, 1978.

GASA, Heribert Hans-Joachim e SEYBOTH, Friedrich Ruprecht. **Correspondência**

enviada à Direção da Revista Manchete, em 8 de setembro de 1975.

GASA, Heribert Hans-Joachim e SEYBOTH, Friedrich Ruprecht. **Correspondência**

enviada à Direção da Revista Realidade, em 06 de março de 1976.

WYPYCH, Roberto. **Correspondência enviada ao vereador Orlando dos Santos.**

Curitiba: 18 de julho de 1968. Museu Histórico Willy Barth.

Bibliografia:

- AMARAL, Manoel Luiz do. **Assim é o Paraná**. Curitiba: Scientia et Labor, 1990.
- ARNTZ, Helmut. **Fatos sobre a Alemanha**. Wiesbandener Graphische Betriebe GmbH, Wiesbaden. 1968.
- AULICH, Werner. **O Paraná e os Alemães. Estudo caracterológico sobre os imigrantes germânicos**. Curitiba: Editado pela Comissão de festas do Grupo Étnico Germânico do Paraná, 1953.
- BORSTEL, Clarice Nadir Von. **Aspectos do Bilingüismo em Marechal Cândido Rondon**. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em Letras - Lingüística) Curso de Pós-Graduação em Letras- Lingüística, UFSC, 1992.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. São Paulo: EDUSP, 1996.
- _____. **A Economia das Trocas Simbólicas**. 3ª. Ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CARNEIRO, M. L. T. **O Anti-semitismo na Era Vargas: Fantasmas de uma geração (1930 – 1945)**. 2ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- _____. (org) **Inventário DEOPS: Alemanha, Módulo I**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.
- CHALHOUB, Sidney. **Visões da Liberdade. Uma História das Últimas Décadas da Escravidão na Corte**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1998.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990,
- COHN, Gabriel. (org.) **Weber Sociologia**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1989.
- CUCHE, Denys. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Florianópolis: EDUSC, 1999.
- DIRKSEN, Valberto. **Dona Emma. História do município**. Florianópolis. 1996.

- ERDSTEIN, Erich e BEAN, Barbara. **Renascimento da Suástica no Brasil. A verdadeira história de Os Meninos do Brasil.** Nórdica, s/d.
- FARAGO, Ladislav. **Aftermath. The Most Daring Manhunt of our Time. The Final Search for Martin Bormann.** 2ª edição. New York: Simon and Schuster, 1975.
- _____. **Martin Bormann and the Fourth Reich.** New York: Simon and Schuster, 1974.
- FERREIRA, João Carlos Vicente. **O Paraná e seus Municípios.** Maringá: Ed. Memória Brasileira, 1996.
- FLORES, Bernadete Ramos Flores. **Oktoberfest. Turismo, Festa e Cultura na estação do Chopp.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1997.
- _____ e WOLFF, Cristina Scheibe. *Imagens que não se apagam: representações de gêneros na Oktoberfest.* In: **Projeto História. Revista do programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC.** nº14, São Paulo: 1997.
- _____. **A Farra do Boi. Palavras, sentidos e ficções.** Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I : a vontade de saber.** V. 1, 11ª edição. Rio de Janeiro: Graal. 1993.
- _____. **A Ordem do Discurso.** 3.ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- _____. **Microfísica do Poder.** 2.ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- FOUQUET, Carlos. **O Imigrante alemão e seus Descendentes no Brasil. 1808 – 1824 – 1974.** Ed. Instituto Hans Staden, 1974.

- FROTSCHER, Méri. **Etnicidade e Trabalho Alemão: outros usos e outros produtos do labor humano**. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Santa Catarina, 1988.
- GERTZ, René. **O Perigo Alemão**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1991.
- _____. *Os Quistos Étnicos Alemães*. São Leopoldo: **Estudos Leopoldenses – Série História**, vol. 2, n.º 1, 1998.
- GREGORY, Valdir. **Os Euro-brasileiros e o Espaço Colonial: A dinâmica da colonização no Oeste do Paraná**. Niterói: Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal Fluminense, 1997.
- GRIMAL, Pierre. **Dictionnaire de la Mythologie Grecque et Romaine**. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
- HALL, Stuart. *Identidade Cultural e Diáspora*. In: **Revista do Patrimônio Histórico**. Volume temático: Cidadania, n.º 24, 1996.
- IPARDES- Fundação Edison Vieira. **O Paraná Reiventado: política e governo**. Curitiba: 1989.
- IURKIV, José E. **Criação e implicâncias na Construção de uma Identidade Cultural Rondonense**. Marechal Cândido Rondon: Marechal Cândido Rondon: Monografia (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE, 1993.
- KHUN, Wilson Carlos. **Willy Barth**. Toledo: Arquivo Museu Willy Barth, 1978, mimeo.
- LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de Família. Leitura da Fotografia Histórica**. São Paulo: Edusp, 1993.
- LENHARO, Alcir. **Sacralização da Política**. Campinas: Papirus, 1986.

- LIMBERGER, Lucinéia. **A Construção de uma Identidade Germânica em Marechal Cândido Rondon- 1950-95**. Monografia (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE, 1995.
- MAGALHÃES, Marionilde. **Pangermanismo e Nazismo. A trajetória alemã rumo ao Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1998.
- MARTINS, Romário. **História do Paraná**. Curitiba: Travessa dos Editores, 1995.
- MARTINS, Wilson. **Um Brasil Diferente**. São Paulo: Anhembi, 1955.
- MILLINGTON, Barry (org). **Wagner. Um Compêndio. Guia completo da música e da vida de Richard Wagner**. Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- MULLER, Keith D. **A Ocupação do Sul do Brasil. O caso de Toledo-Pr**. Toledo: Arquivo Histórico Willy Barth, mimeo, 1973.
- NEWTON, Ronald C. *Los Estados Unidos, Los Germanos-Argentinos y el Mito del Cuarto Reich 1943 – 47*. **Revista de História de América**. México: Instituto Panamericano de Geografia e História. n.º 105. Enero – Junio. 1988.
- NIEDERAUER, Ondy H. **Toledo no Paraná. A História de um Latifúndio Improdutivo, sua Reforma Agraria, sua Colonização, seu Progresso**. Toledo: Manz Etiquetas Adesivas, 1992.
- NORA, Pierre. *Entre Memória e História. A problemática dos lugares*. In: **Projeto História**, São Paulo: n.º 10, PUC, 1993.
- OBERACKER JR, Carlos H. **A Contribuição Teuta À Formação da Nação Brasileira**. Volume 1. 4ª edição, Rio de Janeiro: Presença, 1985.
- OBBERG, Kalervo e JABINE, Thomas. **Toledo. Um Município da Fronteira Oeste do Paraná**. Rio de Janeiro: Estudos n.º 03. Edições SSR, 1960.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de Discurso. Princípios e Procedimentos**. Campinas : Pontes, 1999.

- _____ **Discurso e Leitura**. Campinas: UNICAMP, 1988.
- _____ (org). **Palavra Fé Poder**. Campinas: Pontes, 1987.
- PAWELKE, J. **Ficando Rico no Oeste do Paraná. Uma pequena história do oeste do Paraná especialmente do município de Marechal Cândido Rondon**. s.d. mimeo.
- PERAZZO, Priscila Ferreira. **O Perigo Alemão e a Repressão Policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.
- POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 2, n.º 3, 1989.
- _____. *Memória e Identidade Social*. In: **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol. 3, n.º 10, 1992.
- POUTIGNAT, Philippe e FENART, Jocelyne Streiff. **Teorias da Etnicidade. Seguindo de Grupos Étnicos e suas Fronteiras de Fredrik Barth**. São Paulo: editora da UNESP, 1998.
- QUEIRÓS, Ilse Lorena von Borstel Galvão de. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon, Pr: um estudo sobre o significado do lazer entre os descendentes de alemães**. Campinas: Dissertação (Mestrado em Educação Física) Curso de Pós-Graduação em Educação Física, UNESP, 1999.
- SAATKAMP, Venilda. **Desafios Lutas e Conquistas. História de Marechal Cândido Rondon**. Cascavel: ASSOESTE, 1985.
- SCHAMA, Simon. **Paisagem e Memória**. São Paulo: Cia das letras, 1996.
- SCHMIDT, Róbi Jair. **Cenas da Constituição de Um Mito Político**. Curitiba: Dissertação (Mestrado em História) Programa de Pós-Graduação em História, UFPR, 2000.
- SCHREINER, Davi Félix. **Cotidiano, Trabalho e Poder. A Formação da Cultura do Trabalho no Extremo Oeste do Paraná**. 2ª ed. Toledo: Editora Toledo, 1997.

- SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e Identidade Étnica**. Florianópolis: Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SHIRER, William L. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich**. Rio de Janeiro: Vol. I, 4ª edição, Ed. Civilização Brasileira S.A, 1984.
- SILVA, Oscar. (et alii) **Toledo e sua História**. Toledo: Prefeitura Municipal, 1988.
- SMANIOTTO, Jeferson. **A Oktoberfest de Marechal Cândido Rondon (1987 – 1996)** Monografia (Monografia de Conclusão de Curso em História), UNIOESTE, 1997.
- VIANA, Oliveira. **Populações Meridionais do Brasil. O Campeador Rio-Grandense**. Volume 2. Rio de Janeiro: Terra e Paz, 1974.
- WACHOWICZ, Ruy C. **Obrageiros Mensus e Colonos. História do Oeste Paranaense**. 2ª edição. Curitiba: Vicentina, 1987.
- _____. **História do Paraná**. 6ª edição. Curitiba: Vicentina, 1988.
- WEIMAR, Günter. **A Arquitetura da imigração alemã: um estudo sobre a adaptação da arquitetura centro-européia ao meio rural do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1983.
- ZIMER, Roseli. **“Pomerode, a Cidade mais Alemã do Brasil”**. As Manifestações de Germanidade em uma Festa Teuto-Brasileira. Florianópolis: Dissertação (Mestrado em História) UFSC, 1997.